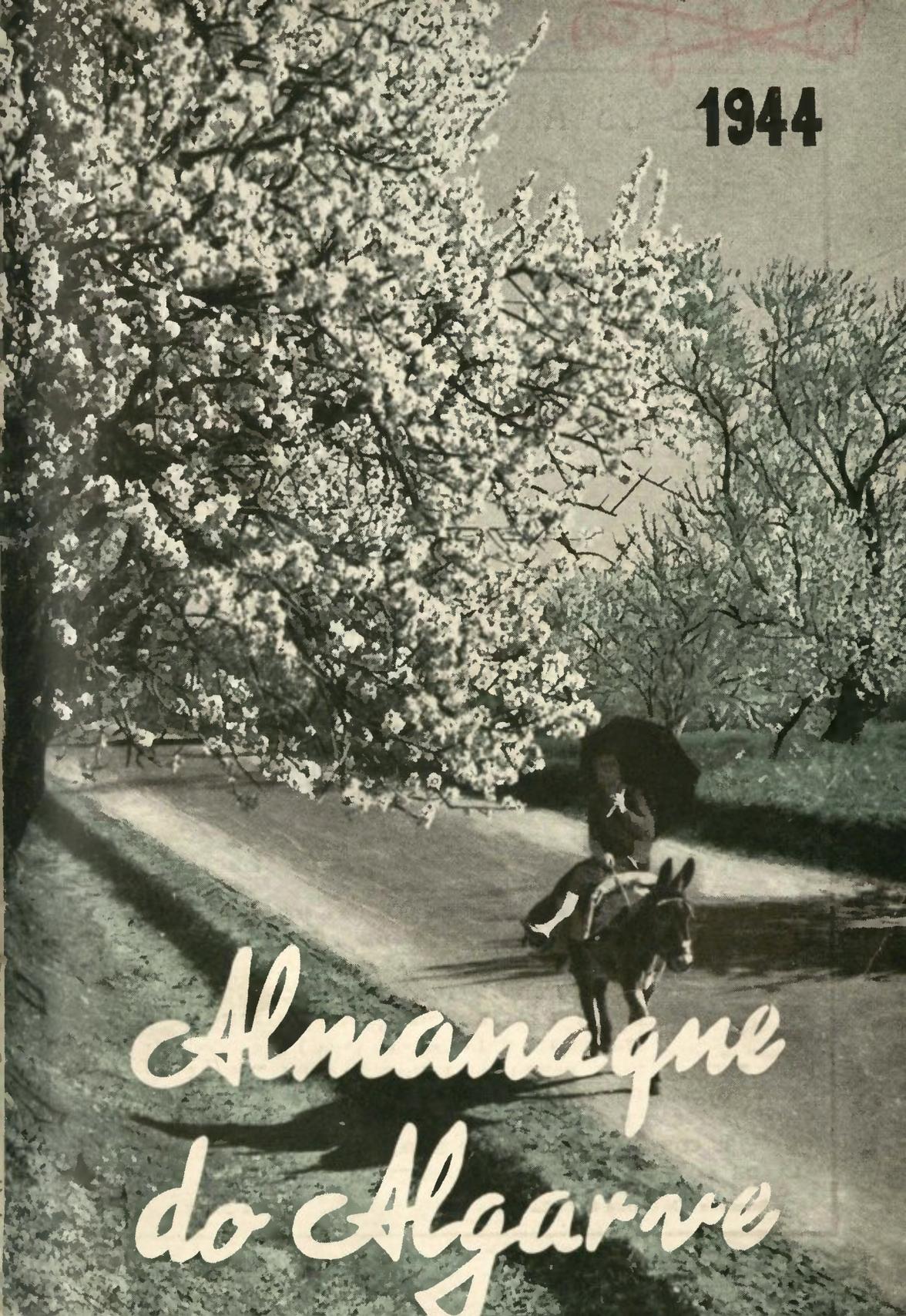
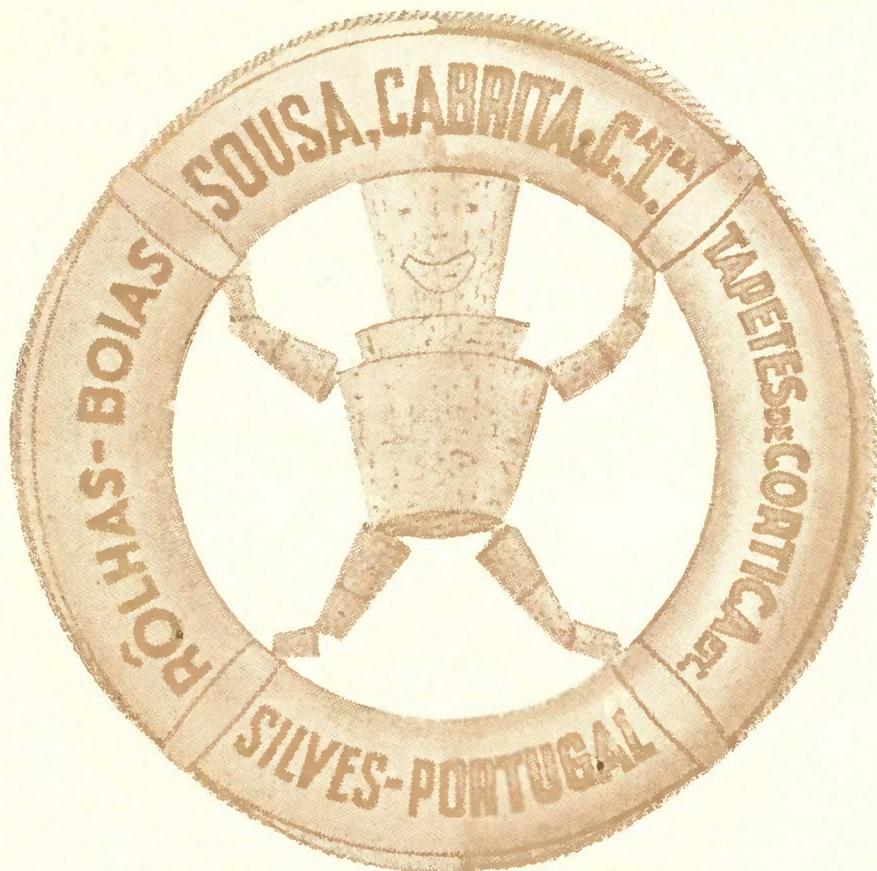


1944

A black and white photograph of a person riding a donkey down a dirt path. The path is lined with trees in full bloom, likely almond trees, creating a canopy of white flowers. The scene is captured from a low angle, looking down the path. The overall mood is peaceful and rural.

*Almanaque
do Algarve*

TODOS OS ARTIGOS DE CORTIÇA



TODOS OS TIPOS E CALIBRES DE ROLHAS PARA
FARMACIA E PARA ENGARRAFAMENTOS DE VINHOS

TAPADEIRAS E BATOQUES EM TODOS OS TAMANHOS

BOIAS PARA REDES DE PESCA

CAPSULAS E DISCOS PARA AS MESMAS

BUCHAS DE CORTIÇA PARA CAÇA

PALMILHAS E TIRAS DE CORTIÇA PARA SÓLAS

TALONETES (Calcanheiras de Cortiça)

TAPETES PARA BANHO, ARTICULADOS E EM XADREZ

TAPETES EM CORTICITE COM DESENHOS E EM VARIOS TAMANHOS

NAPPERONS PARA MESA, EM DIVERSOS MODÉLOS

E COM LINDOS E VARIADOS DESENHOS A CORES

LÃ DE CORTIÇA PARA CAMAS, ALMOFADAS E ÉDREDONS, ETC.

Remessas pelo Correlo à COBRANÇA

PEDIR PREÇOS

~~Co 260/3~~ P.P. 372

INSTITUTO LUSITANO



COLÉGIO autorizado por alvará, de ambos os sexos, *mas em sédes separadas*, para alunos internos, semi-internos e externos, de instrução primária, secundária, comercial e admissão às Faculdades.

Sexo Masculino

Sexo Feminino

Avenida Grão Vasco, 56

Estrada de Benfica, 765

(Palácio Politeira, junto ao Parque Silve Pêrto)

(Palacete Peyssoneau)

LISBOA-BENFICA

TELEFONE 58074

O melhor colégio de Lisboa em instalações verdadeiramente sanatoriais, com ares de campo, luz e paisagem, condições indispensáveis ao desenvolvimento físico das crianças e com carro eléctrico e com combóio à porta. Ótimo tratamento familiar fornecido em parte pelas frescas hortaliças da Quinta Peyssoneau, frutas, legumes e leite puro das vacas do seu estábulo. Além dos cursos acima indicados, ministram-se mais, na Secção Feminina, os que caracterizam a educação de uma menina como sejam Laveres, Pintura, Canto, Piano, Rudimentos e Ciências musicais, Arte aplicada, etc.

Auto-Carro para transporte dos alunos externos para os dois colégios

Enviem-se prospectos illustrados
com as condições de admissão

PEDIDOS AO DIRECTOR

JOSÉ PEDRO MOREIRA

O GLYCOL é o ideal da pele

MORANDO STEFANO

FÁBRICA DE MOSAICOS ARTÍSTICOS
EM CIMENTO E MÁRMORITE (ESTILO VENEZIANO)

O material preferido para tōda a classe de pavimentos. Declarações de diversos consumidores atestam a sua magnifica qualidade e perfeito acabamento.

Preços sem competência /// Orçamentos grátis

RUA MIGUEL BOMBARDA
Vila Real de Santo António

M A D E I R A S

Importação directa de casquinha, pitch pine, carvalho, nogueira americana, fave, mogno, macacaúba, fraijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Únicos fabricantes do País — Marca registada SEVERO

Aduelas e arcos de Ferro

Em tōdas as medidas para tanoaria
no nosso armazém do Poço do Bispo

TORRENS & MARQUES PINTO, L.^{DA}

Rua Vasco da Gama, 33 a 37 — LISBOA
Telefones: 60176, 60177 60178 P. B. X. — Telegramas: FLORESTAL

O GLYCOL evita as rugas

JOSÉ
HENRIQUE
BOTELHO

CARPINTARIA
MECÂNICA E CIVIL
TANOARIA

Oficina de ferreiro — Pintura
e todos os materiais para cons-
trução civil

98 — Rua Almirante Reis — 106

O L H Ã O

TELEFONE 82

Livraria «AL-FAGHAR»

DE

A. VICENTE CAMPINAS

Rua Teófilo Braga, 56
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone N.º 80

Últimas novidades literárias. Edições brasileiras dos melhores escritores / Artigos de Escritório, Papelaria, Tabacaria, Perfumarias e Jornais / Artigos de bijouteria / Canetas americanas «Osmia Progress».

Aceita representações de artigos de
Rádio-Fotográficos e quaisquer outros
relacionados ou dependentes desses

SOCIEDADE POLLOX

L I M I T A D A



Quinquilharias, Bijouterias,
Cutelarias, Brinquedos,
Malhas, Peugas, Meias, etc.



Grandes descontos para revenda

132-1.º, RUA DA PALMA, 138

TELEFONE 2 2294

LISBOA

O GLYCOL amacia a pele

António Lourenço Correia

Negociante de Sal e Armazenista

Intermediário de Frutos Sêcos

Rua João de Deus
CASTRO MARIM

SANCHES & BARROSO, L.^{DA}

DESPACHANTES DA ALFÂNDEGA

Fábrica mecânica de

latas para conservas

Depósito de madeiras,

Caixas, Cânhamo,

Alcatrão, Chumbo,

Estanho e Tintas

Importações e Expor-
tações em geral

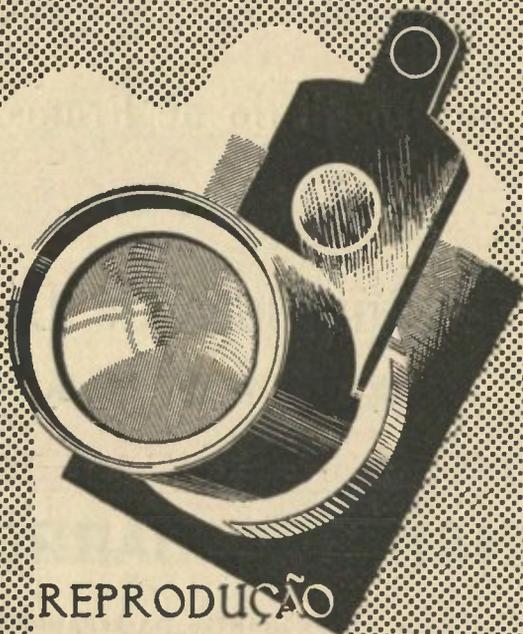
Telegramas: **SANBAR**

Telef. { Escritório, n.º 14
Fábrica, n.º 47

**VILA REAL DE
SANTO ANTÓNIO**

O GLYCOL evita o cieirol

ALMANAQUE DO ALGARVE



REPRODUÇÃO
DE

FOTO GRAVURA
L I T O
C R O M O

BERTRAND IRMÃOS L^{DA}

Travessa da Condessa do Rio, 27
Telefones: P. E. X. 21368 - 21227
LISBOA

O GLYCOL torna a pele aveludada

ESTORIL

COSTA DO SOL

a 23 quilómetros de Lisboa — Excelente estrada marginal — Rápido serviço de combóios eléctricos

A mais elegante prala do País

Todos os desportos : Golf (18 buracos), Tennis, Natação, Hipismo, Esgrima, Tiro, etc.

Estoril-Palace-Hotel : Moderno e elegante — Magnífica situação.

Hotel do Parque : Todo o confôrto — Anexo às termas.

Hotel de Ilália (Monte-Estoril) : Excelente cozinha — Preços moderados.

Estoril-Termas : Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Aberto todo o ano. — Tratamento de reumatismo, gôta, doenças das senhoras e da circulação. — Linfatismo e escrofulose. — Obesidade. — Análises clínicas.

T o m a r i z : Magníficas esplanadas sobre o mar. Serviço de Restaurante e «Bar».

Piscina de água tépida — Sala de armas

Escola de equitação — «Stands» de Tiro

Parque infantil

C o s i n o : Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — «Dancing» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Governo.

INFORMAÇÕES :

Sociedade Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

O GLYCOL cura o «queimado» da prala

Papelaria Carlos

de

Carlos Ferreira, L.^{da}

Papelaria fundada em 1848

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO MATERIAL DE DESENHO

CASA ESPECIALISADA EM LIVROS PARA
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

///

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, papeleiras, canetas com
tinta, lapisseiros, carnets, albuns para fotos, pastas
para mensagens, livros para visitantes, etc.

Secções de: Tabacaria, Va-
lores Selados, Lotarias
e Livraria

///

34, Rua do Ouro, 38

147, R. de S. Julião, 153

Lisboa

Telef. 20244

O GLYCOL dá frescura e leveza

Co 9.5268

ALMANAQUE DO ALGARVE

VOL. III

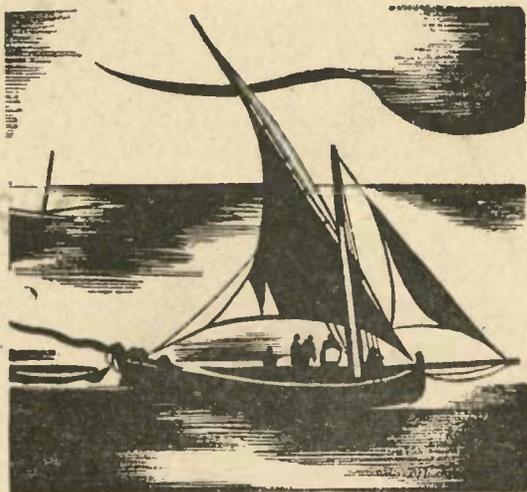
PROP. LIT.



R. 159735

1944

Dirrecção e Coordenação de Fausto Gonçalves
Organização publicitária de Eduardo Chegwin



ED. ALMANAQUE DO ALGARVE

Reservados todos os direitos de publicação nos termos da Lei

Comp. e imp. Tip. Americana
R. de Horta Sêca, 50 — Lisboa

Antelóquio

CARO leitor: Tens nas tuas mãos o **Almanaque do Algarve para 1944**, fruto de muitos dias e de muitas noites de árduo e extenuante trabalho. Ao leres estas páginas poderás verificar que a nossa obra tem um carácter puramente regionalista, é despida de pretenciosismos, tem um fim que pode definir-se com uma modesta e expressiva palavra: *Servir*. Como amas a Pátria, como és amigo do Algarve, cujo mar e cujas indústrias tanto te enfeitiçam e empolgam — antes de guardares este volume leva-o às mãos dos teus parentes, dos teus amigos, dos teus conhecidos. Talvez lhes agrade como, certamente, agradou a ti. Talvez queiram ser nossos leitores... Talvez queiram guardá-lo também...



O Algarve é positivamente
uma região encantada que só
carece afinal de propaganda.

Albino Forjaz de Sampalo

ALMANAQUE
DO ALGARVE

1.^A PARTE

Calendários — Informações Agrícolas
————— Indicações úteis —————



PRODUZIR E POUPAR

PRODUZIR E POUPAR é estar na primeira linha do combate á FOME.

NAS MÃOS DO LAVRADOR PORTUGUÊS está, em grande parte, a solução do problema dos abastecimentos à Nação. É CADA VEZ MAIS IMPERIOSO o dever de activa e permanente colaboração na campanha da Produção.

APROVEITAR TODO O TERRENO que possa produzir beneficia a lavoura e a economia portuguesa.

EVITA-SE UM MAL FUTURO — a carencia de alimentos — se todos colaborarem com o Govêrno da Nação.

PRODUZINDO E POUPANDO cria-se riqueza e serve-se a Pátria.



DELICIADA

Foto José Alberto Fogo — Objectiva

Calendário Comercial para 1944

Janeiro		Fevereiro		Março		Abril	
D	2 8 16 23 30	—	6 13 20 27	—	5 12 19 26	—	2 9 16 23 30
S	3 10 17 24 F	—	7 14 21 28	—	6 13 20 27	—	3 10 17 24
T	4 11 18 25	1	8 15 E 29	—	7 14 21 28	—	4 11 18 25
Q	5 12 19 26	2	9 16 S	1	8 15 22 29	—	5 12 19 26
Q	6 13 20 27	3	10 17 24	2	9 16 23 30	—	6 13 20 27
S	7 14 21 28	4	11 18 25	3	10 17 24 31	—	7 14 21 28
S	8 15 22 29	5	12 19 26	4	11 18 25	1	8 15 22 29
Maio		Junho		Julho		Agosto	
D	7 14 21 F	—	4 11 18 25	—	2 9 16 23 30	—	6 13 20 27
S	1 8 15 22 29	—	5 12 19 26	—	3 10 17 24 31	—	7 14 21 28
T	9 16 23 30	—	6 13 20 27	—	4 11 18 25	1	8 15 22 29
Q	10 17 24 31	—	7 14 21 28	—	5 12 19 26	2	9 16 23 30
Q	4 11 18 25	1	8 15 22 29	—	6 13 20 27	3	10 17 24 31
S	5 12 19 26	2	9 16 23 30	—	7 14 21 28	4	1 18 25
S	6 13 20 27	3	F 17 21	—	8 15 22 29	5	12 19 26
Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro	
D	3 10 17 21	1	8 15 22 29	—	5 12 19 26	—	3 10 17 21 31
S	4 11 18 25	2	9 16 23 30	—	6 13 20 27	—	4 11 18 F
T	5 12 19 26	3	10 17 24 31	—	7 14 21 28	—	5 12 19 26
Q	6 13 20 27	4	11 18 25	—	8 15 22 29	—	6 13 20 27
Q	7 14 21 28	F	12 19 26	—	9 16 23 30	—	7 14 21 28
S	1 8 15 22 29	—	6 13 20 27	—	3 10 17 24	F	8 15 22 29
S	2 9 16 23 30	—	7 14 21 28	—	4 11 18 25	2	9 16 23 30

O GLYCOL tira as manchas da pele

1.º Semestre

1.º Trimestre

J A N E I R O

1.º mês

31 dias

1	S.	Circun. do Saebor - Frat. Universal
2	D.	S. Isidoro
3	S.	S. Antero
4	T.	S. Gregório
5	Q.	S. Simeão Estel'sta
6	Q.	Dia dos Reis Magos
7	S.	S. Teodoro
8	S.	S. Lourenço Justiniano
9	D.	S. Julião
10	S.	S. Paulo
11	T.	S. Higino
12	Q.	S. Sátiro
13	Q.	S. Hilário
14	S.	S. Felix de Nola
15	S.	S. Amaro
16	D.	S. Martires de Marrocos
17	S.	S. Santo Antão
18	T.	S. Plsca
19	Q.	S. Canuto
20	Q.	S. Sebastião
21	S.	S. Inez
22	S.	S. Vicente
23	D.	S. Raimundo de Penaforte
24	S.	S. Timóteo
25	T.	Conversão de S. Paulo
26	Q.	S. Pollicarpo
27	Q.	S. João Crisóstomo
28	S.	S. Cirillo
29	S.	S. Francisco de Sales
30	D.	Santa Martinha
31	S.	Pero. da República - S. P. Nolasco

Grandes Feiras

1, Cabaços (Alvaiázere), Caminha, Caria (Belmonte), Flor da Rosa (Crato), Sarzedas (Castelo Branco); 3, Aviz, *porcos*; 5, Mondim de Basto; 6, Abragão (Penafiel), Aviz, *fazendas*, Castelo Branco; 10, Amarante, Coruche, *gado bovino e suino*, Niza 2 dias; 15, Almodovar, Castelo de Vide, Certã, Leiria, *gados*, Mascotelos (Guimarães) *gado bovino*, Ponte de Sôr, *porcos*, Reguenços de Monsaraz, 2 dias, Souto da Carvalhosa (Leiria); 16, Monte Redondo (Leiria), *gado* 2 dias; 17, Agrochão (Vinhais), Chamusca, *gado suino*, 2 dias, Penhas Juntas (Vinhais); 19, Vila Nova da Barquinha, *gado suino*, 2 dias; 20, Aguiar da Beira, Castro Verde, 3 dias, Crato, Lardosa (Cast. Branco), S. Bartolomeu de Messines, Vidigueira, 3 dias; 22, Alte (Loulé), Torres Vedras; 23, Esmolte Penalva do Castelo); 24, Anciã; 29, Vila Viçosa, 3 dias, 2.º domingo, Sardoal, 3.º domingo, S. Bartolomeu de Messines, 4.º domingo, Loures, *gado suino* último domingo, Alcains (Cast. Branco).

Agenda do caçador

No dia 1 começa a validade das licenças de caça e de porte de arma, de que os caçadores devem munir-se em Dezembro, para poderem caçar no dia de Ano Bom, que é feriado.

Neste mês encontra o caçador, além de caça indígena (perdiz, coelho e lebre) variada caça de arribação: galinhola, narceja, alcaravão, tarambola, abibes (vulgarmente conhecidos por bécuas ou bécuinhas), tódas as variedades de patos e ainda os saborosos tordos, as calhandras de entrada e os pombos bravos.

No dia 31 encerra-se a caça às espécies indígenas (perdizes, lebres, coelhos, abetardas e sisões).

Feriados Municipais

Dia 5, Castro Daire; dia 10, Inhambane (Moçambique); dia 13, Cadaval, Porto de Moz, Vila de Rei, Vila Velha de Rodão; dia 14, Elvas; dia 26, Mondim de Basto.

Contribuições e Impostos

Neste mês paga-se a contribuição industrial, grupos A, B e C, imposto profissional e complementar, quando inferiores a 200\$00; a 1.ª prestação da contribuição predial nas coletas não inferiores a 100\$00, e da contribuição industrial, impostos, profissional e complementar mas não inferiores a 200\$00; o imposto sobre aplicação de capitais (secção A), e a taxa militar cujo pagamento deve ser efectuado nas unidades militares ou secções administrativas.

JOSÉ FIGUEIRÓ

Lonas - Panos para azeitona

Rua dos Fanqueiros, 95

Telefone 29158 - Lisboa

1.º Semestre
1.º Trimestre

FEVEREIRO

2.º mês
29 dias

1	T.	S. Inácio
2	Q.	S. Lourenço
3	Q.	S. Braz
4	S.	S. André Corsino
5	S.	St.ª Agueda
6	D.	S. Borotêa
7	S.	S. Romualdo
8	T.	S. João da Mata
9	Q.	S. Apolónia
10	Q.	St.ª Escolástica
11	S.	S. Lázaro
12	S.	St.ª Eulália
13	D.	S. Gregório II
14	S.	S. Valentim
15	T.	S. Faustino
16	Q.	S. Profirio
17	Q.	S. Simão
18	S.	S. Teotónio
19	S.	S. Conrado
20	D.	S. Eleutério - Domingo Gordo
21	S.	S. Maximiano
22	T.	<i>Carnaval</i>
23	Q.	S. Pedro Damião - Cinzas
24	Q.	S. Pretextado
25	S.	S. Matias
26	S.	S. Cesário
27	D.	S. Torcato
28	S.	S. Leandro
29	T.	S. Alvaro

Ferlados Municipais

Dia 5, Mourão; dia 12, Manteigas; dia 13, Vila Nova de Pomares; dia 16, Vila Nova de Cerveira.

Contribuições e Impostos

Continua, neste mês, o pagamento da taxa militar nas unidades militares ou secções administrativas.— O senhorio que esteja a receber renda interior à que o prédio ou parte do prédio tenha inscrito na matriz, pode exigir dèste a parte da contribuição predial referente à diferença que vai da renda que o inquilino paga e o valor que a parte do prédio por ele ocupada tenha inscrito na matriz. Só durante o mês de Janeiro os senhorios podem requerer os certificados de contribuição predial a cargo dos inquilinos.

Grandes Felras

1, S. Brás de Alportel (Faro), 2 dias; S. Brás (Ourique), 2 dias; 2, Castro Daire, Evora, Gavião, Ferreira do Zêzere, 2 dias, Lumiar (Lisboa) *gados*, Odeleite (Castro Marim), Olival (Vila Nova de Ourém); 3, Albuteira, 3 dias, Bombarral, Cerveira e Nozede (Valpaços), *carne de porco*, Ega (Condeixa-a-Nova, Juncais (Fornos de Algodres), S. Brás (Oliveira do Hospital). 17, Agrochão e Penhas Juntas (Vinhais): 24, Abrantes 2.º domingo, Arronches, 2 dias.

Agenda do caçador

As espécies não indígenas podem caçar-se neste mês, nas lagôas, albufeiras, estuários e terrenos pantanosos, onde não sejam sedentários a perdiz e o coelho.

A caça aos pombos bravos à espera, com ou sem negaça, mas sem cão é permitida nos montados ao Sul do Tejo e nos dos concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Rodam, Idanha-a-Nova e Penamacor.

OENOL

A marca de garantia absoluta. Produtos para tratamento de vinhos e seus derivados. Material de laboratórios para análises de vinhos, vinágres, aguardentes e azeites, etc.

Licores acidimétricos e outros reagentes

Material de laboratório
DUJARDIN-SALLERON
e respectivos acessórios

Não comprem nada
sem nos consultar

Efrem Rodrigues, L.ª

Rua da Prata, 185, 2.º-D.º

Telefone 28014

LISBOA

1.º Semestre

1.º Trimestre

M A R Ç O

3.º mês

31 dias

1	Q.	S. Adrião
2	Q.	S. Simplicio
3	S.	S. Martinho
4	S.	S. Casimiro
5	D.	S. Teófilo
6	S.	S. Clezário
7	T.	S. Tomaz d'Aquino
8	Q.	S. João de Deus
9	Q.	S.ª Francisca Romana
10	S.	S. Milhão
11	S.	S. Cândido
12	D.	S. Gregório
13	S.	S.ª Sancha
14	T.	S.ª Matilde
15	Q.	S. Zicarias
16	Q.	S. Ciríaco
17	S.	S. Parrício
18	S.	S. Gabriel Arcanjo
19	D.	S. José
20	S.	S. Martinho Dumense
21	T.	S. Ben'o
22	Q.	S. Emidio
23	Q.	S. Felix
24	S.	S. Marcos
25	S.	Anunciação de N. Senhora
26	S.	S. Ludgero
27	S.	S. Róberto
28	T.	S. Alexandre
29	Q.	S. Vitorino
30	Q.	S. Inão Clímaco
31	S.	S. Benjamim St.ª Margarida

Grandes Feiras

2, Alcobaca; 8, Zebreira (Idanha-a-Nova); 12, S. Gregório (Armamar), Torres Novas, 8 dias; 17, Agrochão (Vinhais), Penhas Juntas (Vinhais); 18, Manteigas; 19, Aveiro, Constantina (Ancião), Povoá do Lanhoso; 21, Arco de Valdevez, S. Bento da Várzea (Barcelos); 25, Aveiro, mais de 8 dias, Belmonte, Chança (Alter do Chão), Cumieira (Penela), Leiria, 4 dias, Lourinhã, Malveira, Marvão, Midões (Tábua), Oleiros, Paçó (Arcos de Valdevez), *gados*, Quintela (Póvoa do Lanhoso); 26, Merceana (Alenquer), 1.ª sexta-feira, Flor da Rosa (Crato).

Agenda do caçador

No dia 15 termina a permissão da caça aos pombos e aves de arribação.

Do dia 16 em diante somente é permitido caçar animais nocivos à agricultura, à caça e à pesca.

Feriados Municipais

Dia 2, Marco de Canavezes; dia 24, Praia da Vitória (Açores).

Contribuições e impostos

Pagamento em dobro da taxa militar que não foi paga voluntariamente nos meses de Janeiro e Fevereiro, o qual se efectua nas uridades militares ou secções administrativas.

Venda de azeite e óleo

Pode vender-se no mesmo estabelecimento de retalho azeite e óleo de mendobi, mas é indispensável que as vasilhas que contenham um ou outro tenham afixado o letreiro indicativo do produto que contém.

Não devem, porém, os retalhistas, servir-se das mesmas medidas nem deixá-las escorrer para o mesmo taboleiro. A falta é punida, com multa de 1 a 10 contos.

Artigos de caça

É proibido fabricar, vender ou transportar ratoeiras para pássaros e outras armadilhas de caça. Os transgressores desta disposição de lei incorrem na multa de 200\$00 e respectivos adicionais (art. 85.º do decreto n.º 23:461 de 17-1-934).

ALCOOL

Sociedade Lusitana de Destilação

E. Fonseca & C.ª

ESCRITÓRIOS

Lisboa — Rua Vitorino Damásio, 26, 1.º, Esq.

Telefone 61168 61169-Alcool

Porto — Rua das Carmelitas, 100, 2.º — Telefone 1913

O CLYCOL é o inimigo das borbulhas

1.º Semestre
2.º Trimestre

ABRIL

4.º mês
30 dias

1	S.	S. Macário
2	D.	S. Francisco, de Paula
3	S.	S. Pancrácio
4	T.	S. Isidoro
5	Q.	S. Vicente Ferrer — <i>Irevas</i>
6	Q.	S. Marcelino — <i>Endoçuas</i>
7	S.	S. Epifanio — <i>Paizão</i>
8	S.	S. Amândio — <i>Alvina</i>
9	D.	S. Marcelo — <i>Pascoa</i>
10	S.	S. Ezequiel
11	T.	S. Leão
12	Q.	S. Victor
13	Q.	S. Hermenegildo
14	S.	S. Tiburcio
15	S.	S. Santa Basilisa
16	D.	S. Santa Egrácia
17	S.	S. Aniceto
18	T.	S. Gualdino
19	Q.	S. Hermógenes
20	Q.	S. Inez
21	S.	S. Anselmo
22	S.	S. Sotero
23	D.	S. Jorge
24	S.	S. Fiel
25	T.	S. Marcos
26	Q.	S. Pedro de Rates
27	Q.	S. Tertuliano
28	S.	S. Vital
29	S.	S. Pedro
30	D.	S. Santa Catarina de Sena

Grandes Feiras

6, Alcobaca; 10, Penafiel, *gado bovino e cavalari*, 3 dias; 15, S. João de Negrilhos (Aljustrel), 2 dias; 22, Grândola, 2 dias; 23, Ponte de Arneiro (Alvaiázere), Varzea (Felgueiras); 25, Alcobaca, Alter do Chão, Fundão, Pereiro (Alcoutim), Pergulho (Proença-a-Nova), *gado bovino*, S. António das Areias (Marvão), 3 dias, S. Marcos (Braga), S. Marcos do Campo (Reguengos de Monsaraz); 29, Alvalade (S. Tiago do Cacem); 30, Olhão.

1.º domingo: Alpalhão (Niza) 2.º domingo: Santarém; 3.º domingo: Almodovar, Benavente, S. Barbara de Nexe (Faro); 4.º domingo: Vila de Rei, último domingo: Salvaterra de Magos *gado e quinquilharias*, Senhora da Luz (Miranda do Douro) internacional.

Agenda do caçador

Durante este mês somente se podem caçar os animais que prejudicam a agricultura, a caça e a pesca.

Não interesse dos próprios caçadores deve ser respeitado o defeso.

Feriados Municipais

Dia 2, Ribeira Brava, (Açores); dia 6, Ancião; dia 21, Guiné, (Africa); dia 25, Trancoso.

Contribuições e impostos

Neste mês efectua-se o pagamento das grandes prestações das contribuições e impostos, quando requerido em quatro prestações.

Até 15, devem as sociedades sujeitas a contribuição industrial enviar verbetes estatísticos ao Instituto Nacional de Estatística. As mesmas sociedades podem completar aqueles verbetes até 30 de Junho, quando tenham de aguardar elementos das colónias ou do estrangeiro.

Propaganda de medicamentos e águas medicinais

É proibido o anúncio ou propaganda de medicamentos ou substâncias medicinais, de águas medicinais ou de quaisquer meios ou métodos de tratamento de doenças quando não autorizados por visto da Direcção Geral de Saúde, sob pena de multa de 500\$00 a 1.000\$00. (Art 16.º do decreto n.º 32:171)

ALMANAQUE DO ALGARVE

É IMPRESSO EM PAPEIS FORNECIDOS PELA FIRMA

LUIZ MAYOR SANTOS

ARMAZÉM DE PAPEIS

RUA ARCO BANDEIRA, 74

TELEPHONE 25994

L I S B O A

1.º Semestre
2.º Trimestre

MAIO

5.º mês
31 dias

1	S.	S. Felipe
2	T.	Santa Mafalda
3	Q.	Descobrimento do Brasil
4	Q.	S. Mónica
5	S.	S. Pio
6	S.	S. João Damasceno
7	D.	S. Estanislau
8	S.	Ap. de S. Miguel Arcanjo
9	T.	S. Gregório Nazianzeno
10	Q.	S. António
11	Q.	S. Anastácio
12	S.	S. Joana
13	S.	Nossa Senhora dos Mártires
14	D.	S. Bonifácio
15	S.	S. Isidro
16	T.	S. João Nepomuceno
17	Q.	S. Pascoal Bailão
18	Q.	S. Venâncio
19	S.	S. Pedro Celestino
20	S.	S. Bernardo de Sena
21	D.	S. Manços
22	S.	St.ª Rita de Cácia
23	T.	S. Basílio
24	Q.	Santa Afra
25	Q.	S. Gregório
26	S.	S. Felipe Nery
27	S.	S. Eutrópio
28	D.	S. Germano
29	S.	S. Máximo
30	T.	S. Fernando
31	Q.	S. Petronila

Grandes Feiras

1, Abrantes, Agualva (Sintra) 3 dias, Cartaxo, Chouto (Chamusca), Cuba, *gado cavalari e mular*, 3 dias, Ericeira (Matra), Juncalis (Fornos de Algodres) Montemor-o-Novo, 3 dias, Nogueira do Cravo, (Oliveira do Hospital), Pinhel, 2, Baltar (Paredes), *gado cavalari*, Barcelos, 4 dias, Proença-a-Nova, 2 dias; 3, Alpedrinha (Fundão), Obidos, S. Bartolomeu de Messines (Silves); 4, Vila Nova de Famalicão, 2 dias, Vila Nova de Foscõa; 10, Garvão (Ourique), 2 dias, Ourique, 3 dias, Torre de Moncorvo, Vila Boim (Elvas); 12, Penamacor, 2 dias; 13, Salvaterra de Magos, *gado e diversos artigos*, 5 dias; 15, Alcacer do Sal, 2 dias, Caldas da Rainha, Crato, 2 dias, Monforte, Reguengos de Monsaraz, 2 dias; 16, Fafe, 2 dias; 18, Moura, 3 dias, Vendas Novas, 3 dias; 19, Guimarães (Feira de S. Torcato); 20, S. Bartolomeu de Messines, Vendas Novas (Montemor-o-Novo); 24, Arronches, 2 dias, Mourão, 2 dias; 25, Alcobaça; 26, Redondo, 3 dias; 29, Vila Viçosa, 3 dias; 30,

Rosmaninhal (Idanha-a-Nova); 31, S. Bartolomeu (Castro Marim).

1.º domingo: Felgueiras, Golegã Guimarães, Santa Catarina (Leiria), Vila Franca de Xira, *gado*, 1.º e 2.º domingo: Lamego; 2.º domingo: Vila Boim; 3.º domingo: Azambuja, *gado*, Elvas, 3 dias, Salvaterra de Magos, 4 dias; 4.º domingo: Oliveira de Frades, 5 dias, *feira franca*; último domingo: Tortozendo (Covilhã).

Agenda do caçador

Mantem-se o defeso; o caçador para não perder o treino, pode dedicar-se à caça dos animais nocivos.

Feriados Municipais

Dia 1, Abrantes, Agueda, Alandroal, Alcacer do Sal, Aldegalega do Ribatejo, Alenquer, Almeirim, Almodovar, Alter do Chão, Alvito, Armamar, Avis, Azambuja, Barreiro, Beja, Cartaxo, Seia, Coimbra, Covilhã, Estarreja, Estremoz, Evora, Ferreira do Alentejo, Golegã, Guarda, Idanha-a-Nova, Ilhavo, Lagoa, Lagos, Lamego, Loulé, Mafra, Mirandela, Monchique, Moncorvo, Montemor-o-Novo, Mortágua, Niza, Obidos, Pinhel, Ponte de Sôr, Portalegre, Redondo, Sabugal, Santa Comba Dão, S. Pedro do Sul, Santiago do Cacém, Seixal, Serpa, Soure, Taboação, Tavira, Tomar, Viana do Alentejo, Vila Nova da Barquinha, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Ourem, Vila Nova de Portimão, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real de Santo António, Vila Viçosa, Santa Cruz, Santa Cruz da Graciosa, S. Vicente, Praia; dia 2, Barcelos, Souzel; dia 3, Belmonte; dia 8, Alcanena, Silves, Vila Nova de Famalicão; dia 9, Alpiarça; dia 13, Louzada; dia 15, Caldas da Rainha; dia 16, Aveiro, Fafe; dia 18, Santarém; dia 20, Chamusca; *Quinta-feira de Ascensão*, Benavente, Melgaço, Salvaterra de Magos, Nordeste (Ilhas); Segunda-feira do Espírito Santo (Pentecostes), Ferreira do Zézere.

1.º Semestre
2.º Trimestre

JUNHO

6.º mês
30 dias

1	Q.	S. Firmo
2	S.	S. Marcelino
3	Sr.	S. Paula
4	Sr.	S. Paulo
5	D.	S. Francisco Carraciolo
6	S.	S. Bonifácio
7	T.	S. Norberto
8	Q.	S. Roberto
9	Q.	S. Saustiano
10	S.	S. Primo
11	S.	S. Margarida — Dia de Cambões
12	S.	S. Barnabé
13	Sr.	S. Corpo de Deus
14	T.	S. António de Lisboa
15	Q.	S. Basílio Magro
16	Q.	S. Vito
17	S.	S. Aureliano
18	S.	S. Santa Tereza
19	D.	S. Marcos
20	S.	S. Juliana de Falconeri
21	T.	S. Silvério
22	Q.	S. Lu z de Gonzaga
23	Q.	S. Paulino
24	S.	S. Jaime
25	S.	S. João Baptista
26	D.	S. Guilherme
27	S.	S. João e Paulo
28	T.	S. Ladislau
29	Q.	S. Leão
30	S.	S. Pedro
	S.	S. Marçal

Grandes Feiras

1, Alcobaça, Tomar, 4 dias; 6, Mole (Lourinhã), Portalegre, 3 dias; 8, Niza; 9, Vila Nova da Barquinha, 5 dias; 10, Lapa (Sernacelhe), 2 dias; 12, Aljustrel, 3 dias; 13, Arraiolos, *gado bovino*, Assumar (Monforte), Belmonte, *queijos*, Carvalhal (Bombarral), Freamunde (Paços de Ferreira), Granja Nova (Tarouca), Tarouca, Venda do Pinheiro (Mafra), Vila Franca de Xira, *gado*, Vila Real, 9 dias, Vila Verde; 14, Alvalade (S. Tiago de Cacem), 2 dias; 17, Santo Aleixo, Beco, (Ferreira do Zézere); 18, Cabeço de Vide (Alter do Chão); 21, Castanheira de Pera; 23, Caldas da Rainha, 3 dias; 24, Alcanena, 7 dias, Beirã (Marvão), Cadaval, Evora, 7 dias, Guarda, 3 dias, Lagôa, Louza, *gado, gêneros e artefactos*, Rezende; 28, S. Pedro do Sul, 2 dias, *feira franca*, Tendais (Sinfães), 2 dias; 29, Caldas das Taipas, Cercal (S. Tiago de Cacem), 2 dias, Chouto (Chamusca), Fronteira, 2 dias, Idanha-a-Nova, Odeleite (Castro Marim), Orada (Albufeira), Penedono, Sabugal, S. Cósmodo (Armamar), S. Pedro Solis (Mértola), Sertã, Sintra,

Tinalhas (Castelo Branco), Torres Vedras, Vaqueiros (Alcoutim).

1.º sábado: Amarante, 1.º domingo: Alvorge (Ancião), Castelo (Montemor-o-Novo), Pavia (Mora), 2.º domingo: Niza, 3.º domingo: Almargem (Sobral de Monte Agraço), Rio Maior.

Agenda do caçador

O defeso está a terminar, por partes. O caçador começa a preparar-se para as primeiras caçadas do próximo mês.

Ferlados Municipais

Dia 1, Arronches, Miranda do Corvo, S. Braz de Alportel, Ponte da Barca; dia 4, Arouca; dia 8, Guimarães; dia 10, Lisboa, Moita; dia 11, Ponta Delgada (Açores); dia 13, Almeida, Vila Flôr; dia 15, Borba; dia 19, Vila Nova de Foscôa; dia 21, Angra do Heroísmo (Açores); dia 24, Albergaria-a-Velha, Alcochete, Almada, Amarante, Braga, Bragança, Figueiró dos Vinhos, Gois, Louzã, Miranda do Douro, Moura, Nelas, Oleiros, Olhão, Oliveira de Aze-meis, Oliveira de Frades, Penacova, Pombal, Pôrto, Reguengos de Monsarraz, Satam, Sernacelhe, Sinfães, Tábua, Valongo, Vila Verde, Vimioso, Horta, Lages das Flores e Vila Franca do Campo (Açores) Macau (India); dia 25, Arcos de Val de Vez; dia 29, Bombarral, Ribeira Grande (Açores); segunda-feira seguinte ao primeiro domingo, Vila Franca de Xira; *Corpus Christi*, Penafiel.

Não diga que não tem sorte,
se não joga!

Habilite-se na

ESFERA DA SORTE

Insista tantas vezes até ganhar!
Não deixe de jogar na feliz casa

ESFERA DA SORTE

Remete jôgo para tôda a parte

Rua do Arsenal, 66-LISBOA

Preços correntes
Pelo correio mais 1\$00

Telefone 20740

O GLYCOL é necessário a todos

2.º Semestre

3.º Trimestre

JULHO

7.º mês

31 dias

1	S.	S. Teodorico
2	D.	Visitação de Nossa Senhora
3	S.	S. Jacinto
4	T.	Santa Izabel
5	Q.	S. Atanásio
6	Q.	SS. Domingos
7	Q.	SS. Pulquéria
8	S.	SS. Procópio
9	D.	S. Cirilo
10	S.	S. Januário
11	T.	S. Sabino
12	Q.	S. João Gualberto
13	Q.	S. Anacleto
14	S.	S. Boaventura
15	S.	S. Camilo de Leills
16	D.	N. S.ª do Monte Carmo
17	S.	S. Aleixo
18	T.	S.ª Marinha
19	Q.	SS. Justa e Rufina
20	Q.	S. Elias
21	S.	SS.ª Praxedes
22	S.	SS.ª Maria Madalena
23	D.	SS. Apolinário
24	S.	SS.ª Cristina
25	T.	S.ª Iago
26	Q.	S. Sinfrônio
27	Q.	S. Pantaleão
28	S.	S. Inocência
29	S.	S.ª Marta
30	D.	S. Rufino
31	S.	S. Inácio de Lolola

Grandes Felras

2, Ancião; 5, Fundão, Lindoso (P. da Barca), *gado*; 10, Vidigueira, 3 dias; 11, Mindelo, (Vila do Conde), *louças*, Várzea (Barcelos); 13, Alpalhão, (Niza); 14, Santiago de Cacem, 2 dias; 15, Albernoa (Beja), Conceição (Ourique), Paderne (Albufeira); 16, Faro, 2 dias; 20, Almodovar, 3 dias, Vila de Rei, *lã em rama e panos*; 21, A. dos Negros (Obidos), 2 dias, Castanheira de Pera, 2 dias; 22, Alcobertas (Rio Maior), 2 dias, Covilhã, 4 dias, Pedrogam Grande, 3 dias; 24, Paderne, 2 dias, *gado*; 25, Arruda dos Vinhos, 3 dias, Aveias, 3 dias, Cabeceiras de Basto, Estremoz, 3 dias, Leomil, Moimenta da Beira, *gado lanigero*, Marialva (Mêda), Mirandela, Rezende, S. Tiago da Guarda (Ancião), Setúbal, 15 dias; 26, Figueiró dos Vinhos, 3 dias; 27, Sertã, *gado*; 29, Alcáçovas (Viana do Alentejo) *gado e diversos*, 3 dias, Alvalade (Santiago de Cacem), 2 dias, Santa Marta (Penafiel).

1.º domingo; Fátima (Vila Nova de Ourem), nos três dias a seguir ao primeiro domingo: Montemor-o-Novo;

2.º domingo: Almagem do Bispo (Sintra), Arraiolos, 2 dias; Oleiros 3.º domingo: Mafra, S. Tiago do Escoual (Montemor-o-Novo).

Agenda do caçador

Começa a caça de algumas espécies.

Nos pontos previamente indicados pelas Comissões Venatórias e Concelhias, abre no dia 15 a caça às rolas, à espera e sem cão; nos concelhos do Alentejo e nalguns concelhos do distrito de Lisboa e Santarém, a das codornizes.

Ferlados Municipais

Dia 1, Castro Verde; dia 3, Portel; dia 4, Castanheira de Pera; dia 25, Albufeira, Celorico de Basto, Mira; dia 28, Sesimbra.

Contribuições e impostos

Pagamento das 2.ªª e 3.ªª prestações das várias contribuições e impostos, sem juros de mora, e do imposto de minas e águas minero-medicinais.

Durante este mês são renovadas as declarações dos prédios que continuam devolutos e sem mobília. Fazem-se também: as declarações de prédios urbanos novos, melhorados ou reedificados; as declarações dos contribuintes sujeitos à contribuição industrial dos grupos A e C, quando haja alteração nas modalidades do seu comércio ou indústria; as declarações dos contribuintes sujeitos ao imposto profissional (profissões liberais) e empregados por conta de outrem que tenham iniciado a sua profissão ou hajam sido alterados os seus vencimentos no decorrer do ano; a relação dos inquilinos, em duplicado, e por cada prédio, só sendo obrigatória esta relação quando haja mudança de inquilino ou alteração de renda, com referência aos 12 meses anteriores.

Até 30 deste mês, os organismos corporativos devem apresentar nas secções de finanças das respectivas sédes, declarações em duplicado nas receitas apuradas no ano civil anterior, para efeitos de contribuição industrial.

2.º Semestre
3.º Trimestre

AGOSTO

8.º mês
31 dias

1	T.	S. Pedro (adevinha)
2	N.	Senhora dos Anjos
3	Q.	Invenção de S. Estevão
4	S.	Domíngos de Gusmão
5	N.	Nossa Senhora das Neves
6	D.	S. Tiago
7	N.	S. Caetano
8	T.	S. Ciríaco
9	Q.	S. Romão
10	Q.	S. Lourenço
11	S.	S. Tiburcio
12	S.	Santa Clara
13	D.	S. Hipólito
14	S.	S. Eusébio
15	T.	S. Arnaldo
16	Q.	S. Roque
17	N.	S. Mamede
18	S.	S.ª Clara de Monte Falco
19	S.	S. Luiz
20	D.	S. Bernardo
21	S.	Santa Joana Francisca
22	T.	S. Timóteo
23	Q.	S. Filipe Bencló
24	Q.	S. Bartolomeu
25	S.	S. Luiz
26	S.	S. Victor
27	D.	S. José de Calazans
28	S.	S. Agostinho Bispo
29	T.	Degolação de S. J. Baptista
30	Q.	S.ª Rosa de Lima
31	Q.	S. Raimundo Nonato

Grandes Feiras

1, Bombarral, Garvão, *gado* 3 dias, Guimarães, Portimão, 3 dias, Tavira, 2 dias, Vimieiro (Arraiolos); 2, Torrão, (Alcacer do Sal) 3 dias; 3, Constança, 3 dias, Malpica (Castelo Branco), Ouida (Castro Daire), *gado vacum e suino*, Proença-a-Nova, 2 dias; 4, Giões (Alcoutim); 5, Freamunde (Paços de Ferreira), Preixo de Espada à Cinta, 2 dias, Odemira, *cereais e gados*; 6, Ervidel (Aljustrel), Nespereira (Sinlães), *feira franca*; 7, Sandel (Sabrosa), 3 dias; 8, Vila Real de Santo António, 2 dias; 9, Avelada (Louzada), Bairos (Castelo de Paiva), Beja, 7 dias; 10, Ancião, Caria (Belmonte), Castelo de Vide, Celorico da Beira, Jeromena (Alandroal) Montorte da Beira (Castelo Branco), Vimioso, *gado e feira franca*; 12, Louzada; 13, Lapa (Sernancelhe), 3 dias, Monte Redondo, (Leiria), *gado*, Orada (Albuleira), 3 dias, Reliquias (Odemira), 2 dias, Torre de Moncorvo, Vilas Boas (Vila Flor), 3 dias; 14, Castro Marim, 2 dias, Manteigas, *gado covalar*, 2 dias, Peso da Régua, 3 dias, *feira franca*, Sa-

boia, (Odemira), *gado e géneros*, 3 dias; 15, Batalha, 2 dias, Caldas da Rainha, 3 dias, Campo Maior, 3 dias, Crato, *gado e cereais*, Junça (Almeida), Manteigas, *gado cavalari*, 2 dias, Monsanto (Beira Baixa), Reguengos de Monsaraz, *gado lanífero e caprino*, 3 dias, Salto (Montalegre), Sines, Sobral de Monte Agraço; 16, Aviz, *gado e diversos*, Covelo (Tábua), Lagos, 2 dias, Mido (Almeida), S. Bartolomeu (Castro Marim), 2 dias, Teixoso (Covilhã), Vila Flor; 18, Figueira de Castelo Rodrigo, 2 dias, Trancoso, Trouxemil (Coimbra), *instrumentos agrícolas*, Viana do Castelo, 3 dias, *feira franca*; 19, Portel, 3 dias, Salvada (Beja), 2 dias, S. Luiz (Odemira); 20, Alcobaça Alvito, 2 dias, Azinhal (Castro Marim), 2 dias, Coimbra, 12 dias, Montorte, Sernache de Bonjardim; 21, Butarida, (Peniche), Lameira (Pinhel), *gado*; 22, S. Bartolomeu da Charneca (Lisboa), 2 dias; 23, Arouca, 2 dias; Mexilhoeira (Portimão), Penafiel, *gado bovino e cereais*, 2 dias, Ponte da Barca, 3 dias, Serpa, *gado*, 3 dias; 25, Sabugal; 27, Mação, Penamacor, Cova da Piedade, *feira franca*, 3 dias; 24, Barrancos, 3 dias, Loulé, 3 dias; Vila Viçosa, 3 dias; 30, Castelo Branco, *feira franca*.

Agenda do caçador

No dia 1 começa a caça às rolas, nos locais indicados pelas Comissões Venatórias Concelhias, não sendo permitido o emprego de rede ou de cão. A caça às codornizes começa no dia 15.

Ferlados Municipais

Dia 10, Gouveia, Montemor-o-Velho, Paredes de Coura, Vagos; dia 11, Praia da Vitória (Açores); dia 14, Batalha; dia 15, Alcobaça, Amares, Arganil, Castro Marim, Coruche, Espozende, Lages do Pico (Açores), Montorte, Póvoa de Varzim, Valença, Vidigueira, Vimioso; dia 18, Torre de Moncorvo; dia 21, Lourinhã; dia 24, Proença-a-Nova; dia 29, Aljezur, Sintra; dia 30, Cascais.

2.º Semestre
3.º Trimestre

SETEMBRO

9.º mês
30 dias

1	S.	S. Constâncio
2	S.	S. Estevão
3	D.	S. Eutêmia
4	S.	Santa Rosa de Viterbo
5	T.	S. Lourenço Justiniano
6	Q.	S. Libânio
7	Q.	S. Anastácio
8	S.	Natividade de N. S.ª
9	S.	S. Sérgio
10	D.	S. Nicolau Tolentino
11	S.	S. Teodoro
12	T.	S. Auta
13	Q.	S. Filipe
14	Q.	S. Cornélio
15	S.	S. Domingos Sorlano
16	S.	Transladação de S. Vicente
17	D.	S. Pedro de Arbués
18	S.	S. José de Cupertino
19	T.	S. Januário
20	Q.	S. Eustáquio
21	Q.	S. Mateus
22	S.	S. Maurício
23	S.	S. Lino
24	D.	Nossa Senhora das Mercês
25	S.	S. Firmino
26	T.	S. Cipriano
27	Q.	S. Cosme
28	S.	S. Venceslau
29	S.	S. Miguel Arcanjo
30	S.	S. Jerónimo

Grandes Feiras

1, Almeida 3 dias, Aldeia Nova (Sarpa) 2 dias, Amareleja (Moura) 3 dias, Rio Maior 3 dias, S. João da Pesqueira 3 dias, Santa Clara-a-Velha (Odemira) 2 dias; 2, Belmonte; 3, Cuba, 2 dias, Safara (Moura), 3 dias; 4, Amoreira (Obidos) 3 dias, Extremoz *gado* 3 dias; S. Francisco (S. Tiago do Cacem); 5, Arganil, 4 dias, Luz (Carnide) 3 dias, Luz (Montemor-o-Novo) 3 dias; 6, Lamego 3 dias, Monte Alto (Arganil) 3 dias; 7, Sobreira Formosa (Proença-a-Nova) 2 dias, Verride (Montemor-o-Velho); 8, Barbacena (Elvas), Campo de Besteiros *feira franca*, 3 dias, Caxarias (Vila Nova de Ourem), Mangualde 13 dias, Mourão, 3 dias, Moita, 7 dias, Montemor-o-Velho, Moura 3 dias, Orca (Fundão), Raiva (Castelo de Paiva), Rio de Couros (Vila Nova de Ourem), S. Bartolomeu (Lourinhã) Sabugal, S. Tiago do Cacem *gado e diversos* 2 dias; 9, Penela; 10, Crato; 11, Santa Cita (Tomar) *gado*, 3 dias; 12, Escalos de Baixo (Castelo Branco), *feira franca*, Sarzedas (Castelo Branco), Sobral de Monte Agraço 4 dias; 13, Boidobra (Covilhã), Envendos (Mação) 2 dias,

Odemira, *gado, sal e géneros*, 3 dias, Portalegre, 3 dias, Torre de Moncorvo, Vila do Bispo; 14, Mourão, 2 dias, Paraiso (Castelo de Paiva) 3 dias, Salir (Loulé); 15, Belver, *gado suíno*, Freinada (Almeida), 2 dias, Mogadouro, Penedono, 2 dias, S. Marcos da Serra (Silves), 2 dias, Vizeu, *feira franca*, 15 dias; 15, Celorico da Beira, S. Bartolomeu (Castro Marim) 2 dias; 17, Arronches 2 dias, Ponte de Lima 3 dias, Soure, 5 dias; 18, Ferreira do Alentejo 3 dias; 20, Buçaco (Mealhada), entre 20 e 27, Mértola, 3 dias, S. Bartolomeu de Messines; 21, Benavente, Celorico de Basto 10 dias, Elvas 3 dias, Fratel (Vila Velha de Rodam), *gado* 2 dias, Lourinhã, *gado*, Penamacor; 22, S. Vicente da Beira (Castelo Branco) Sardoal, Viana do Alentejo 4 dias, *porcos* no 1.º dia e *gado* nos outros; 24, S. Braz de Alportel; 25, Aljezur; 26, Borba da Montanha (Celorico de Basto), Fronteira, 2 dias, Regueira de Pontes (Leiria), *gado*; 28, Escamareão de Sozelo (Sintães), 2 dias, Fornos (Castelo de Paiva), Ourique, 2 dias, Salzedas (Tarouca) 3 dias; 29, Alenquer 3 dias, Coruche 3 dias, Ferreira do Zézere, Idanha-a-Nova, Olhão, 2 dias, Penela, Rezende, Runa (Torres Vedras), S. Teotónio (Odemira) *gado e géneros*, Souzel 2 dias, Tarouca, Tortozendo Vila Nova de Famalicão *gado cavalari e bovino*, 2 dias, Vila Nova de Foscoa.

Agenda do caçador

A 15 de Setembro termina o defeso. Além das espécies indígenas (coelho, lebre e perdiz) caçam-se também neste mês, as codernizes nos terrenos de várzea. As rôlas realizam as suas passagens (saídas), ordinariamente durante a primeira quinzena.

Feriados Municipais

Dia 1, S. João da Pesqueira; dia 3, Nazaré; dia 4, Passos de Ferreira; dia 7, Oliveira do Hospital; dia 8, Macieira de Cambra, Monção; dia 10, Ponte de Lima; dia 12, Setubal; dia 20, Castelo do Paiva; dia 21, Espinho; dia 22, Sardoal; dia 27, Anadia.

2.º Semestre
4.º Trimestre

O U T U B R O

3.º mês
31 dias

1	D.	S. Veríssimo
2	S.	Os Anjos da Guarda
3	T.	S. Cândido
4	Q.	S. Francisco de Assis
5	Q.	S. Plácido — Heróis da República
6	S.	Bruno
7	S.	Marc s
8	D.	Santa Brigida
9	S.	Dionísio
10	T.	S. Francisco de Borja
11	Q.	S. Firmino
12	Q.	S. Cipriano
13	S.	S. Eduardo
14	S.	S. Calixto
15	D.	Santa Teresa de Jesus
16	S.	S. Martiniano
17	T.	S. Hedwíges
18	Q.	S. Lucas Evangelista
19	Q.	S. Pedro de Alcântara
20	S.	S. João Cântio
21	S.	Santa Ursula
22	D.	Santa Maria Salomé
23	S.	S. João Capristano
24	T.	S. Rafael Arcanjo
25	Q.	S. Cr spim
26	Q.	S. Evaristo
27	S.	S. Elesbão
28	S.	S. Simão
29	D.	S. Feliciano
30	S.	S. Serapião
31	T.	S. Quíntino

Grandes Feiras

1, Budens (Vila do Bispo), Vila Franca de Xira, Vila Velha de Rodam, *franca*; 4, A Bela (S. Tiago de Cacem), 2 dias, Castelo Branco, Guarda, 3 dias, Moimenta da Beira, *gado cavalari*, Ponte de Sor, 3 dias, Redondo 3 dias, Tavira, 2 dias; 5, Alcanena, 3 dias, Lindoso, *gados*; 6, Almancil (Loulé); 7, Guia (Albufeira), 3 dias, Alcácer do Sal, 3 dias; Cabaços (Alvaizere), Niza, 2 dias; Vila Real de Santo António, 3 dias; 12, Lagos, 3 dias, S. Cipriano (Evora), 2 dias; 15, Sertã, Mogadouro; 17, Alte (Loulé), 2 dias; 18, Ervedal (Avis), *franca*, 2 dias; 20, Faro, 3 dias, Fundão, Obidos, 2 dias, Santa Iria (Tomar), 3 dias; 23, Benafim (Loulé), 2 dias, S. Simão (Chaves); 24, Fronteira, 2 dias; 25, Melides (Grândola), Vila Nova de Ourem; 26, Monchique, 3 dias; 28, Alcobaca, S. Simão da Aguda (Figueiró dos Vinhos), S. Simão (Sardoal), 2 dias, S. Simão (Tábua), S. Simão (Vidago), Chaves, 3 dias; 31, S. Bartolomeu de Messines (Silves), 4 dias.

1.º domingo: Alcanena.

Agenda do caçador

Continua a caça às espécies indígenas. Começa a aparecer a caça de arribação, à medida que as condições atmosféricas das regiões donde procedem, se lhe tornam menos suportáveis. Nos fins deste mês encontram-se com certa facilidade, a narceja, a tarabola, o alavarcão, a becinha, o tordo e às vezes a galinhola.

Feriados Municipais

Dia 4, Castelo Branco; dia 7, Carrazeda de Anciães; dia 9, Machico (Ilhas); dia 10, Maia, Mogadouro; dia 13, Meda; dia 21, Mangualde; dia 22, Grândola; dia 24, Odemira; dia 25, Lisboa; dia 27, Fornos de Algodres; dia 31, Chaves; 1.ª segunda feira, Vieira.

Contribuições e Impostos

Pagamento da 4.ª prestação das contribuições e impostos, quando requerido em 4 prestações.

União de Sucatas, Limitada

COMPRAM E VENDEM

Consultem a nossa casa
todos os que precisam
— comprar ou vender —

Grandes Armazens

na

Rua do Arco a Alcântara, 31 a 50

Telefone 64214

Telegramas: SUCATAS

LISBOA

O GLYCOL só contém o que é bom

2.º Semestre
4.º Trimestre

NOVEMBRO

11.º mês
30 dias

1	Q.	Todos os Santos
2	Q.	Dia de Finados
3	S.	S. Malaquias
4	S.	S. Borromeu
5	D.	N.ª Senhora das Relíquias
6	S.	S. Severo
7	T.	S. Florêncio
8	Q.	S. Severino
9	Q.	S. Teodoro
10	S.	S. André Avelino
11	S.	S. Martinho, B.
12	D.	S. Martinho
13	S.	S. Eugénio
14	T.	Trasladação de S. Paulo
15	Q.	St.ª Gertrudes Magna
16	Q.	S. Valerio
17	S.	S. Gregório
18	S.	S. Romão
19	D.	St.ª Isabel
20	S.	S. Félix de Valois
21	T.	S. Alberto
22	Q.	Santa Cecília
23	Q.	S. Clemente
24	S.	S. João da Cruz
25	S.	Santa Catarina
26	D.	S. Pedro Alexandrino
27	S.	St.ª Margarida de Saboia
28	T.	S. Gregório
29	Q.	S. Saturnino
30	Q.	S. André

Grandes Felros

1, Alcains, Castelo Branco, Almarginem de S. Quintino (Sobral de Monte Agraço), Alvito, 3 dias, Azeira (Maфра), Borba, 3 dias, Caminha, Cartaxo, 4 dias, Cerdal (Valença) 3 dias, Mação, 2 dias, Oleiros, Pinhel, Santo Varão, (Montemor-o-Velho) *gado*, Tentugal (Montemor-o-Velho), *gado*; 6, Atouguia da Baleia (Peniche), Lagoa (Algarve); 10, Golegã, *gado de toda a espécie e quinquilharias*, 15 dias, Penafiel, *gado bovino e cavalari*, 11 dias; 11, Ega (Condeixa-a-Nova) Venda do Pinheiro (Maфра), 2 dias, Portimão, 3 dias; 12, Avelar (Ancião); 25, Celorico de Basto, Vila Facaia (Pedr. Grande); 29, Extremoz, 2 dias; 30, Casteição (Mêda), Ervedal (O. do Hospital), Gois, Maфра. 3 dias, Penamacor, S. Tiago de Cacem.

1.º dom. Mangualde, 2.º dom. Pero Negro, Santo André (S. Tiago de Cacem).

Agenda do caçador

Caçam-se, além das espécies indígenas, (coelho, lebre e perdiz), as de

arribação como a galinhola e a narceja, cuja caça se generaliza, e ainda as tarambolas, bécuinhas, tordos, pombo torcazes, patos bravos, etc., que fazem a sua entrada no inverno.

Feriados Municipais

Dia 1, Caminha, Mação; dia 2, Rezende; dia 12, Cabeceiras de Basto, Peniche; dia 25, Índia Portuguesa.

Pêso sobre os pratos dos balanços

É absolutamente proibido, em Lisboa ter pesos sobre os pratos das balanças fóra das operações de pesagem.

Proibe-o uma postura da Câmara Municipal respectiva.

Guarnições metálicas dos estabelecimentos

As guarnições metálicas que estiverem colocadas nas fachadas, portas ou montras dos estabelecimentos têm de se conservar no melhor estado de asseio sob pena de 50\$00 de multa e respectivos adicionais.

JOAQUIM RAMALHO

COMPRA E VENDA
DE PROPRIEDADES

Recebimento de Rendas,
Hipotecas e Trespases

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Telefone 2 8421

Rossio, 93, 1.º-E — Lisboa

2.º Semestre

4.º Trimestre

DEZEMBRO

12.º mês

31 dias

1	S.	Independência Nacional
2	S.	S. Beblana
3	D.	S. Francisco Xavier
4	S.	St.ª Bárbara
5	T.	S. Geraldo
6	Q.	S. Nicolau
7	Q.	S. Ambrósio
8	S.	S.ª Leocádia
9	S.	Nossa Senhora da Conceição
10	D.	S. Melquides
11	S.	S. Daniel
12	T.	S. Justino
13	Q.	Santa Luzia
14	Q.	S. Angelo
15	S.	S. Eusébio
16	S.	As SS. Virgens d'Africa
17	D.	S. Lázaro
18	S.	S. Espiridão
19	T.	Santa Fausta
20	Q.	S. Domingos de Silos
21	Q.	S. Tomé
22	S.	S. Honorato
23	S.	S. Sêrvulo
24	D.	S. Gregório
25	S.	NATAL — Festa da Família
26	T.	S. Estevão
27	Q.	S. João
28	Q.	SS. dos Inocentes
29	S.	S. Tomás
30	S.	S. Sabino
31	D.	S. Silvestre

Grandes Feiras

3, Mesão Frio, 4 dias; 8, Belmonte, Cadaval, Loulé, 2 dias; 13, Amarante, Arcos da Boulhe (Cabeceira de Bastos), 3 dias, Castelo Branco, *porcos*, Chança (Alter do Chão), Freamunde (Paços de Ferreira), Pinhanços (Seia), Porto de Mós, 2 dias, S. João da Pesqueira, Trancoso, Vila Verde; 18, Grândola; 20, S. Bartolomeu de Messines; 21, Burreira (Silves), Idanha-a-Nova, Odemira, *gado suíno*, 2 dias; 22, Ponte da Barca; 26, Louzada; 29, Assumar (Montorte); 30, Colmeias (Leiria), *gado suíno*, 2 dias; 31, Alvaizere, 2 dias, Gradil (Matra), Lamego.

Agenda do caçador

Continua a caça ao coelho, lebre e perdiz e principalmente à galinhola e à narceja, generalizando-se a caça de negaça ao pombo torcaz.

As espécies de arribação, que entram na estação invernos, caçam-se também. E' neste mês que se tiram as licenças de porte de arma e de caça.

Feriados Municipais

Dia 3, Barrancos, Crato.

Contribuições e Impostos

Durante êste mês devem ser solicitadas as licenças do imposto do sêlo para o futuro ano (licenças de tabaco, isqueiros e anuncios). Os donos dos solípedes e viaturas não automóveis devem também solicitar as licenças do imposto de trânsito, por um ano ou seis meses.

Outras formalidades a cumprir — Todas as entidades que tenham ao seu serviço empregados sujeitos ao imposto profissional, são obrigadas a entregar na secção de finanças, séde do concelho ou bairro, nota das gratificações ou percentagens pagas aos seus empregados, com a indicação dos respectivos nomes. — Até ao dia 10 de cada mês devem ser apresentadas na secção de finanças do respectivo concelho ou bairro as guias de pagamento para o Fundo do Desemprego.

— As sociedades anónimas e comanditas por acções que distribuírem dividendos pelos seus accionistas, são obrigadas a apresentar na secção de finanças da sua séde, nota dos dividendos pagos, a fim de se proceder à liquidação do imposto successório e sêlo de averbamento, que serão pagos no prazo de 10 dias contados dos 15 que fizerem entrega das relações para a sua liquidação; os mesmos dividendos só podem ser pagos depois de publicados no «Diário do Governo» as competes contas. — As sociedades anónimas ou empresas são obrigadas a enviar à Direcção de Finanças do seu distrito, no prazo de 90 dias a contar do dia da assembleia geral, dois exemplares do seu relatório. — No mês immediato àquele em que se fizer a liquidação de juros aos capitais depositados em bancos e casas bancárias, devem êstes pagar o imposto sôbre a applicação de capitais. — Todos os bancos e sociedades anónimas que exerçam funcções bancárias são obrigadas a publicar no «Diário do Governo» balancetes trimestrais referentes aos últimos dias de Março, Junho, Setembro e Dezembro.

AMANHÃ
SERÁ TARDE...
SALVE A SITUAÇÃO
DOS SEUS!...



S OIS NOVOS? Casados? Tendes filhos? A velhice ou a morte é inevitável. As vossas esposas queridas e os vossos filhos estremecidos podem, com a falta dos vossos braços criadores, jicar reduzidos à mais negra miséria. Não espere mais tempo. Amanhã será tarde...

S EGURE A SUA VIDA! Pense no dia de amanhã. Um seguro de vida compreende várias formas de realização. Pode também ser reembolsado a praso. Se vivermos, após um número determinado de anos receberemos o produto da nossa capitalização. E deste modo poderemos ter uma velhice socegada e feliz. Mas se faltarmos, a importância do seguro será entregue a quem desejarmos beneficiar.

D EFENDA-SE A SI PRÓPRIO! Defenda o futuro da sua esposa e dos seus filhos! Evite que a desgraça bata à porta do seu lar. Faça já o seu seguro de vida na Companhia de Seguros Comércio e Indústria, que gostosamente vos dará todos os informes sem qualquer encargo.

Companhia de Seguros
COMMÉRCIO E INDÚSTRIA

Rua do Arco Bandeira, 22 — Lisboa

Agências em lódes as terras do Continente e das Colónias

Dentro das companhias de seguros de vida, a Morte representa o capital de uma letra que se venceu.

O GLYCOL dá frescura e leveza



CALENDÁRIO AGRÍCOLA

Actividades
durante o ano

J A N E I R O

Nos campos — Activam-se as lavoiras para as sementeiras da primavera. O arejamento da terra, a infiltração das chuvas e o efeito das geadas modificam a natureza física e química do solo, permitindo a acumulação, no sub-solo de reservas para o verão e provocando a transformação, em princípios nutritivos para as plantas, de substâncias que ficaram mais ou menos mortas sem mobilização da terra. No Sul planta-se batata para a produção no cêdo e no Norte estrumam-se os terrenos destinados a batatais.

Semeia-se trigo, cevada e centeio e recomenda-se a monda das searas temporãs.

Nas matas e pomares — Plantam-se tôdas as árvores de fruto e continua a sua poda, limpeza e adubação. Plantam-se estacas de marmeleiro para servirem mais tarde, de cavalo para a enxertia das pereiras. Também neste mês principia a enxertia das amendoeiras.

Nas vinhas — Fazem-se surribas para futuras vinhas e plantam-se em terrenos sêcos. As enxertias das videiras, podem iniciar-se no fim do mês.

Nas adegas — Traslegam-se os vinhos novos, que ainda estejam em

cima das bôrras para vasilhas cuidadosamente tratadas e sulfuradas.

Nas hortas — Semeiam-se favas, ervilhas, grão de bico, alface, rabanetes, couve-flor, bróculos, repólho, cebolas, cenouras, beterraba, chicória, nabos e couves. Em alfobres ou camas quentes podem semear-se beringela, tomates, pepinos, ervilhas, feijões, aipo e melões, carecendo de grandes cuidados para preservar estas novidades dos grandes frios.

Devem cobrir-se ou abrigar-se ou com esteiras, caniçados, giestas ou urzes, as plantas mais mimosas, se o tempo correr muito frio ou se se receiam as geadas para que estas não queimem pelo menos à noite.

Pecuária — Resguardam-se os animais do frio e dá se alimentação substancial às fêmeas criadeiras.

*Recomendamos as sementes da acreditada casa **Soures & Rebelo, L.^{da}** R. dos Correiros, 295 a 299, Lisboa porque são as melhores. Esta importante firma tem culturas especiais em terrenos próprios onde efectua rigorosos ensaios.*



Repolho da Holanda



Cravinas

FEVEREIRO

Nos campos — Continuam as sementeiras de trigo, cevada, aveia, fava e ervilhas.

Continuam também as lavras e distribuição dos estrumes nas terras destinadas às sementeiras da Primavera. Gradam-se os trigos de Outono e os prados e, em algumas terras, nos pontos altos, pode começar a sementeira dos milhos de sequeiro.

Nos pomares — Continua a limpeza das árvores, a estrumação e a cava retanchando as falhas com árvores novas. É a ocasião de formar novos pomares, especialmente de laranjas, limoeiros e macieiras. Cortam-se as canas e os vimes, plantam-se estacas de romã e enxertam-se pereiras e macieiras.

Lança-se à terra a semente de pinheiro e formam-se os viveiros de estacas de oliveiras e figueiras.

Nas adegas — Continua a trasteira dos vinhos, sobretudo dos brancos, devendo clarificar pela colagem aqueles que se destinam ao consumo imediato. A trasteira dos vinhos fracos deve ser acompanhada de aguardentação.

Nas hortas — Procede-se aos trabalhos de drenagem para que as terras não conservem a água estagnada que lhe é muito prejudicial e continuam as estrumações.

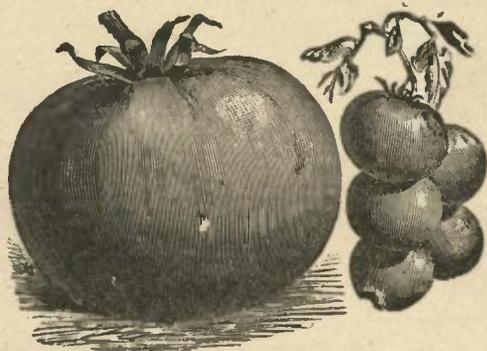
Semear alhos, cenouras, cebolas, chicórias, espinafres, rabanetes, rabanos, salsa, fava, lentilhas, pastinaga, topinambos, ervilhas, batatas, pepinos, melões, beringelas, tomates, feijões e ervilhas.

Plantam-se alcachofras, cebolas, espargos, morangos e cenouras.

Nos jardins — Começam as sementeiras das plantas anuais de floração temporã como anemonas, esporas, maravilhas, chagas, cóleos, crisântemos anuais ou vivazes, cravinas, dalias, gerâneos, gipsófilas, campainhas, trepadeiras, petúnias, melindres, congossas, violetas, zinias, etc.

Pecuária — Cobrem-se as porcas que não ficaram beneficiadas em Janeiro. Dá-se pouco trabalho às éguas paridas e a tôdas as fêmeas que tenham tido crias há pouco tempo, dando-se-lhes de preferência alimento sêco e água com farinha.

São garantidas as sementes da Casa **Soares & Rebelo, L.^{da}** — Rua dos Correiros, 295 a 299, LISBOA, porque são cultivadas na quinta do Pinhal Verde, propriedade de um sócio desta firma — Peça o catálogo



Tomate (Rei dos temporões)



Gipsófilia

M A R Ç O

Nos campos — Conclui-se a sementeira dos cereais da Primavera e lavram-se ainda as terras que se possam aproveitar para milho e trigo.

Nas vinhas — Termina a poda e a empa e começa a enxertia; plantam-se barbados. Não se deve descurar as cavas, tão necessárias.

Fazem-se as primeiras aplicações de enxofre contra o oídio e de sulfato de cobre contra o mildium.

Nas adegas — Não se deve conservar mais tempo os vinhos em cima da bôrra. Março é o mês ideal para o engarrafamento de vinhos. As vazilhas devem ser bem limpas para lhes tirar o cheiro de mófo.

Nas hortas — Semeiam-se canteiros de tôdas as hortaliças como: alcáparas, alfaces, agriões, aipo, acelgas, azedas, alhos, porro e comum, batata, beterraba, cânhamo, chicharos, couves, cenouras, coentros, chicória, cebolas, ervilhas, espargos, espinafres, feijão, grão, linho, mastrunço, mostarda, melancias, morangos, rabanetes, rábanos, pimentos, pastinaga, pimpinela, ruibardo, salsa e tomate.

Nos pomares e matas — Continua a limpeza e ultimam-se as enxertias e as plantações. Pincelam-se os troncos das fruteiras com desinfectantes já aconselhados. Nas matas continua a limpeza dos ramos e árvores velhas para lenha e faz-se a sementeira de pinhão e penisco.

Nos jardins — Semear: abóboras ornamentais, açafates de ouro, açafates de prata, acroclínio, amarantos, amores perfeitos, aquilégias, assembleias, astemes, balsaminas, begónias, boas noites, bocas de lobo, bons dias anões, bons dias de trepar, cabacinhas, calendulas, campainhas, campanulas, cascadinhas, cauda de raposa, centaureas, chorões, cobeias, coelinhos, espargos, cóleos, cosmos, cravinas, cravos, cristas de galo, Cruz de Jerusalém, dalias, dólicos, etc.

Pecuária — Os animais devem passar ao regime de verde, soltando-os para as pastagens depois de enxutas as ervas do orvalho. É este o melhor mês para se porem no chôco os ovos das galinhas, dando-se a estas, aveia, para abreviar a postura.

As melhores hortaliças e as mais lindas flores são produzidas com sementes da casa

Soares & Rebelo, L.^{da}

Rua dos Correios, 295 a 299 - LISBOA

CATÁLOGOS GRÁTIS

O GLYCOL é para tôdas as temperaturas



Couve lombarda



Abóbora do Brasil

A B R I L

Nos campos — No Norte concluem-se as sementeiras do milho e batata nas terras secas. No Sul, principiam as lavouras de preparação nos pousios. Mondam-se as searas e os favais. Semeia-se beterraba para o gado e feijão. Sacham-se os batatais mais adiantados para não serem invadidos pelas ervas ruins.

Nos pomares e olivais — Continuam as enxertias de garfo nas fruteiras, quando os enxertos tenham sido cuidadosamente conservados. No fim do mês pode fazer-se a enxertia de borbulha. Fazem-se viveiros de estacas de oliveira e enxerta-se de garfo. Plantar árvores que não abrothem. Aplicar calda bordalesa nas laranjeiras atacadas de ferrugem.

Vinhas — Fındam se as cavas e bem assim a plantação e poda; terminam as enxertias. Ao principiar a florescência, enterrar o tremoço, semeado para adubo verde da vinha. Nesta, quando bem adubada e cultivada, pode semente-se milho, grão, batata e abóboras.

Nas adegas — Vigiar as fermentações que são freqüentes em Abril e Maio. Se elas se produzem, fazer trasfega juntando 1 ou 2 litros de água fresca bem filtrada, por vasilha. Estas devem estar bem preparadas e aplica-se ao vinho uma boa sulfuração.

Nas hortas — Continua a plantação da batata e sacham-se os batatais já nascidos aos quais é conveniente a aplicação, de 20 em 20 dias, de calda bordalesa para evitar o desenvolvimento de doenças. Fazem-se as sementeiras da primavera, como: abóboras, melões, melancias, pepinos, tomates, pimentos, grão, couves, repólhos, altaces, chicória, feijão, ervilha e quasi tôdas as plantas de horta e as indicadas para o mês passado. Planta-se alfazema, tomilho, alcachofras, erva cidreira, alcaparras, agriões, serpão e cebola. Aplicar regas se o tempo estiver seco.

Nos jardins — Semear tudo quanto se indicou para o mês passado e renovar as sementeiras de cravos e flores anuais, como: perpétuas, resedá, bonsdias, boas-noites, caracoleiros, canas, balsaminas, cristas de galo, etc. Enterar os bolbos e tubérculos, resguardar dos ventos os jacintos e as túlipas. Mudam-se para a terra as estacas e plantas guardadas durante o inverno, como verbenas, begónias, heliotrópios, etc.

Pecuária — A's vacas leiteiras dá-se, em suplemento, farinha ou pasta de baços oleosos e favas, ou batatas cozidas.

Hortas opulentas, lindos jardins e magníficos prados obtêm-se com as sementes da firma

SOARES & REBELO, L.^{DA}

Rua dos Correiros, 295 a 299 — LISBOA

Peça catálogo grátis.

O GLYCOL não deixa aparecer as frielras

M A I O

Nos campos — Fazer a monda das searas, arrancando as ervas ruins que abafam e roubam o sustento dos cereais.

Nos pomares e matas — Cortam-se rebentos supérfluos das fruteiras, os quais consomem alimento em prejuizo do bom desenvolvimento das árvores e da frutificação.

Nas vinhas — Continua a enxertia com garfos que se tenham convenientemente conservado e vigiam-se os enxertos.

Nas adegas — Com os calores que chegam, vem a iminência de se desenvolverem as doenças dos vinhos guardados. Deve ter-se todo o cuidado em conservar as vasilhas bem atestadas, sulfurando as que estiverem em vasio e as que forem esvasiadas, estas depois de lavadas. Trásfegam-se e colam-se os vinhos por sair.

Nas hortas — E' ainda êste mês de grande actividade para as culturas. Continuam as sementeiras; regam-se, mondam-se e picam-se os alfobres.

Semeia-se feijão, ervilha, azêdas, cenouras, alface, melões, melancias, pepinos, chicórias, tomates, pimentos e a maior parte das plantas de horta.

Nos jardins — Ainda se semeiam



Amores perfeitos

goivos, gerânios, nigelas, amaranços, cinerárias, chagas, côleos, begónias, heliantos, colceolários, gloxinias, malvaiscos e outras do mês anterior. As plantas de estufas ou abrigos podem pôr-se ao ar livre. Pulverizar as roseiras com água salgada, quando appareçam as fôlhas com bolor branco; semeiam-se cravos para plantar no Outono. Colocam-se em lugar definitivo as plantas decorativas de verão. Suprimir parte dos botões das dâlias para apressar o desenvolvimento das flores.

Pecuária — Tosquia-se o gado lanígero, dá-se alimento verde às vacas, cavalos e jumentos e engordam-se os bois.

Hortaliças, flores e pastos. As melhores sementes estão à venda na casa **SOARES & REBELO, L.ª DA, Rua dos Correeiros, 295 a 299, Lisboa.** Culturas próprias em terrenos de sua propriedade.

Lavradores !

Estais hoje bem? Amanhã podereis vir a ser pobres, a não ter nada, se o fogo vos arruinar. Segurai os vossos haveres e as vossas searas na COMPANHIA DE SEGUROS

COMMÉRCIO E INDÚSTRIA

FUNDADA EM 1907

Capital e reservas: **36.697 contos**

Agências em tôdas as terras do Continente e das Colónias
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1942: **98.716 contos**

Rua do Arco Bandeira, 22

Telefone: **2 6145 - 3 linhas**

LISBOA

QUEM SEGURA OS SEUS HAVERES DEFENDE O SEU CAPITAL

O CLYCOL suaviza as manchas das sardas



Alface



Rabanete redondo

JUNHO

Nos campos e nas hortas — Continuam sem descanso as mondas, as regas de manhã e à tarde, as sachas. Capam-se os melões, os tomates e os pepinos. Ceitam-se as chicórias de forragem e as escariolas. Semeiar: acelgas, agriões, altaces, azedas, bel-droegas, beterraba do Egipto, bróculos, cenouras, cerefolio, chicórias, coentros, couves bróculos, couves de Bruxelas, couves flores temporãs, couves de folhas, couves de grelos, couves lombardas, couves nabos, couves rabanos, couves de repólho, couves tronchudas, espinafres de Inglaterra, espinafres de Viroflay, feijões, funcho, mostarda, nabos seródios, pimpinela, rabanetes temporãos, repólhos, salsa, segurelha, tomilho.

Nos jardins — Semeiar: Acroclinium, aquilégias, asteres, begónias, sempre em flor, bons dias anãos, calceolárias, campainhas anãs, campanulas, convulvulos, cosmos, espargos, feijão de Espanha, gipsófilas, goivos, linho azul, miosótis, piretro róseo, primulas da China, ricino, salpiglossa.

Nêste mês arredam-se para o lugar mais sombrio do jardim os vasos que têm plantas de terra preta, como camélias, hortenses, azálias, etc., para que o demasiado ardor as não prejudique.

Em Caneças, na Quinta do Pinhal Verde, são ensaiadas tôdas as sementes que estão à venda na Casa

Soares & Rebelo, Lda.

Rua dos Correiros, 295 a 299 — LISBOA

CAUTELA!

Lavradores: segurai as vossas searas na COMPANHIA DE SEGUROS
COMMÉRCIO E INDÚSTRIA

FUNDADA EM 1907

Capital e reservas: 36.697 contos

Agências em tôdas as terras do Continente e das Colónias
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1942: 98.716 contos

Rua do Arco Bandeira, 22

Telefone: 2 6145 — 3 linhas

LISBOA

QUEM SEGURA OS SEUS HAVERES DEFENDE O SEU CAPITAL

O GLYCOL disfarça as manchas das bexigas



Cenoura guérande



Malmequeres da Sécia

JULHO

Nos campos — Preparam-se e arjam-se os celeiros para recolha dos cereais e grãos.

Nos pomares e matas — As fruteiras que estiverem muito carregadas, procede-se ao desbaste dos frutos.

Nas vinhas — Faz-se a amontoa e limpam-se as ervas.

Nas hortas — São indispensáveis sachas e regas nesta época.

Havendo água para regas, (estas de preferência à tarde) plantam-se bróculos, couve-flor, lombarda e semeiam-se altace, cenouras, ervilhas, rabanetes e salsa, nabos e mostarda.

Nos jardins — Semeiam-se abissos, malvaiscos, cinerárias, amôres-perfei-

tos, anémons, calêndulas, gerânios, bons-dias, lafospérmias, calceolárias antirrinhas. Limpam-se as roseiras e podam-se os tufos velhos dos craveiros.

Pecuária — Os animais só deverão ir para a pastagem pela manhã e à tardinha, para não serem expostos aos ardores do sol.

Nas adegas — Conserva-se o ambiente fresco, techando durante o dia as janelas expostas ao sol abrindo as restantes.

Sementes garantidas encontram-se à venda na casa

Soares & Rebelo, Lda.

Rua dos Correiros, 295 a 299 — Lisboa

O FOGO

pode surgir dum momento para o outro e a vossa ruína será inevitável !
Evitai embaraços, complicações e lágrimas, segurando as vossas searas na

COMPANHIA DE SEGUROS
COMMÉRCIO E INDÚSTRIA

FUNDADA EM 1907

Capital e reservas; 36.697 contos

Agências em tôdas as terras do Continente e das Colónias
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1941; 98.716 contos

RUA DO ARCO BANDEIRA, 22

Telefone: 2 6145 — 3 linhas

LISBOA

QUEM SEGURA OS SEUS HAVERES DEFENDE O SEU CAPITAL

O GLYCOL não tem rival



Couve lombarda das virtudes, grande, pé alto



Alho francês

A G O S T O

Nos campos — Terminada a colheita e debulha dos cereais de pravana, o grão só deve ser guardado quando esteja perfeitamente sêco, convindo padejá-lo freqüentes vezes para o arejar e evitar as fermentações do seu amontoamento

Nos pomares — Faz-se a enxertia de borbulha nas pereiras, pecegueiros, ameixoeiras, damasqueiros, etc. Semelham-se plantas de caroço e dá-se combate aos parasitas das fruteiras.

Nas vinhas — Continua o tratamento anticriptogâmico das videiras e suprimem-se os rebentos dos cavalos e as raízes dos gartos, nas enxertias novas. Cobrem-se os cachos expostos ao sol.

Nas adegas — Inspecionam-se cuidadosamente os vinhos, que ainda se conservem, para serem tratados logo que se manifeste qualquer doença.

Nas hortas — Semear: acelgas, alfafes, agriões, azedas, beldroegas, bróculos, cenouras, cerefolio, chicórias, coentros, couves bróculos, couves de Bruxelas, couves de repólho, couves tronchudas, espinafres, feijões, mostarda, nabos, pimpinela, rabanetes temporões, rábano, repólhos, salsa.

Nos jardins — Semear: açafates de prata, amores perfeitos, assembléias, lobélia, malmequeres anuais, malmequeres de palha, malvaiscos, maravilhas, margaridas, miosótis, paciências, papoulas, begónias, cinerárias, etc.

Sementes estrangeiras das melhores procedências nacionais, produção própria, encontram-se na Casa

Soares & Rebelo, L.^{da}

R. dos Correios, 295 a 299 - Lisboa



As árvores de fruto dos

VIVEIROS DE CASTROMIL-CÊTE

São oiro de Portugal!

Vastas culturas, técnicamente orientadas, de árvores de fruto, adorno e florestais. Videiras americanas e enxertadas, para vinho e mêsa. Roseiras, Morangueiros, Plantas.

Catálogo grátis



Couve Bacalan



Estrelas do Egipto

SETEMBRO

Os campos — Devem lavar-se desde já as terras destinadas à sementeira de trigo de Outono para serem convenientemente meteorisadas pela acção dos agentes atmosféricos com o que muito beneficiará o desenvolvimento e produção das searas.

Continua a debulha de feijão, grão e milho e dêste deve fazer-se a escolha de espigas para semente que serão das de pés mais vigorosos e que tenham dado maior número de maçarocas bem gradadas e com grãos de uma só côr. Escolhem-se apenas os grãos do meio.

Nos pomares — Prossegue a colheita de frutas e azeitona para mesa e é indispensável a limpeza das fruteiras depois das mesmas.

Nos pecegueiros, cortam-se os raminhos que deram fruta pois não voltam a frutificar e depois do meado do mês, pode-se proceder à enxertia de fenda. Os viveiros devem ser regados, sachados e limpos e é conveniente abrir covas para futuras plantações.

Nas vinhas — Estamos no mês das vindimas que só devem efectuar-se quando as uvas estejam devidamente amadurecidas, separando os cachos pobres e com bolores.

Nas adegas — Todo o material de vindimas e que tem de servir para a condução e arrecadação dos mostos e vinhos, deve estar convenientemente preparado e desinfectado. As adegas limpas e caídas.

Nas hortas — Continuam as regas necessárias e semeia-se alhos, cenouras, cebolas, couves, lombardos, repólho, nabos, rabanetes, rábanos, mostarda, mastrunço, coentros, chicória, alface, acelgas, beterraba, espinafres, pastinaga, azêdas e pimpinela.

Pode-se plantar alfazema, alcachofras, aipo, cebolas, altace, tôdas as hortaliças e morangueiros. Nas primeiras chuvas faz-se a sementeira do nabal.

Nos jardins — As flores dêste mês são especialmente as dalias e os crisântemos que devem ser cuidadosamente tratados. Semeiam-se perpétuas, goivos, lobélias, belas-rosas, agrotis, esporas, papoilas dobradas, verónicas, malmequeres, linho-flor, cravos, cravinas, adónis, cinerárias e bem assim tôdas as plantas anuais ou perenes para florescerem na primavera.

Pecuária — Como no mês anterior, guardam-se convenientemente os feno para o sustento do gado, no Inverno.

Quereis possuir opulentos nabais ?

Compraí as sementes na casa **SOARES & REBELO, L.DA**
Rua dos Correios, 295 a 299, LISBOA

O GLYCOL prepara o rosto à aplicação do «rouge»



Cebola saloia



Couve coração de boi

O U T U B R O

Nos campos — Aproveita-se a oportunidade das primeiras chuvas para se fazer a sementeira de verdes destinados à alimentação de gados. Nas terras que não tenham de ser cultivadas antes da Primavera, assim como nas vinhas, pomares, etc., semeia-se tremoço, para ser enterrado verde, ao florescer, o que fornece uma riquíssima adubação em azoto.

Nos pomares — Abrem-se covas para plantação de árvores sendo de enorme vantagem deixá-las bastante tempo abertas para que a terra, exposta ao tempo, receba os benefícios de meteorização.

Nos olivais — A azeitona gafada e atacada de bicho deve colher-se e ser imediatamente fabricada para que o azeite não sofra alteração dentro do fruto e também para se evitar que as farvas contidas na sua polpa passem ao estado de insectos perfeitos e vão depositar ovos para novas invasões.

Nas vinhas — Estão terminando as vindimas e é prudente não deixar soltar os rebanhos para comerem as tôlhas das vinhas. Este hábito frequente, é muito prejudicial às cêpas porque as tôlhas são necessárias à elaboração e armazenagem das varas, das reservas que as videiras hão-de utilizar durante o inverno. Por isso, a

supressão total das fôlhas só produz o enfraquecimento das plantas, o que se ressentirá na futura rebentação e produção.

Nas adegas — Continua a sua faina e, terminados os fabricos de vinho e aguardente, lava-se com muito cuidado, todos os recipientes e mais material para que o mosto ou vinho, nêle adherentes ou embebidos não contráia bolores ou azedia cujos germes podem transmitir-se aos vinhos envazilhados ou aos mostos da futura colheita. Podem aproveitar-se os bagaços para sustento dos animais.

Nas hortas — Semeia-se alface, alho comum, azêdas, beterraba, borragem, cebola, chicória, coentros, espinafres, tava, morangos, mostarda e planta-se tôda a espécie de hortaliças; alfaces, cebolas, espargos, citrónela, alcachofras, alfazema, framboesas e morangueiros.

Nos jardins — Deve concluir-se a sementeira de flores, que não foi possível fazer em Setembro, e guardá-las das geadas bem como as plantas de tubérculos, como: boas-noites, caládios, dâlias e rocas. Começam a florir os crisântemos que são as flores da época e continua a plantação dos bolbiferos, tais como: anêmonas, jácintos, airículas e túlipas.

Bolbos de plantas floríferas. A casa Soares & Rebelo, L.^{da}, Rua dos Correeiros, 295 a 299, Lisboa, tem à venda um enorme sortido que produz lindas flores. Peça o catálogo grátis.



Zínias



Miosotis

NOVEMBRO

Nos campos — Faz-se, com a maior actividade, a sementeira de todos os cereais de pragna (trigo, centeio, cevada, aveia) e podem ainda semear-se favas e tremoços e tôdas as ervas da época, como nabos, trêvo, luzerna, serradela, ervilhaca, santeno e outras leguminosas destinadas a forragem para os animais e tremoços para serem enterrados em verde.

Nos pomares — Depois de se terem aberto as covas com bastante antecedência, faz-se a plantação das árvores de fruto para o que se devem adquirir plantas de confiança e de reconhecido valor.

Podam-se e limpam-se as fruteiras para melhorar a sua reprodução e libertá-las das doenças e insectos que as atacam, para o que se devem pincelar os troncos com desinfectantes.

Nas vinhas — Prepara-se o terreno para a plantação começando pela de barbados americanos nos terrenos secos. Faz-se a escava de águas, aplicam-se adubações, suprimem-se as raízes lançadas pelo garfo, conservando as nascidas na parte americana. Principiam as podas, reservando-se

para mais tarde as das regiões mais sujeitas a geadas.

Nas adegas — Abatocam-se as vasilhas contendo os vinhos novos e, logo que estes se apresentem limpos, trasfegam-se para outras onde se conservarão já libertos das bôrras que lhes poderiam provocar graves alterações.

Nas hortas — Depois da cava e estrumação, semeiam-se favas e, nas de boa exposição, onde não haja a temer as geadas, semeiam-se ervilhas. Plantam-se morangos, alfaces, alhos, tupinambos, cebolas e tôda a espécie de hortaliça.

Nos jardins — Continua a plantação de bolbos, tais como: jacintos, tulipas, narcisos, iris, rainunculos, etc. Podam-se e plantam-se roseiras. Em sitios abrigados, semeiam-se primulas, sálvias, fisalis, piteros, rosedá, margaridas, brizas, centauros, clarquias, ervilhas de cheiro, fúcias, gílias, gauras, linárias, celónias, crepis, lobélias, matricáras, mimulos, sapanários, saúdaes, verbenas, violetas, etc.

Pecuária — Resguardam-se os animais dos frios do inverno.

A Casa **Soares & Rebelo, L.^{da}**, Rua dos Correeiros, 295 a 299, Lisboa, produz em terrenos próprios a mais importante e rigorosa selecção de sementes de cebola. Consulte os seus preços.

O GLYCOL deve ser aplicado antes do «baton»

DEZEMBRO

Nos campos — Continua a sementeira de trigo e outros cereais de Outono, vai-se preparando os novos e cuidando do desenvolvimento dos já existentes; semeiam-se forragens leguminosas de boas variedades, como luzerna, trevo, santeno, serradela, garroba, etc., plantas de grande valor nutritivo pela sua riqueza em azoto e que constituem um grande auxílio da engorda dos animais.

Nas matas e pomares — Semeiam-se pinheiros, castanheiros, azinheiras, carço de pêcego; plantam-se amendoeiras, macieiras, pereiras, oliveiras, tôdas as árvores de carço e choupos, sobreiros e sabugueiros, antes de rebentarem; enxerta-se de espinho as árvores de cêdo e dá-se descanso às terras.

Nos olivais — Depois da colheita das azeitonas, podam-se as oliveiras e, para plantação, aproveitam-se as estacas que se conservam em covas, acamando-as revestidas de palha até à ocasião de serem dispostas em viveiro ou em lugar definitivo.

Nas vinhas — Faz-se ainda o encalceamento das cepas; plantam-se bacêlos americanos de variedade que se adaptem bem ao terreno. Adubam-se as vinhas e aplica-se sulfato de ferro às raízes das videiras que se apresentarem com as folhas amareladas.

Nas adegas — Põe-se em limpo os vinhos da última colheita, passando-os para vasilhas bem limpas e sulturadas; a trasega é de muita conveniência porque é perigosa a permanência dos



Couve-flor

vinhos sôbre as bôrras. As vasilhas devem ser bem atestadas.

Nas hortas — Os trabalhos são os mesmos de Novembro. Dispõe-se dentes de alho, de preferência os exteriores, reservando as restantes para os usos culinários. Plantam-se cebolas, repólho, couve galega, alcachofras, espargos, morangueiros e semeiam-se espinafres, bredos, aipo, coentros, salsa, ervilhas, pimpinela, couves, alface, rábanos, rabanetes, nabos, grão, tulinambos e favas.

Nos jardins — E' dos melhores meses para podar as roseiras. Semeiam-se saúdades, boas-noites, goivos, mangericos, etc.

As sementes de hortaliças, flores e pastos à venda na casa
SOARES & REBELO, LDA.
Rua dos Correios, 295 a 299, LISBOA
são garantidas, porque são rigorosamente ensaiadas e cultivadas por pessoal competente, na Quinta do Pinhal Verde, em Caneças.

ADUBOS ORGÂNICOS

O uso dos adubos orgânicos e químico-orgânicos é em absoluto recomendável, visto estar provado que proporciona excelentes produções em tôdas as culturas

Devem-se aplicar imediatamente as fórmulas especiais para: VINHA, OLIVEIRAS, LARANJEIRAS, tôdas as demais árvores de fruto, BATATA, MILHO, ETC.

A marca experimentada e de tôda a garantia é a

« S E R E I A »

Agentes em Lisboa: **Calçada do Duque, 3, 1.º — LISBOA**

O GLYCOL é um verdadeiro amigo

O TEMPO

HORA LEGAL

(Lei de 26 de Maio de 1911)

A hora legal nos territórios portugueses é a hora civil do meridiano de Greenwich, com as seguintes diferenças:

- 2 h.	Açores e Cabo Verde.
- 1 h.	Madeira e Guiné.
0 h.	Continente de Portugal, S. Tomé e Príncipe, Ajudá (Hora da Europa Ocidental).
+ 1 h.	Angola.
+ 2 h.	Moçambique.
+ 5 h.	Índia (*).
+ 8 h.	Macau e Timor.

(*) A Índia conserva provisoriamente a hora da colónia limítrofe (+ 5 h. 30 m.).

Anos bissextos até 1988

1918, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1972, 1976, 1980, 1984 e 1988.

Os dias maiores do ano

São os que vão de 10 a 11 de Junho. Nascimento do Sol, às 5,12; ocaso às 20,5.

Os dias menores do ano

São os de 25 a 26 de Dezembro. Nascimento do Sol, às 7,53; ocaso, às 17,20.

Número de dias dos meses

De 31 dias: Janeiro, Março, Maio, Julho, Agosto, Outubro e Dezembro.

De 30 dias: Abril, Junho, Setembro e Novembro.

De 28 ou 29 dias: Fevereiro.

Feriados nacionais

Janeiro 1 — Fraternalid. Universal.
Janeiro 31 — Precurs. da República.
Maio 3 — Descobrim. do Brasil.
Junho 10 — Memória de Camões.
Outubro 5 — Herois da República.
Dezembro 1 — Independência Nacion.
Dezembro 25 — Família.

Feriados judiciais

De 24 de Dezembro a 6 de Janeiro. Segunda e terça-feira de Carnaval. De Domingo de Ramos a Segunda-feira de Páscoa. De 1 de Agosto a 30 de Setembro.

Princípio das estações

Primavera, 21 de Março, às 12 h. e 3 m.
Verão, 22 de Junho, às 7 h. e 13 m.
Outono, 23 de Setembro, às 22 h. e 12 m.
Inverno, 22 de Dezembro, às 17 h. e 30 m.

Datas cronológicas nacionais

Da fundação da monarquia portuguesa, por D. Afonso Henriques. 804
Da tomada de Lisboa aos mouros pelo mesmo rei. 797
Da conquista do reino do Algarve aos mouros, por D. Afonso III. 677
Da criação da Universidade, por D. Diniz. 654
Da aclamação do mestre de Aviz com o nome de D. João I. . . 559
Da batalha de Aljubarrota, contra D. João I de Castela, que pretendia o trono português. . . 559
Da conquista de Ceuta por D. João I (primeira empresa marítima dos portugueses) . . . 529
Da descoberta da Índia por Vasco da Gama 445
Da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral. 444
Da revolução de 1640. 304
Da restauração do Brasil 289
Do grande terremoto. 189
Da expulsão dos Jesuítas 185
Da primeira invasão francesa . . 137
Da Revolução Liberal 124
Do advento do Regime Constitucional 112
Do advento da República. 34
Da travessia do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. . 22

Sociedade de Destilação e Comércio, L.^{da}

Séde: — TORRES NOVAS

TELEFONE 96 — TELEG. «ALCOOL»

Escritório em LISBOA:

Rua do Olival, 124

Telefone 6 0256

PORTO:

R. Duque de Saldanha, 182

Telefone 737

Fábrica de ALCOOL, puro e desnaturado

AGUARDENTES AGRÍCOLAS

Sociedade Textil

do Sul, L.^{da}

Séde social:

Escritório e Armazéns:

Rua da Prata, 199, 1.º e 2.º

LISBOA

É no seu género a organização industrial mais importante e completa de todo o País

Fabrico especial de toda a espécie de tecidos, crus, brancos, tintos e estampados, apropriados não só ao consumo do continente e ilhas, como dos mercados do ultramar

Compram todos sempre melhor e mais barato na Sociedade proprietária das Fábricas de Fiação e Tecelagem em Alhandra e das Fábricas de Estampagem e Tinturaria em Sacavem (Ponte Nova).

Armazens de Fazendas Nacionais

Val do Rio & C.^l

Casa Fundada em 1875

Escritório:

Rua dos Douradores, 69, 1.º

Telefone: 2 0277

Usa-se o código «Ribeiro»

ARMAZENS

69, Rua dos Douradores, 1.º

13, Rua da Victória, 2.º

LISBOA

A hora das principais cidades do mundo

Quando é meio dia em Lisboa, em algumas das principais cidades do mundo, os respectivos relógios marcam:

Amesterdão	12 h. e 57 m.	Madrid	12 h. e 22 m.
Baía (S. Salvador)	10 h. e 3 m.	Manila	20 h. e 41 m.
Barcelona	12 h. e 45 m.	Marselha	12 h. e 58 m.
Berlim	13 h. e 30 m.	Melburne	22 h. e 17 m.
Bordeus.	12 h. e 35 m.	Mexico	6 h. e 0 m.
Boston	7 h. e 52 m.	Milão	13 h. e 13 m.
Bremen	13 h. e 12 m.	Montevideu	8 h. e 52 m.
Bruxelas	12 h. e 40 m.	Moscovo	15 h. e 7 m.
Cabo (Cidade do)	13 h. e 51 m.	Munique	13 h. e 23 m.
Calcutá	18 h. e 30 m.	Nova York.	7 h. e 41 m.
Carisruhe	23 h. e 10 m.	Odessa	14 h. e 39 m.
Colónia	13 h. e 1 m.	Pará (Belém)	9 h. e 23 m.
Constantinopla	14 h. e 33 m.	Paris.	12 h. e 45 m.
Copenhague	13 h. e 27 m.	Pequim	20 h. e 23 m.
Edimburgo	12 h. e 24 m.	Pôrto	12 h. e 2 m.
Estrasburgo	23 h. e 7 m.	Pôrto Alegre	9 h. e 12 m.
Florença	13 h. e 21 m.	Quebeque	7 h. e 52 m.
Funchal	11 h. e 29 m.	Rio de Janeiro	9 h. e 44 m.
Genova	13 h. e 1 m.	Roma	13 h. e 27 m.
Hamburgo	13 h. e 16 m.	S. Francisco (Calif.)	4 h. e 27 m.
Havana	7 h. e 7 m.	Stuttgart	13 h. e 13 m.
Honolulu	0 h. e 5 m.	Sucre (Bolívia)	8 h. e 21 m.
Leninegrado	14 h. e 38 m.	Turim	13 h. e 4 m.
Londres	12 h. e 36 m.	Valparaíso	7 h. e 50 m.
Lião	12 h. e 56 m.	Veneza	13 h. e 26 m.
		Viena	13 h. e 42 m.
		Wasington.	7 h. e 29 m.
		Yeddo	21 h. e 55 m.
		Zurique.	13 h. e 11 m.

Eras cronológicas em 1944

O ano de 1944 da era vulgar, ou de Cristo, corresponde aos anos:

6657 do periodo juliano, contendo os dias 2 431 091 a 2 431 456.
5704-5705 da era israelita, cujo ano 5705 começa ao pôr do Sol do dia 17 de Setembro.

1363-1364 da era moslémica, ou *hégira*, cujo ano 1364 começa ao pôr do Sol do dia 16 de Dezembro.

2697 da fundação de Rome, *ab urbe condita*, segundo Varrão.

1982 da era de César, ou hispânica, usada em Portugal até 1422.
44 do século xx.

1943-1944 do calendário juliano, cujo ano 1944 começa no dia 14 de Janeiro.

2604 da era japonesa, ou 19 do periodo denominado *Xô-Ud* (que se seguiu ao periodo *Tai-xô*).

2719-2720 das olimpíadas, ou 3.º e 4.º da 680.ª olimpíada, começando este em 1 de Setembro, ao uso bizantino.

Cômputo cronológico gregoriano em 1944

Aureo número (ciclo lunar)	7
Epacta	V
Letra dominical	B, A
Ciclo solar	21
Domingos entre Pentecostes e Advento	26
Septuagésima	Fevereiro 6
Domingo magro (Sexagésima)	» 13
Domingo gordo (Quinquagésima)	» 20
Cinza	» 23
Quadragesima	» 27
Ramos	Abril 2
Páscoa	» 9
Ascensão	Mai 18
Pentecostes	» 28
Trindade	Junho 4
<i>Corpus Christi</i>	» 8
Advento	Dezembro 3

N. B. — O calendário juliano foi definitivamente abandonado desde 14 de Outubro de 1923 pelas nações que ainda o usavam.

Calendário Israelita

Data Israelita		Data gregoriana
5704 (ano ordinário abundante, 354 dias).		
Tebet 10	Cerco de Jerusalém (jejum)	Janeiro 6
Scbá 1	—	» 26
Adar 1	—	Fevereiro 25
» 13	Ester (jejum)	Março 8
» 14	Purim	» 9
Nisan 1	—	» 25
» 15	Pessá. Páscoa	Abril 8
» 22	Oitavo dia	» 15
Iar 1	—	» 24
Silvan 1	—	Mai 23
» 6	Xâbuote. Pentecostes	» 23
Tamuz 1	—	Junho 22
» 17	Tamuz (jejum), Tomada de Jerusalém	Julho 9
Ab 1	—	» 21
» 9	Tissá Beab (jejum). Destruição do Templo	» 30
Elul 1	—	Agosto 20
5705 (ano ordinário abundante 355 dias).		
Tisri 1	Ros-Haxaná. Ano Novo	Setembro 18
» 3	Guedaliá (jejum)	» 20
» 10	Quipur. Expição	» 27
» 15	Šucôte. Tabernáculos	Outubro 2
» 21	Hossana Rabá	» 8
» 22	Semini Asseret. Fim dos Tabernáculos	» 9
» 23	Simhá Torá. Alegria da Lei	» 10
Hesvan 1	—	» 18
Quislev 1	—	Novembro 17
» 25	Hanucá. Dedicção do Templo	Dezembro 11
Tebet 1	—	» 17
» 10	Cêrco de Jerusalém (jejum)	» 26

Dias de descanso : os sabados

ECLIPSES EM 1944

No ano de 1944 haverá dois eclipses, ambos do Sol.

I — Eclipse total do Sol, em 25 de Janeiro:

	h m	Longitude	Latitude
Começa o eclipse	às 12 48	99° 12' W	6° 31' S
Começa a fase total	» 13 45	111° 59' W	3° 23' N
Acaba a fase total	> 17 8	350° 36' W	18° 48' N
Acaba o eclipse	> 18 4	3° 16' W	14° 56' N

Este eclipse será visível na parte meridional da América do Norte, na América Central, na parte oriental do Oceano Pacífico, na América do Sul, com excepção dos territórios meridionais, no Oceano Atlântico, na parte ocidental da África e na Europa Ocidental.

Em Portugal será visível, como parcial, no continente e ilhas adjacentes e em todas as colónias de África, com excepção de Moçambique.

II — Eclipse anular do Sol em 20 de Julho:

	h m	Longitude	Latitude
Começa o eclipse	às 2 43	310° 40' W	4° 5' N
Começa a fase anular	» 3 47	326° 35' W	3° 50' N
Acaba a fase anular	> 7 38	2° 50' 40' W	6° 57' S
Acaba o eclipse	» 8 43	221° 36' W	6° 21' S

Este eclipse será visível na África Oriental, em Madagascar, na parte oriental do Mar Mediterrâneo, na Ásia, com excepção da Sibéria, no Oceano Índico, no Arquipélago de Sonda e nas Filipinas, na Austrália, na Nova Guiné e na parte ocidental do Oceano Pacífico.

Fases da Lua em 1944

Quarto crescente		Lua Chela		Quarto minguante		Lua Nova	
	h m		h m		h m		h m
Jan. 2	às 20, 4	Jan. 10	às 10, 9	Jan. 18	às 15,32	Jan. 25	às 15,24
Fev. 1	» 7, 8	Fev. 9	» 5,29	Fev. 17	» 7,42	Fev. 24	» 1,59
Mar. 1	» 20,40	Mar. 10	» 0,28	Mar. 17	» 20,5	Mar. 24	» 11,36
Mar 31	» 12,34	Abr. 8	» 17,22	Abr. 16	» 4,59	Abr. 22	» 20,43
Abr 30	» 6, 6	Mai 8	» 7,28	Mai 15	» 11,12	Mai 22	» 6,12
Mai 30	» 0, 6	Jun. 6	» 18,58	Jun. 3	» 15,56	Jun. 20	» 17, 0
Jun 28	» 17,27	Jul. 6	» 4,27	Jul. 12	» 20,39	Jul. 20	» 5,42
Jul. 28	» 9,23	Ag. 4	» 12,39	Ag. 11	» 2,52	Ag. 18	» 20,25
Ag. 26	» 23,39	Set. 2	» 20,21	Set. 9	» 12,03	Set. 17	» 12,37
Set. 25	» 12, 7	Out. 2	» 4,22	Out. 9	» 1,12	Out. 17	» 5,35
Out 24	» 22,48	Out. 31	» 13,35	Nov. 7	» 18,28	Nov. 15	» 22,29
Nov. 23	» 7,53	Nov. 30	» 0,52	Dez. 7	» 14,57	Dez 15	» 14,34
Dez. 22	» 15,51	Dez. 29	» 14,38				

MÉCO, Limitada

FÁBRICA DE SOBRESCRITOS
— FAÇONAGEM DE PAPEIS

Depósito de papeis e cartolinhas de tôdas as qualidades nacionais e estrangeiras

20, Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 25

Telefone 20496 — 27316 — P. B. X.

L I S B O A



AGENTE NO PORTO

J. Lemos Júnior

Rua das Flores, 45, 2.º

José Gaspar Carreira, L.^{da}

CASA FUNDADA EM 1896

ARMAZEM DE PAPELARIA



MERCEARIAS FINAS

FIO DE VELA



Rua dos Fanqueiros, 360, 1.º

Telefone 2 7656

Teleg. «PARCARREIRA»

L I S B O A

Mármore e Cantarias

— DE —

PERO PINHEIRO - EXTREMOZ, L.^{DA}

M Á R M O R E S

SERRADOS E POLIDOS EM
TODAS AS QUALIDADES

MOZAIÇOS DE MÁRMORE

CANTARIAS PARA OBRAS

ESCULTURAS

JAZIGOS, CABECEIRAS, CAMPAS, etc.

—
TELEFONE 2 4184

Praça dos Restauradores, 65-1.º

— LISBOA

Visibilidade dos planetas em 1944

Mercúrio poderá ver-se de *manhã*, ao alvorecer, cêrca de 31 de Janeiro, 29 de Maio e 22 de Setembro; de *tarde*, no crepúsculo, cêrca de 12 de Abril, 10 de Agosto e 5 de Dezembro. As épocas mais favoráveis são de 12 de Abril e 22 de Setembro.

Vénus é estrêla da *manhã* até Junho e da *tarde* de Julho em diante.

Marte vê-se até Outubro, em que tem o seu ocaso pouco depois do pôr do Sol; encontra-se na constelação do *Touro* em Janeiro, Fevereiro e Março, na dos *Gêmeos* em Abril e Maio, na do *Leão* em Junho e Julho e na da *Virgem* em Agosto, Setembro e princípios de Outubro. Volta a ver-se nos últimos dias do ano, a oriente, na constelação do *Sagitário*.

Júpiter, na constelação do *Leão*, vê-se tôda a noite nos primeiros meses do ano e deixa de se ver por meados de Agosto, em que tem o seu ocaso pouco depois do pôr do Sol. Torna a ver se, desde meados de Setembro, na constelação da *Virgem*. Estará em oposição a 12 de Fevereiro.

Saturno, na constelação do *Touro* no princípio do ano e depois na dos *Gêmeos*, deixa de se ver no mês de Junho e primeiros dias de Julho. Estará em oposição em 29 de Dezembro.

Urano, semelhante a uma estrêla de sexta grandeza, andará na constelação do *Touro* e estará em oposição a 3 de Dezembro.

Neptuno, invisível à vista desarmada, permanece todo o ano na constelação da *Virgem* e estará em oposição em 24 de Março.

Plutão só é acessível aos grandes instrumentos.

Nascimentos e Ocasos do Sol

Horizonte de Lisboa
(Bordo superior)

Dias	Meses	Nascer do sol	Ocaso do sol	Dias	Meses	Nascer do sol	Ocaso do sol
1	Janeiro	7 h 55	17 h 26	1	Julho	5 h 15	20 h 6
9		7 h 56	17 h 32	9		5 h 19	20 h 3
17		7 h 54	17 h 41	17		5 h 24	20 h 1
25		7 h 49	17 h 50	25		5 h 31	19 h 55
1	Fevereiro	7 h 44	17 h 58	1	Agosto	5 h 37	19 h 48
9		7 h 36	18 h 7	9		5 h 44	19 h 40
17		7 h 27	18 h 17	17		5 h 51	19 h 30
25		7 h 17	18 h 25	25		5 h 59	19 h 10
1	Março	7 h 10	18 h 29	1	Setembro	6 h 4	19 h 8
9		6 h 58	18 h 37	9		6 h 12	18 h 56
17		6 h 47	18 h 45	17		6 h 19	18 h 44
25		6 h 34	18 h 53	25		6 h 26	18 h 30
1	Abril	6 h 24	18 h 59	1	Outubro	6 h 32	18 h 21
9		6 h 10	19 h 7	9		6 h 39	18 h 10
17		6 h	19 h 15	17		6 h 46	17 h 58
25		5 h 48	19 h 25	25		6 h 56	17 h 46
1	Maio	5 h 40	19 h 29	1	Novembro	7 h 3	17 h 38
9		5 h 32	19 h 36	9		7 h 12	17 h 30
17		5 h 23	19 h 43	17		7 h 21	17 h 23
25		5 h 18	19 h 50	25		7 h 30	17 h 18
1	Junho	5 h 15	19 h 55	1	Dezembro	7 h 36	17 h 15
9		5 h 12	20 h	9		7 h 42	17 h 15
17		5 h 11	20 h 4	17		7 h 49	17 h 17
25		5 h 13	20 h 6	25		7 h 53	17 h 20

MARÉS

Edade da lua	P R E A M A R				B A X A M A R			
	manhã		tarde		manhã		tarde	
	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.
1 16	3	55	4	19	10	7	10	31
2 17	4	43	5	7	10	53	11	19
3 18	5	31	5	55	11	43	0	7
4 19	6	19	6	43	0	31	0	55
5 20	7	7	7	31	1	19	1	43
6 21	7	55	8	19	2	7	2	31
7 22	8	43	9	7	2	55	3	19
8 23	9	31	9	55	3	43	4	7
9 24	10	19	10	43	4	31	4	55
10 25	11	7	11	31	5	19	5	43
11 26	11	55	0	19	8	7	6	31
12 27	0	43	1	7	6	55	7	19
13 28	1	31	1	55	7	43	8	7
14 29	2	19	2	43	8	31	8	55
15 30	3	7	3	31	0	19	9	43

IMPOSTO DO SÊLO

Recibos — Os recibos, quitações e respectivos duplicados e outros quaisquer documentos ou títulos que importem desobrigação de dinheiro, de valores ou de qualquer objecto, exceptuando as quitações dos vendedores, cedentes e permutantes nos contratos de compra e venda, cedência onerosa e troca, até 999, estão isentos de sêlo.

Dessa importância para cima o sêlo que incide sobre o valor do recibo ou quitação é:

de 10\$00 a 100\$00 . . . 10
mais de 100\$00 1^o/_{oo}

com arredondamento para a dezena de centavos.

Letras — A taxa é de 2^o/_{oo} sobre a importância das letras sacadas sobre o Continente da República, Ilhas e Colónias e ainda as sacadas no estrangeiro, aceites ou pagas no Continente ou Ilhas, com arredondamento para a dezena de centavos.

Cartas de crédito ou de abonação — Passadas por comerciantes pagam conforme o respectivo valor:

de 1\$50 a 20\$00 10
de mais de 20\$00 até 100\$00 . . . 20
cada 100\$00 ou fracção a mais. 20

Cheques ou Livranças — De qualquer natureza, passados no estrangeiro, para serem pagos em Portugal ou, no estrangeiro, quando tenham de ser negociados em Portugal.

até 500\$00 1\$00
de 500\$00 a 1,000\$00. 2\$00
cada 500\$00 a mais, ou fracção 1\$00

Livros de Escriuração Comercial — Inventário, Balanços, Diário, Razão, Actas e registos de Acções ou Obrigações (até ao formato de 60 x 40 cent) cada meia fôlha de duas laudas, 2\$50.

Excedendo estas dimensões, 5\$00.

Copiadores (cada meia fôlha de duas laudas, embora apenas uma aproveitada) 2\$5.

Cartas e Facturas — Comerciais, conferidas com prazo ou conforme vencimento:

de 1\$50 a 40\$00. 10
de mais de 40\$00 até 100\$00 . . . 20
cada 100\$00 ou fracção a mais. 20

Extracto de Facturas:

até 250\$00. 50
mais de 250\$00 2^o/_{oo}

SERVIÇOS POSTAIS

Portes das correspondências no Continente, Ilhas adjacentes e Império Colonial e com a Espanha e Brasil

Cartas, cada 20 gr. ou fracção. 10
Bilhetes postais simples ou ilustrados 10
Jornais, por cada fracção de 50 gr. (limite 2 kgr.): expedidos pelas administrações . . . 10
expedidos por particulares . . . 10
Impressos, por cada fracção de 50 gr. (limite 2 kgr.) 10
Livros, escritos em português, por cada fracção de 50 gr. (limite 2 kgr.) 10
Amostras: 1.^o porte de 100 grs. cada 50 gr. ou fracção a mais 10
Prémio de registo de correspondência. 10

Avisos de recepção de objectos registados 10
Pedidos depois da expedição da correspondência 10
Reclamações sobre objectos registados (modelo 118) 10
Correspondência da última hora, sobretaxa 10
Para correspond. registada:
quando aproveitem das expedições até às 8 horas do dia imediato 10
quando não aproveitem essas expedições 10
Posta restante, (correspondência para a) sobretaxa. 10
Pedidos de substituição, rectificação de endereço ou suspensão de entrega (modelo 100). 10

Caixas com valor declarado (incluído o prémio de registo) até 210 gr.	1\$00	reembólso.	3\$50
Cada 50 grs. a mais	\$15	Pedido de informações de objectos ordinários ou registados (Este pedido transmite-se grátis quando a correspondência a que se referir tiver sido acompanhada de aviso de recepção.)	3\$50
(Não podem ter volume superior a 2 decímetros cúbicos, nem o envólucro de madeira menos de 5 ^{mm} de espessura).		Pedido para retirar correspondência ou modificar os endereços.	3\$75
Prémio de valor declarado, além dos portes, e prémio de registo, até 1.000\$00.	2\$00	Cartas e caixas com valor declarado, além dos respectivos portes ou taxas, por cada 300 francos-ouro, prémio de seguro	3\$50
Cada 500\$00 a mais	\$50	Caixas com valor declarado, taxa até 200 gramas	7\$20
Portes das correspondências para o estrangeiro (excepto Espanha e Brasil)		Por cada 50 gramas a mais, além de 250, até o limite de 1 quilograma	1\$80
Cartas, até 20 gramas	1\$75	Sobretaxa a cobrar, em Portugal, dos destinatários das correspondências, cartas e caixas com valor declarado que pelo seu valor comercial estejam sujeitas a direitos aduaneiros	2\$50
Por cada 20 gramas ou fracção, além dos primeiros 20 gramas, até o limite de 2 kgrs.	1\$00	Cupões resposta	3\$00
Bilhetes postais simples	1\$00		
de resposta paga	2\$00	A's correspondências do estrangeiro é aplicável a taxa de porteado correspondente ao dôbro da franquia em falta com as seguintes equivalências :	
Manuscritos, até 20 gramas	1\$75	10 centimos-ouro equivalente a	\$90
cada 50 gramas ou fracção, além dos 250 gramas, até o limite de 2 quilogramas.	\$35	20 » » » »	1\$10
Jornais e outros impressos, cada 50 gramas ou fracção, até o limite de 2 quilogramas (3 quilogramas para volumes isolados)	\$35	30 » » » »	2\$70
Jornais e publicações periódicas quando expedidos directamente pelos editores ou seus mandatários, e livros, brochuras ou papeis de música, cada 50 gramas ou fracção, até o limite de 2 quilogramas.	\$15	40 » » » »	3\$60
Impressos em relevo para uso dos cegos, cada 1.000 gramas ou fracção, até o limite de 5 quilogramas	\$30	50 » » » »	4\$70
Amostras, até 100 gramas	\$70	60 » » » »	5\$40
cada 50 gramas ou fracção, além dos 100 gramas, até o limite de 500 gramas.	\$35	1 franco-ouro	9\$00
Prémio de registo	2\$00	Taxa mínima a cobrar dos destinatários por falta ou insuficiência de franquia \$90 (correspondente a 10 centimos-ouro).	
Aviso de recepção, acompanhando a correspondência	2\$00	Valores declarados	
Aviso de recepção, pedido posteriormente	3\$50	As taxas aplicáveis aos valores declarados são as seguintes :	
Correspondência a entregar por próprio, além das respectivas taxas (a cobrar do remetente)	3\$50	Caixas com valor declarado, até 100 gramas.	1\$15
Correspondência contra reembolso:		De mais de 100 até 500 gramas	1\$90
a cobrar dos remetentes:		De mais de 500 até 1.000 grs	2\$05
além das respectivas taxas e do prémio proporcional de 1/20 ^o sôbre a importância do		De mais de 1.000 até 2.000 grs.	3\$90
		Prémio de valor declarado, nas cartas e caixas, além do porte e prémio do registo, por cada 20\$00 ou fracção de 20\$00	\$10

Apartados	
a) Individuais — 12 meses :	
Lisboa e Pôrto	100\$00
Estações de 1. ^a classe	75\$00
Outras estações	50\$00
2. ^o semestre :	
Lisboa e Pôrto	60\$00
Estações de 1. ^a classe	45\$00
Outras estações	30\$00
4. ^o trimestre :	
Lisboa e Pôrto	40\$00
Estações de 1. ^a classe	30\$00
Outras estações	20\$00
b) Colectivos (a)	
a) O dôbro das taxas para apartados Individuais.	

Vales postais

O limite máximo para o pagamento destes vales, nas capitais de distritos e sédes de concelho, é de esc. 3.000\$00; nas outras localidades é de esc. 200\$00. Pagos no domicilio, até 50\$00.

Premio — até 100\$00.	\$50
Cada 100\$00 a mais.	\$20
Sêlo fiscal: de 10\$00 a 50\$00	\$10
de 50\$01 a 1.000\$00	\$20
de 1.000\$01 a 2.000\$00.	\$50
de 2.000\$01 a 3.000\$00.	\$80

O prazo de validade é de trinta dias e a prescrição de um ano.

Quanto aos vales ultramarinos entre a Metrópole, Ilhas adjacentes e as Colónias portuguesas, o seu limite máximo é de 1.000\$00 (com excepção de Moçambique, cujo limite é de 5.000\$00) para cada vale, sendo o prémio de 5 centavos, por cada dezescudos, até cem.

De cem escudos para cima, por cada dez escudos: 4 centavos. Sobre estes vales não incidem quaisquer outras despesas, visto que a própria remessa é feita pelo correio, sob registo.

O prazo de validade é de quatro meses, e o de prescrição, de dois anos.

Encomendas postais nacionais

Sem transporte marítimo — Continente :

	Normais	Incôm.
Maior dimensão linear	1 ^m ,50	1 ^m ,875
Soma da maior dimensão com o maior perimetro	3 ^m ,50	3 ^m ,75

Com transporte marítimo — Ilhas adjacentes :

Até 5 quilogramas.	60dm ³	75dm ³
De 5 a 10 quilogramas	80dm ³	100dm ³
Maior dimensão linear	1 ^m ,25	1 ^m ,56

Escalões	Tarifas	
	Contin.	Ilhas
2 quilogramas	2\$50	5\$00
4 "	3\$50	6\$00
6 "	4\$50	7\$00
8 "	5\$50	8\$00
10 "	6\$50	9\$00

Indemnização até 200\$00. Valor declarado até 2.000\$00, c/ indemnização até o montante da declaração do valor.

Taxas	Domicilio até 6 quilos	1\$00
	De mais de 6 quilos	2\$00
	Incômodas.	50%

E' facultado aos destinatários das encomendas expedidas sem a condição de entrega ao domicilio requisitar por qualquer via, inclusive a telefónica, à estação do destino, que as mesmas sejam enviadas à respectiva residência.

As encomendas podem ser: registadas, com valor declarado, registadas ou com valor declarado à cobrança.

O máximo da declaração de valor é de 2.000\$00.

Entrega por próprio — As correspondências registadas e as cartas com valor declarado poderão ser expedidas sob a condição de serem enviadas, logo que cheguem à estação de destino, à residência dos destinatários, isto é — *por próprio*.

Aviso de recepção — Os remetentes de correspondências registadas ou de cartas com valor declarado podem requisitar, no acto de registo que lhes seja dado, em tempo oportuno, *aviso de recepção*, assinado pelo destinatário.

Correspondências retidas — Ficam retidas as correspondências :

Em que se possam ler palavras injuriosas ou atentatórias da moral.

Que tenham o nome do destinatário substituído por iniciais e sem indicação do domicilio.

Que tenham enderêço suposto.

Que não sendo franquiadas ou estando insufficientemente franquiadas, não tenham afixados os competentes sêlos de porteado.

Correspondência multada — As correspondências não franquiadas ou com franquia insufficiente são porteadas no dôbro da franquia que lhes faltar.

Quanto à correspondência por via aérea só segue aquela que tiver aposta franquia igual a um excedente a dois terços da sobretaxa correspondente à utilização da via aérea.

Correspondências oficiais — As correspondências oficiais só podem ser

expedidas pelas repartições, funcionários ou autoridades constantes da respectiva tabela. Não podem exceder o peso de 2 quilogramas.

Devem ser entregues e recebidas nas próprias estações, acompanhadas de guias especiais.

Limite de peso e volume— Cartas; 2 kg.

Não podem transitar pelo correio, ainda que *registadas*, as cartas que contiverem moedas de ouro, prata, cobre, bronze, níquel, em circulação ou antigas, tanto nacionais como estrangeiras, pedras preciosas, jóias, barras, lâminas ou outros objectos de ouro ou prata.

A franquia das cartas é *facultativa*. As que não forem franquias, pagam o dôbro no destino.

Os jornais não têm limites de volume, mas o seu peso é limitado a 2 quilogramas.

Os manuscritos não têm limite de peso nem de volume.

As amostras têm o limite de peso de 500 grs. para o Continente e Ultramar, e países estrangeiros, devendo não exceder as seguintes dimensões: comprimento, 40 c.: largura, 30 c.: altura, 10 c.: e, sendo em forma de rôlo, 0 c. de comprimento por 20 c. de diâmetro

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

Taxas de Serviço Nacional — Regimes Interior e Inter-insular

TELEGRAMAS		Regime interior (1)		Regime inter-insular (2)	
		De particulares	Ciuitais	De particulares	Oficiais
Ordinários	até 5 palavras	—	—	—	—
	até 10 palavras	2000	400	4000	800
	cada palavra a mais	200	40	400	80
Urgentes	até 5 palavras	—	—	—	—
	até 10 palavras	4000	—	8000	—
	cada palavra a mais	400	—	800	—
Resposta paga	até 5 palavras	—	—	—	—
	até 10 palavras	2000	—	4000	—
	cada palavra a mais	200	—	400	—
Resposta paga urgente	até 5 palavras	—	—	—	—
	até 10 palavras	4000	—	8000	—
	cada palavra a mais	400	—	800	—
Avisos de serv. taxados	pedindo a repetição parcial ou total do telegrama, cada palavra	200	40	400	80
	para outros fins	—	—	—	—
	até 5 palavras	2000	400	4000	800
	até 10 palavras	200	40	400	80
Urbanos	até 25 palavras	2000	400	—	—
	cada palavra a mais	200	40	—	—
	até 25 palavras	2000	400	—	—
Cartas	até 25 palavras	2000	400	—	—
	cada palavra a mais	200	40	—	—
	até 10 palavras	—	—	—	—
Noticiosos	até 10 palavras	—	—	—	—
	até 10 palavras	2000	—	4000	—
	cada palavra a mais	200	—	400	—
BF e PAX	urbanos	1000	—	—	—
	inter-urbanos	1000	—	—	—
	cada palavra a mais	100	—	—	—
BF e PAX	até 10 palavras	1000	—	—	—
	cada palavra a mais	100	—	—	—
	até 10 palavras	—	—	3000	—
cada palavra a mais	—	—	300	—	
Telegramas Semafóricos (Trocados entre estações semafóricas e navios)				De particulares	Oficiais
Além da taxa que competir pela transmissão telegráfica		até 10 palavras	2000	400	—
		cada palavra a mais	200	40	—

(1) Entre as estações do continente ou entre estações da mesma ilha.

(2) Entre estações de ilhas diferentes do mesmo arquipélago.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

OPERAÇÕES ACESSÓRIAS		Regime interior		Regime inter-insular		
		Em telegramas particulares	Em telegramas oficiais	Em telegramas particulares	Em telegramas oficiais	
Enderêço múltiplo	Além da taxa devida considerado como telegrama único, entrando, portanto na contagem das palavras todos os enderêços	por cada enderêço até 50 palavras	1\$00	\$20	1\$00	\$20
		por cada série ou fracção de 20 palavras além da primeira	\$50	\$10	\$50	\$10
Conferido	Sobre taxa igual a metade da taxa de um telegrama ordinário simples da categoria considerada do mesmo numero de palavras, no mesmo percurso.	até 5 palavras	—	—	—	—
		até 10 palavras	1\$00	\$20	2\$00	\$40
Certificado de recepção	Ordinário Urgente	cada palavra a mais	\$10	\$02	\$20	\$04
			1\$20	\$24	2\$40	\$43
Confirmação	pela cópia a remeter no expedidor pela estação destinatária	por cada série de 50 palavras	1\$00	\$20	1\$00	\$20
Próprio pago			5\$00	5\$00	5\$00	5\$00
Correio registado e Posta Restante registada			\$50	\$50	\$50	\$50
A crédito — sobretaxas			\$50	\$10	\$50	\$10
Recibos do telegramas	no momento da expedição pedidos posteriormente e até o 3.º dia, contando o da expedição pedidos depois do 3.º dia da expedição		\$30	\$06	\$30	\$06
			\$50	\$10	\$50	\$10
			1\$00	\$20	1\$00	\$20

Bilhete de autorização individual para expedir telegramas noticiosos ou (oficiais com validade anual		2\$50	
Multa por irregular apresentação de telegrama como oficial		10\$00	
Nos casos de reincidência		20\$00	
Cópia de avisos marítimos	requisitadas por particulares — cada	2\$00	
	requisitadas por entidades oficiais — cada	\$40	
Cópias de	telegramas por cada 50 palavras ou fracção	5\$00	
	de recibo de expedição de telegrama (modelo n.º 68)	1\$00	
	de recibo de entrega de telegrama (modelo n.º 74)	1\$00	
Enderêços telegráficos abreviados	em Lisboa e Porto	por 1 ano	1\$00 0
		por semestre	10\$00
	noutras capitais de distrito	no último trimestre	6\$00
		por 1 ano	8\$00
	noutras localidades	por semestre	5\$00
		no último trimestre	3\$00
Alteração de enderêço telegráfico abreviado já registado ou transferência do mesmo para outra pessoa:			
em Lisboa e Porto		6\$00	
noutras capitais de distrito		3\$00	
noutras localidades		2\$00	
Transferência de estação, alteração de horário ou de morada		5\$00	
Entrega de telegrama com enderêço abreviado não registado		2\$50	

TAXAS ULTRAMARINAS

(ENTRE A METRÓPOLE E AS COLÓNIAS)

VIA PORTUCALE

	Minimo de cobrança			Cada palavra	Outras taxas
	5 palavras	10 palavras	25 palavras		
Telegramas, operações accésorios, etc.					
Particulares					
Ordinários	25\$00	—	—	5\$00	—
Urgentes	50\$00	—	—	10\$00	—
Resposta paga	25\$00	—	—	5\$00	—
Resposta paga urgente	50\$00	—	—	10\$00	—
Avisos de serviço taxado. {					
pedindo a repetição total ou parcial do telegrama . . .	—	—	—	5\$50	—
para outros fins	25\$00	—	—	5\$00	—
de resposta, quando obrigatória	25\$00	—	—	5\$00	—
Carta	—	—	62\$50	2\$50	—
Noticiosos	—	25\$00	—	2\$50	—
BF e PAX.	—	25\$00	—	2\$50	—
Ende-reço múltiplo. {					
Além da taxa devida, considerado, como telegrama único, entrando, portanto, na contagem das palavras todos os endereços					
por cada cópia até 50 palavras	—	—	—	—	5\$00
por cada série ou fracção de 50 palavras além da primeira	—	—	—	—	2\$50
Conferido	12\$50	—	—	2\$50	—
Certificado de recepção telegráfico.	—	—	—	—	30\$00
Correio registado e posta restante regist.	—	—	—	—	\$50
Recibos de telegramas {					
no momento da expedição	—	—	—	—	\$30
pedidos posteriormente e até ao 3.º dia contando o dia da expedição	—	—	—	—	\$50
pedidos depois do 3.º dia da expedição	—	—	—	—	1\$00
Estado	12\$50	—	—	2\$50	—
Officiais :					
Ordinários	12\$50	—	—	2\$50	—
Urgentes	25\$00	—	—	5\$00	—
Avisos do serviço taxados. {					
pedido a repetição total ou parcial do telegrama	—	—	—	2\$50	—
para outros fins	12\$50	—	—	2\$50	—
de resposta, quando obrigatória	12\$50	—	—	2\$50	—

HOTEL**MIRAMAR****MONTE ESTORIL****ELEVADOR**

Água quente e fria
em todos os aposentos
Aquecimento central, etc.

AMERICAN BAR

Tele { fones 10 e 146
gramas MIRAMAR

ESTORIL**PENSÃO****BOAVENTURA****MONTE ESTORIL**

Telefone ESTORIL 325

ALUGAM-SE QUARTOS CONFOR-
TÁVEIS COM PEQUENO ALMOÇO

*SERVE-SE PENSÃO
NO HOTEL MIRAMAR*

PREÇOS MÓDICOS

ÁGUA QUENTE E FRIA
EM TODOS OS QUARTOS
AQUECIMENTO CENTRAL

**Empresa Industrial
de Madeiras, L.^{DA}**

Sede: VILA ZENHA - XABREGAS

LISBOA

Telef. 38020 End. Tel. «Taboinha»



Fábricas: Pampilhosa do Botão-Far-
minhão-Torredelga-Cantanhede-Pombal

CAIXOTARIA para toda
a espécie de embalagens
Marcações a fogo e a tinta

MADEIRAS PARA EXPORTAÇÃO
CAIXOTARIA MECÂNICA EM LISBOA

**FUNDIÇÃO
TIPOGRÁFICA**

GINI

DE

MANUEL GUEDES, Limitada

A maior organização fabril
nacional de fundição de tipo

Sede: em Lisboa

RUA FRANCISCO METRASS, 107
TELEFONE: 6 3276

Serviços de Identificação Civil

Os serviços de identificação civil são distribuídos pela Séde do Arquivo de Identificação, em Lisboa, e pelas secções de Coimbra e Porto.

O bilhete de identidade é documento bastante para prova da identidade do seu possuidor perante quaisquer autoridades, cartórios notariais ou repartições públicas e estabelecimentos bancários. A apresentação do bilhete de identidade, perante os cartórios notariais, dispensa a intervenção de testemunhas para a abertura do sinal, devendo mencionar-se no respectivo termo o número e a data do bilhete de identidade e a repartição expedidora.

O reconhecimento da identidade

dos outorgantes nos documentos autênticos extra-oficiais far-se-á, além dos outros meios estabelecidos na lei, pela apresentação do bilhete de identidade.

Nos testamentos públicos e autos de aprovação de testamentos cerrados, como nos outros documentos autênticos extra-oficiais e em relação aos outorgantes que forem analfabetos, quando estes sejam portadores de bilhetes de identidade, a impressão digital substitui a assinatura, desde que a aposição dela seja feita na presença do notário e este declare no documento que confere com o existente no bilhete de identidade.

Validade do bilhete de identidade

A validade do bilhete de identidade perdura por cinco anos, até o interessado atingir os quarenta anos, e, posteriormente, por dez e mantêm-se durante estes períodos, ainda que o interessado haja mudado de profissão ou de categoria, sendo funcionário público.

Quando o possuidor do bilhete mudar de profissão, categoria, residência, nacionalidade ou estado civil, deverá fazer o respectivo averbamento, pelo que o Arquivo de Identificação cobrará o emolumento de 1\$50 para o Estado.

Quaisquer outros bilhetes de identidade, passados nas Repartições do Estado não dão garantias estabelecidas nos bilhetes de identidade do Arquivo de Identificação.

Os directores do Arquivo de Identificação Civil, das secções de Coimbra e Porto e os Conservadores do Registo Civil podem autorizar, sempre que as necessidades de serviço o permitam, e a pedido do interessado, que um dos funcionários ou empregados vá a casa ou ao estabelecimento deste para preparar todos os elementos, a-fim-de ser tirado nesse local o

bilhete de identidade. Por cada bilhete de identidade tirado fóra da séde dos Arquivos, cobrar-se-á a importância de mais 5\$00, sendo cobrada também a quantia de 2\$50 pelo caminho, por cada quilómetro ou fracção, contando-se apenas a ida. Além de 15 quilómetros nada mais. O caminho só é devido quando o acto se praticar a distância superior a 2 quilómetros da séde, da repartição, contando-se' neste caso, o caminho desde a mesma séde, e nunca se vencerá mais de um caminho, em cada dia, para cada localidade, seja qual fór o número de actos praticados.

Os interessados que queiram obter a sua certidão de idade na Conservatória do Registo Civil, com urgência, pagarão mais Esc. 2\$50, além dos emolumentos devidos. Será cassado o bilhete de identidade cujo prazo de validade tiver expirado, ou no qual a profissão do seu portador, ou a sua categoria, se fór funcionário público, não corresponder à que efectivamente tem. O Arquivo de Identificação de Lisboa atende o público todos os dias úteis das 11 às 16 horas e a sua séde é na rua Sara de Matos, edificio do antigo convento das Trinas.

Principais praias de banhos do País

NOME DA PRAIA	NOME DA ESTAÇÃO	NOME DA PRAIA	NOME DA ESTAÇÃO
Águda	Águda	Moledo	Moledo (ap.)
Albufeira	Albuteira	Monte Gordo	Monte Gordo
Algés	Algés	Montador	Montedor
Ancora	Gontinhões	Oeiras	Oeiras
Apulia	Laúndos	Paço de Arcos	Paço de Arcos
Areia Branca	Outeiro (Oeste)	Parede	Parede
Armação de Pêra	Alcantarinha	Pedrouços	Pedrouços
Arrábida	Setubal	Peniche	S. Mamede
Baleal	S. Mamede	Pôrto — Corvo	Ermidas
Buarcos	Figueira da Foz	Póvoa de Varzim	Póvoa de Varzim
Cacela	Cacela	Praia das Maças	Sintra
Carcavelos	Carcavelos	Praia da Nazaré	Valado
Cascais	Cascais	Praia da Rocha	Portimão
Caxias	Caxias	Quarteira	Loulé
Consolação	S. Mamede	S. Martinho	S. Martinho
Costa de Caparica.	—	S. Pedro de Muel	M. Grande
Costa Nova	Aveiro	S. Bernardino	S. Mamede
Dâfundo	Dâfundo	S. Julião	Mafra
Espozende	Barcelos	Santa Cruz	T. Vedras
Ericeira	Mafra	Santo Amaro	Santo Amaro
Espinho	Espinho	Sesimbra	—
Estoril	Estoril	Setúbal	Setúbal
Figueira da Foz	Figueira da Foz	Sines	Ermidas
Foz do Arelho	Caldas da Rainha	Sur	Portimão
Foz — Matozinhos.	Matozinhos	Torreira	Estarreja
Furadouro	Ovar	Trafaria	Lisboa
Granja	Granja	Viana do Castelo	Viana do Castelo
Lagos	Portimão	Vieira	Monte Real
Leça da Palmeira	Leça	Vila do Conde	Vila do Conde
Miramar	Miramar	V. Nova de Milfont.	Odemira

Principais serras do País e suas altitudes

Estrêla	2.000 metros	Caramulo	1.071 metros
Gerez	1.560 »	S. Mamede	1.023 »
Larouco	1.523 »	Monchique	902 »
Marão	1.415 »	Moradal	855 »
Peneda	1.373 »	Mogadouro	830 »
Nogueira	1.318 »	Aire	679 »
Barrôso	1.279 »	Montejunto	666 »
Guardunha	1.228 »	Ossa	650 »
Lousã	1.204 »	Caldeirão	576 »
Bornes	1.200 »	Buçaco	549 »
Montezinho	1.158 »	Arrábida	500 »
Padrela	1.146 »	Sintra	491 »
Alvelos	1.080 »	Candieiros	483 »
Malcata	1.073 »	Monte-Figo	411 »

Principais Termas do País

AGUAS	INDICAÇÕES TERAPEUTICAS	EST. CAMINHO DE FERRO QUE SERVE
Abrunhosa	Litlase, gôta, reumatismo e males de fígado e rins.	Abrunhosa
Alcaçari, do Duque	Reumatismo e doenças de pele	Lisboa
Amieira	Reumatismo e doenças de pele	Banhos Amieira
Banhos da Azenha	Reumatismo e doenças de pele	Amieira
Banhos de S. Paulo	Sifilis, doenças do aparelho respiratório	Lisboa
Branho	Reumatismo e doenças de pele	Branho (ép.)
Cabeço de Vide	Calculose renal, reumatismo, etc.	Cabeço de Vide
Caldas de Aregos	Sifilis, afecções bronquicas e ginecológicas	Aregos
Cald. de Canavezes	Doenças de pele, linfatismo, etc.)	Livração
Caldas do Cró	Reumatismo	Guarda
Caldas e Font'e St.	Reumatismo e doenças osteo-mio-articul.	Belmonte
Caldas do Gerez	Doenças do fígado	Braga
Caldas de Moledo	Reumatismo e sifilis	Cald. do Moledo
Caldas de Monção	Reumat., doenças do aparelho respiratório	Monsão
Cald. de Mouchique	Reumatismo	S. Clara-Sabola
Cald. Pêso Meigaço	Diabetes, dispepsias, insuficiencia hepática	Monsão
Caldas da Rainha	Reumat., sifilis e doenças do aparelho resp.	Cald. da Rainha
Caldas de S. Jorge	Reumatismo, doenças da pele, bronquites asmáticas e insuficiencia hepática	Vila da Feira
C. de Carvalheiros	Doenças do aparelho digestivo	Chaves
Caldas de Saúde	Vias respirat., reumat. sifilis e dermatoses	Santo Tirso
Caldas das Talpas	Doenças da pele, reumatismo, doenças do aparelho respiratório, etc.	Guimarães
Caldas de Vizela	Sifilis, reumatismo, doenças da pele e do aparelho respiratório	Vizela
Castanheirinhos	Reumatismo	Barcelos
Castelo de Vide	Estômago, rins, intestinos, fígado e diabetes.	Castelo de Vide
Chão de Pena	Diabetes e hipertensão arterial	Carla
Curja	Calculose renal e cura de diurese	Curja (ap.)
Entre-os-Rios	Doenças do aparelho respiratório, reumatismo, sifilis, etc.	Cete
Estoril	Reumatismo, pele, linfatismo	Estoril
Fadagosa do Tejo	Reumatismo, doenças da pele	Aivega-Ortiga
Felgueira	Doenças da pele, dos aparelhos circulatório e respiratório e reumatismo	Canas
Fonte de Sant'Ana	Doenças do fígado	Moura
Ft. de Monforinho	Doenças da pele	Castelo Branco
Luso	Hipert. arterial, doenças dos rins, artrilismo	Luso
Moura	Estômago, diabetes e gota	Moura
Pedras Salgadas	Doenças do aparelho digestivo	Pedras Salgad.
Pledade	Doenças do aparelho digestivo;	Valado
Sálus (Vidago)	Doenças do aparelho digestivo	Vidago
Termas de Caldelas	Enterocolite mucó-membranosa espasmódica	Braga
Term. de Catvalhal	Doenças crónicas da pele, do útero e anexos, dispepsias, etc.	S. Pedr. do Sul
Termas dos Cucos	Reumatismo, gota e doenças ginecológicas	Tórres Vedras
Ter. de Monte Real	Enterocolites átonas e doenças do fígado	Monte Real
T. S. Pedro do Sul	Reumatismo, sifilis e rinofaringlites	S. Ped. do Sul
Ter. de S. Vicente	Doenças do aparelho respiratório, etc.	Cete
Unhais da Seira	Reumatismo, hemorroidal, doenças da pele	Tortozendo
Vale de Mó	Anemia	Curja (ap.)
Vidago	Doenças do aparelho digestivo	Vidago



R Á D I O

ESTAÇÕES NACIONAIS DE ONDAS MÉDIAS E CURTAS

Postos Emissores	Metros	Quilic.	Postos Emissores	Metros	Quilic.
LISBOA (onda média):			PORTO (Onda média):		
<i>Emissora Nacional</i>	476	629	<i>Sonora Rádio</i>	200	1,500
<i>Rádio Club Português</i> . .	291	1,032	<i>Portuense Rádio Club</i> . .	200	1,500
<i>Rádio Renascença</i>	222	1,348	<i>Electro Mecânico</i>	200	1,500
<i>Club Radiofónico de Por-</i>			COIMBRA (Onda média):		
<i>tugal</i>	201	1,492	<i>Emissora Regional</i>	209	1,429
<i>Rádio Graça</i>	201	1,492	AÇORES (Onda média):		
<i>Rádio Hertz</i>	201	1,492	<i>Emissora Regional</i>	27	11,111
<i>Rádio Peninsular</i>	201	1,492	LISBOA (Onda curta):		
<i>Rádio S. Mamede</i>	201	1,492	<i>Emissora Nacional</i>	C S X	41,66 7,200
<i>Rádio Luso</i>	201	1,492		C S W 4	19,72 15,215
<i>Voz de Lisboa</i>	201	1,492		C S W 5	25,34 11,840
<i>Rádio Acordeon</i>	201	1,492		C S W 6	27,17 11,040
<i>Rádio Continental</i>	201	1,492		C S W 7	30,80 9,740
PORTO (Onda média):				C S W 8	41,52 7,260
<i>Emissora Regional</i>	212	1,411	<i>Rádio Renascença</i>	50,17	5,980
<i>Rádio Club Lusitânia</i> . .	200	1,500	ULTRAMAR (Onda curta):		
<i>Invicta Rádio</i>	200	1,500	<i>Rádio Club de Moçambique</i>	C R 7 B E	30,88 9,710
<i>Orsec</i>	200	1,500		C R 7 B G	19,63 15,285
<i>Ideal Rádio</i>	200	1,500		C R 7 B I	16,75 17,915
<i>Rádio Porto</i>	200	1,500			



ALGUMAS ESTAÇÕES ESTRANGEIRAS
DE ONDAS CURTAS EM MELHORES
CONDIÇÕES DE SEREM OUVIDAS EM
PORTUGAL

Postos Emissores	Metros	Qilloc.	Postos Emissores	Metros	Qilloc.
ALEMANHA :			ESPAÑA :		
D Z H	20,75	11,460	Valladolid	42,43	7,070
D Z E	24,73	12,130			
D X S	19,79	15,160	INGLATERRA :		
D J D	25,51	11,770	G R T	41,96	7,150
D J C	49,83	6,020	G S B	31,55	9,510
D J Q	19,62	15,280	G S C	31,32	9,580
D Z C	29,16	10,290	G R Z	13,86	21,640
			G S O	19,76	15,180
AMERICA :			G S V	24,92	12,040
W D J	39,7	7,565	ITÁLIA :		
W C R C	31,1	9,650	2 R O 6	19,61	15,300
W G E O	19,6	15,330	2 R O 8	16,84	17,820
W D O	20,7	14,470	2 R O 4	25,40	11,810
W G E A	25,3	11,847	2 R O 3	31,15	9,630
W D L	30,8	9,750	2 R O 11	41,55	7,220
W R U W	19,6	6,040	2 R O 21	19,92	15,060
W K R X	30,3	9,897	2 R O 17	15,31	19,590
ESPAÑA :			2 R O 26	48,23	6,220
Madrid	31,61	9,490	2 R O 19	29,04	10,330
Malaga	41,99	7,143			

Colégio de Nun' Álvares

= de TOMAR =
ALVARÁ N.º 42

Secções masculina e feminina em edificios independentes e afastados, tendo cada um o seu internato.

O mais recomendado
da Província

Ensino primário — Curso de Admissão ao Liceu
— Ensino liceal — Admissão às Universidades

TRATAMENTO cuidado e
um ambiente confortável e salutar.
Enviem-se regulamentos com tôdas
as informações a quem as solicitar.

ALMANAQUE
DO ALGARVE



2.^a PARTE

DOCUMENTÁRIO

VISITAI O ALGARVE

uma das mais formosas
províncias de Portugal



As Juntas de Turismo de:

Armação de Pêra (Silves), Praia da
Quarteira (Loulé) e Praias de Cacela
(Vila Real de Santo António)

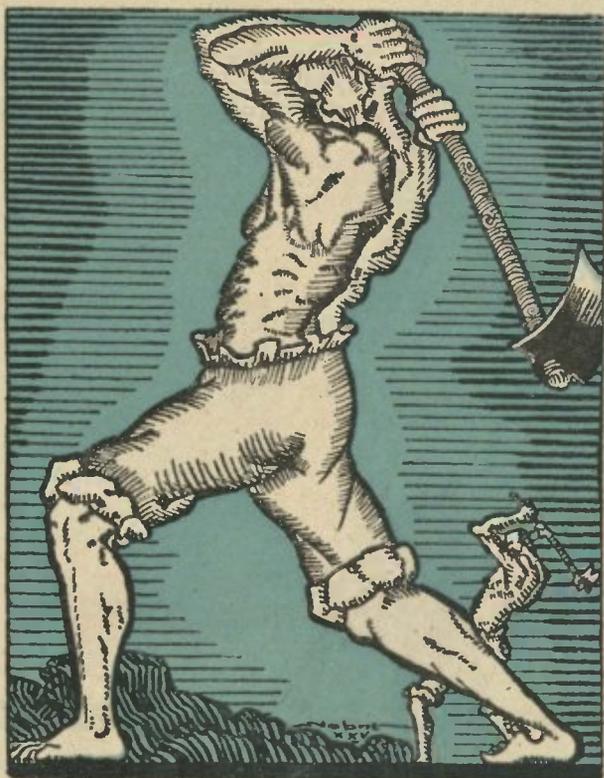
As Comissões Municipais de Turismo de:

Albufeira, Faro, Lagos, Lagos, Portimão
e Vila Real de Santo António

informam acerca
do turismo nas res-
pectivas regiões



Desapareceu o Sol. Enquanto a noite avança em cavalgada fantástica, a lua, por entre as nuvens, espreita o mar, o lindo mar do Algarve, fonte cristaliua de poesia e de sonho, que nos oferece constantemente encantos maravilhosos e inolvidáveis.



PRODUZIR E POUPAR *é defender a Nação do mais temível flagelo — A FOME*

PRODUZIR E POUPAR é cumprir um alto dever social.

PRODUZA O MÁXIMO com o mínimo de gastos. Só assim cumpre o seu dever de português.

DEIXAR INCULTA a terra que pode dar pão é crime de alta traição.

AS SUBSISTÊNCIAS representam para o País, a Ordem, a Independência e a Vida.

ALGARVE,

província de encantos
maravilhosos e inolvidáveis

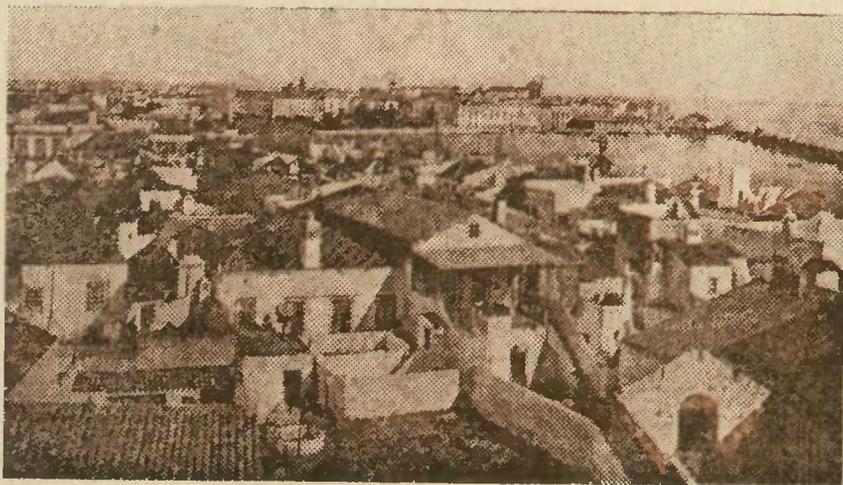
POR JULIÃO QUINTINHA



QUEM não passou pelo Algarve, conhece mal Portugal. Não pode formar idéia completa da paisagem, da vida e costumes do País. Poderá dizer-se o mesmo em referência a outras regiões, mas com maior razão tratando-se do Algarve, bem diferente da outra terra portuguesa.

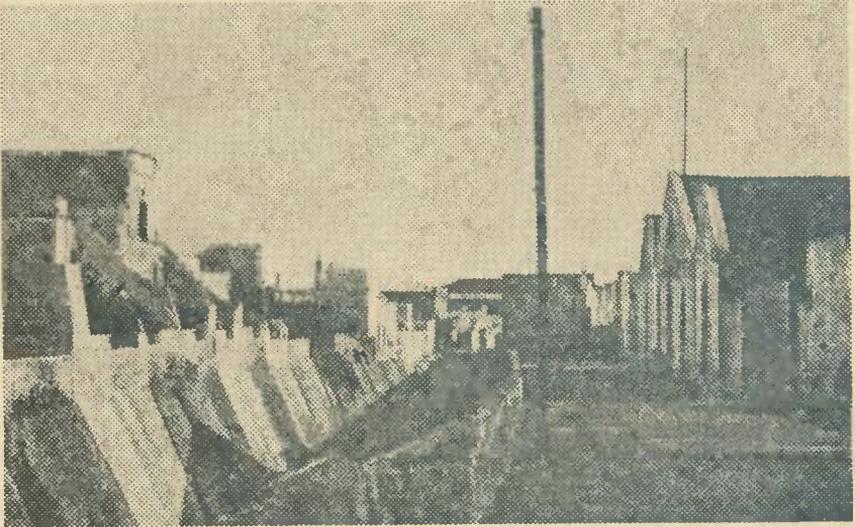
Um encanto diverso. Uma graça especial. Uma luz incomparável, que só se surpreende em raros lugares do mundo.

Desde Sagres a Vila Real de S. António, o litoral é prodigioso miradouro sôbre o Atlântico, panorama azul-marinho de horizontes deslumbradores, aqui e acolá bordado de velas brancas, o infinito mistério do mar aliciando o homem para a poesia, o sonho, a emigração...



Um trecho da cidade de Faro, a grande capital do Algarve

O GLYCOL torna as mãos finíssimas



Um bairro de Olhão, a grande terra-mãe de tantos heróis

E sucedem-se, em grinaldas, praias magestosas e praiasinhas delicadas, enseadas e baías, grutas e rochedos, areias douradas — tudo, em fantásticos desenhos e caprichosos recortes, onde o mar vai renovando, constantemente, enfeites de algas e rendas de espuma...

Entre o litoral e a serra, os pitorescos campos, perfumados hortejos e pomares, a melodia das ribeiras e levadas. E as próprias serranias sem feição agreste, antes acolhedoras e sorridentes, esmaltadas de poéticas casinhas brancas, que à luz do poente parecem envolvidas em azulada neblina, seus vales amenos, verdadeiras mansões de repouso, serenidade e encanto, mormente nos arredores de Monchique e Alportel.

Privilegiado torrão êste Algarve, onde o Inverno é menos frio, o Verão pouco calmoso, o Outono de longos poentes e inesquecíveis tardes, e a terna Primavera floresce mais cedo.

Terra abençoada onde nunca acabam as flores e os frutos. Ainda é Inverno noutros recantos do país, já o Algarve resplandece de branco, como jardim polar, ao refflorirem seus vastos campos de amendoeiras, ao mesmo tempo que os laranjais vergam ao pêso dos ramos dos dourados frutos.

Logo após, não mais pára a sinfonia vegetal, nos pitorescos quintais, hortejos e pomares, onde nespereiras, pereiras e ameixociras se vestem de

branco. E anda sempre no ar um aroma inebriante, misturado com o cheiro dos goivos e das rosas...

Pelo Verão, adiante, é no Algarve que surgem os primeiros frutos; sumarentas peras, melões de cheiro, as doces uvas, os figos, que, depois de secos, se transformam em ouro, exportados às toneladas, considerados entre os melhores que aparecem nos mercados estrangeiros. Só isto, o Algarve?

Muitíssimo mais, que durante alguns dias chegará para entreter os olhos e o entendimento do turista que souber observar.

São as escarpas de Sagres, onde o Infante D. Henrique deu impulso à empresa dos Descobrimentos, que tanto influíram na civilização mundial. A baía de Lagos, de magestosa imponência, admirada pelos mais famosos almirantes. A Praia da Rocha, paisagem marítima que rivaliza com os mais belos lugares do mundo e melhores climas da Europa, e a esbelta e moderníssima cidade de Portimão, Caldas de Monchique, estância de repouso e de saúde, pequeno paraíso que a natureza esculpiu em plena serra.

Silves, famosa capital mourisca, afagada pelas águas do Arade, onde ressurgem, orgulhosamente, antiquíssimos monumentos, o Castelo e a Sé, os mais belos do Algarve. É Faro, elegantíssima cidade, com todos os adôrnos e requesitos de moderna capital. Loulé, o grande e rico centro agrícola,



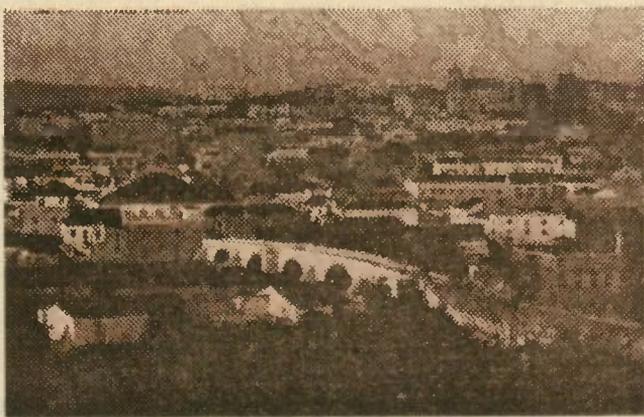
Uma rua de Loulé, vila de pitorescas tradições

com suas aldeias graciosas, onde se conservam costumes típicos regionais e pitorescas tradições. Olhão, terra marítima e fabril, cenário incomparável de terraços, mirantes e branco casario, tocado da graça das cidades levantinas. Tavira, cidade senhoril a mirar-se nas águas do rio, aquietada na sua saúde das coisas idas, socegada em grande silêncio, para não acordar do seu sono, Payo Peres Correia, o reconquistador do Algarve. E Vila Real de Santo António, de traço pombalino, com tôda a inquietação das terras fronteiriças, mas bem portuguesa, embora ali chegue a canção ardente da Andaluzia... E mais ainda: as bonitas praias de Armação de Pera, Albufeira, Quarteira e Monte Gordo. As pequenas mas pitorescas vilas de Aljezur, Vilá do Bispo, Lagôa, Monchique e Alportel, Messines, Alcoutim e Castro Marim, cada uma com sua característica especial. E todo êste pequeno mundo animado por boa gente e laboriosa população que trabalha no mar, nos campos, fâbricas de conservas e cortiças e na preparação de frutos.

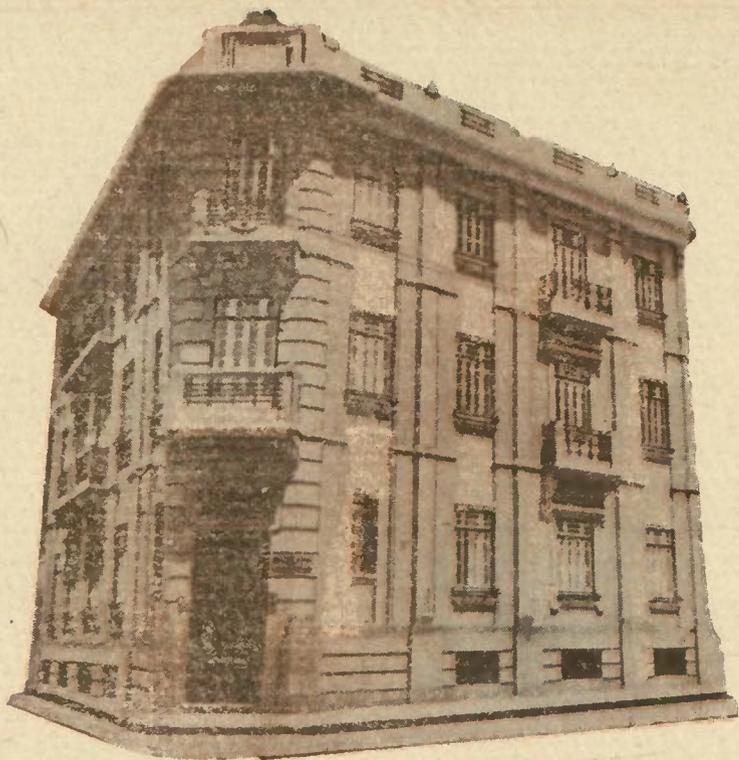
Estradas por tôda a parte, comunicações de tôdas as espécies, cruzam esta província que fica a pouco mais de meia dúzia de horas de Lisboa e de outras regiões do centro do país.

Bela terra, linda terra êsse Algarve, que não é apenas, uma criação de poetas, mas expressiva realidade.

Terra linda que viverá na recordação de todos que por ali passaram — como aquele príncipe e poeta árabe que em Silves passou a juventude, e falava sempre do Algarve com os olhos turvados de saúde...



Vista parcial de Silves, uma das mais formosas cidades do Algarve



MUTUALIDADE POPULAR

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS PARA LEGADOS DE SOBREVIVÊNCIA

DESDE 5 a 25.000\$00

A ÚNICA NO SEU GÊNERO, NO SUL DO PAÍS

SUBSÍDIOS PAGOS: 6.000.000\$00

SÉDE (edifício próprio):

Largo do Terreiro do Bispo — FARO — Telefone 179

Fazem-se empréstimos com garantia hipotecária, sobre propriedades situadas no Algarve

CONDIÇÕES VANTAJOSAS

Cuidar do futuro dos que lhe são queridos é dever de todo o indivíduo bem formado, Não hesite. Inscreva-se sócio da «Mutualidade Popular». Bastará uma pequena economia diária e em cada mês terá a importância precisa para pagar a quota que assegurará o bem-estar dos seus, após o seu falecimento.

MUSA ALGARVIA

Batalha do Ocidente

*O MAR irrompe, atreador: — «A' morte!
Ala dos Namorados! ao assalto!
Içai nossa bandeira no mais alto
Da cidadela, do castelo forte!»*

*E fulge o raio verde, e em sobressalto
Treme o horizonte, e investem, num transporte,
Estas ondas, intrépida coorte
De lanças de oiro e cotas de cobalto...*

*— A' morte! à morte! — brada-se — à conquista! —
Coroado de papoulas escarlates,
Imperial e guerreiro, o Sol artista,*

*O Nero incendiário ou Mitridates,
Em farrapos a túnica ametista,
Cai, sangrando, na glória dos combates...*

Cândido de Figueiredo



*Na praia, á «la minuta»
Num «Dotal» Ela matuta...*

SEGUROS DOTAIS
LA NATIONALE - VIE

FUNDADA EM 1830



DELEGAÇÃO GERAL EM PORTUGAL

RUA AUREA, 87, 1.º e 2.º

LISBOA

Sentenças da "batata de semente"



— EU vos darei farta colheita se seguides os meus conselhos :

- Enterrai-me em solo bem preparado e estrumado, mas, por amôr de Deus, além desta **cama** que me é indispensável, dai-me bons alimentos e completos: superfosfato, potassa e Nitrato do Chile, bem misturados para facilitar o meu trabalho.
- Gosto muito do Nitrato porque o tomo quando quero sem as contingências dos caprichos do solo, como acontece quando me dão outros adubos mais difíceis de assimilar.
- Se tencionais regar-me, então empregai metade da dose de Nitrato á plantação e a outra metade imediatamente antes da primeira sacha e perto do meu pé.
- Se me enterrais prèviamente abrolhada, tanto melhor, pois vos farei esperar menos pelo fruto dos vossos cuidados.
Se não seguis estes meus conselhos a culpa de uma fraca colheita não será minha.—

Assim falou a « batata de semente » aos lavradores...



ALGARVE FLORIDO

POR CÉSAR DOS SANTOS



UM alvo manto de vaporosos tules, com leves rubores purpurinos e matizes de ouro, começa a cobrir a luminosa paisagem algarvia quando as amendoeiras balbueiam as primeiras rimas dêsse poema magistral com que a Natureza se glorifica numa esplendorosa ressurreição.

Ao princípio, são brandos suspiros que enchem os campos silenciosos de cálidos perfumes, um doce arfar de pequeninos corações amorosos, imperceptíveis murmúrios de almas cativas, lentas palpitações de vidas a despertar em tímidos anseios de libertação para um mundo de quimeras, aos primeiros afagos do Sol jubiloso que acalenta a terra na sua laboriosa e fecunda tarefa de maternidade.

Depois, essas vagas manifestações de vidas incipientes adquirem formas definidas e já as mimosas flores rebentam nas hastes viçosas que estremecem, pujantes de seiva, e a aragem levantina embala numa toada de melopeia.

Desabroçam em sorrisos de inocência, pálidas, de uma braneura ver-

ginal, como espuma do mar ou neve que caísse do céu, mas, a pouco e pouco, ganham vigor e, quando o Sol lhes rouba o primeiro beijo, ficam rosadas. Uma onda de sangue novo põe ligeiros tons de carmim nas delicadas pétalas, e as carícias dessa meiga e doce claridade que torna o Algarve preguiçoso e sensual fazem-nas desmaiar, num voluptuoso delírio de alvura estonteante.

E' quando os lindos jardins do Al-faghar aparecem cobertos de branco, como para celebrar a radiante alegria de uma Primavera de sonho ou os esponsais de alguma princesa encantada que os anjos fôsem acompanhar para um noivado ditoso, no paraíso.

Tôda a província resplandece na maravilhosa floração das árvores de fantasia, e êsse deslumbramento, essa empolgante visão de um lendário país adormecido à beira-mar acordam remotas lembranças do fabuloso reino do Chenchir, quando os reis trovadores e os poetas vagabundos cantavam o sortilégio das cidades opulentas e as suas loucas paixões pelas agarenas que os enfeitiçavam. Chelb era, então, uma cidade orgulhosa, cravejada de pedrarias, com pátios floridos onde lacrimejavam fontes de cristal, altas tôrres debruadas de estrêlas, sua mesquita de pedra morena e um diadema de muralhas que o Sol-poente cobria de ouro.

Tinha a perturbadora beleza e a magia das cidades do Levante, «vestida de palácios coroados de terraços de mármore, cortada de ruas com bazares recheados de preciosidades orientais, cercada de pomares viçosos e jardins, pérola do Chenchir, onde os pródigos da Mauritânia vinham gozar com as mulheres formosas, de puro sangue árabe, os seus ócios luxuosos».

O crepúsculo do domínio serraceno na península ofuscou o esplendor dessa cidade magnífica, sem lhe roubar, contudo, o encanto primitivo, pois, mesmo na decadência, ela ostentava impressionantes vestígios do seu faustoso passado.

Ainda o «muerzin» subia à torre da mesquita para chamar os fiéis à oração; nos pátios, entre a turbação de incbriantes perfumes e o murmúrio nostálgico das fontes, ressoavam pandeiros e músicas dolentes, até que a noite desmaiava, e, quando o crescente sangrava no céu, olhos negros em rostos trigueiros sob alvíssimos turbantes afogavam na cheia de luar que transbordava dos minarettes as loucas paixões incendiadas nessas orgias de amor.

Mas quando na albarrã, o lábaro cristão substituiu o estandarte do Islam, Silves, a vetusta Chelb que inspirou a saúde aos visires no deserto, tornou-se silenciosa e caiu na indolência. Uma névoa de melancolia desceu das velhas muralhas até às margens poéticas do Arade, como para ocultar êsse grande desalento de uma cidade sem alma, que, ainda hoje, seduz com a sua formosura triste.

Foi nos arredores da mesma cidade, à vista dos seus palácios e das suas tôrres altaneiras, onde as moiras encantadas ficaram a chorar seus amores infelizes em perpétuo cativo, foi nêsses lugares onde «os árabes encontraram um pedaço da sua pátria», que as amendoeiras floresceram, um dia, pela primeira vez, sob os céus claros e luminosos do Algarve.

Têm uma linda cheia de poesia e ternura, as amendoeiras do Chenchir, uma história bonita que fala de dois poetas famosos, Al-Motamid, rei de



É nas paragens do Algarve, nesses cenários prodigiosos que se abrem em exaltações de luz divina, que as amendoeiras esplendem numa florescência gloriosa, enchendo de poesia os vales e as encostas.

Silves, e seu amigo Ibn-Ammar, e de uma escrava, a linda Romaiquia, que aquêle desposou e por amor da qual mandou transformar o seu reino num imenso jardim de brancas flores, para que ela não sentisse a nostalgia das serras nevadas.

O GLYCOL é uma revelação

Se fôrdes ao Algarve ouvireis contar essa lenda bonita e haveis de compreender a eterna sedução das amendoeiras em flor.

*

* *

As amendoeiras querem-se em terras mimosas, de suave ondulação, com doçuras de clima tépido, céu límpido, atmosfera diáfana, cheias de luz e vizinhas do mar.

Por estranho capricho da Natureza, florescem às vezes nas regiões desoladas, entre a melancolia das serras ásperas. Aos apupos do vento frio que lhes cresta a epiderme delicada, correm para os vales soturnos e ficam cativas entre penedos, envoltas em sombras, afogadas na neblina, a carpir a liberdade perdida e a saúde do Sol nos vergéis e jardins doirados onde deixaram a alma. No doloroso destêrro da serra beirã, as amendoeiras perdem a formosura e a álgida brancura da sua floração sem brilho é como o sudário da neve que amortalha as montanhas geladas.

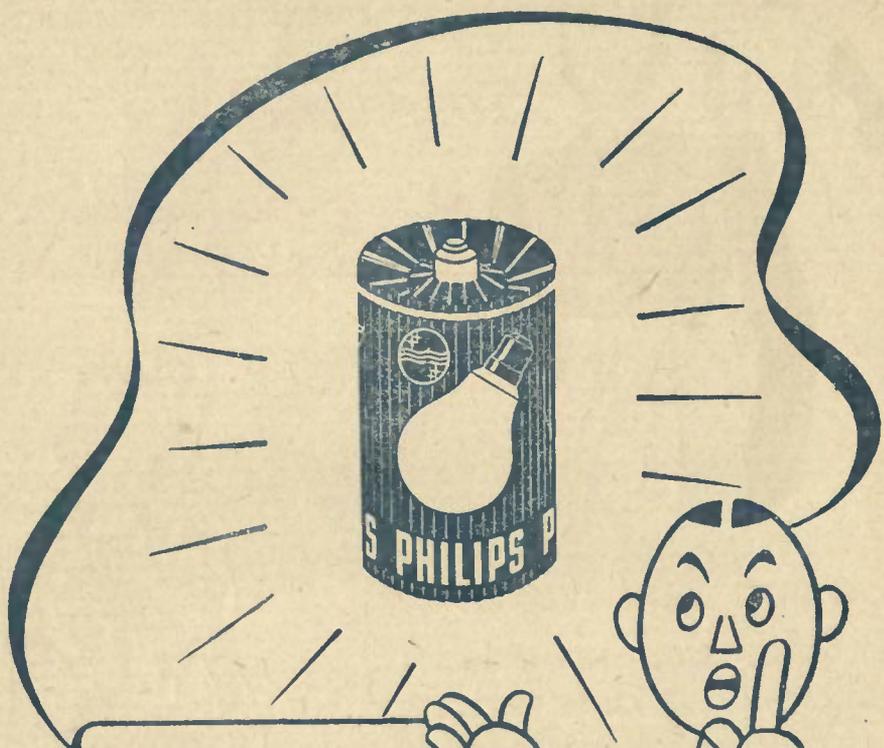
Nas paragens do Sul, nesses cenários prodigiosos que se abrem em exaltações de luz divina é que as amendoeiras esplendem numa florescência gloriosa. Enchem de poesia os vales tranqüilos, polvilham as encostas de branco e a alva maré vai crescendo até cobrir os pendores das colinas onde os moinhos cantam elegias. E quando se debruçam lá do alto, dir-se-ia que grinaldas de flores ficam suspensas no espaço azulíneo, entre a poeira luminosa joeirada do Sol, e vão caindo, ao longe, a desfolhar-se pelo litoral tora e a envolver em rendas os cachoupos doirados e as areias cintilantes das enseadas adormecidas.

Um ténue véu de alada leveza desdobra-se sôbre a paisagem magnífica, alastra em estremecimentos de luz e vibrações de côres fantásticas e, ao entardecer, dilue se em poalha de oiro e armínho na argêntea tremulina que cresce do mar e fiea pairando no horizonte esfumado.

Esmorecem os rumores das baladas dormentes nos vergéis, morrem os últimos écos das cantigas pelos campos em repouso, e todo êsse alarido que enche o Algarve de singular contentamento se esvai em suspiros magoados na fina melancolia do crepúsculo.

Noite alta, vem a maré do luaceiro a crescer das bandas do Oriente, as sombras brancas agitam-se nas solidões e passam em cortejos silenciosos a caminho do mar. Dizem que, nas noites de luar, as moiras encantadas vão às praias desertas esperar os seus príncipes que nunca vêm. As inditasas princesas do Yemen escutam os queixumes dêles que as ondas do mar lhes trazem de muito longe e, cansadas de esperar, voltam ao seu cativo, com as ilusões perdidas. E' por isso que tôdas as manhãs, ao florir, as amendoeiras, parecem desfazer-se em lágrimas, num pranto luminoso, que, sem se saber porquê, enche-nos a alma de infinita saúde.

César dos Santos



LUZ
BRILHANTE
ECONOMICA
e DURADOURA
COM AS LAMPADAS



PHILIPS

Marca de garantia





*Com uma pequena
despesa, as leitoras
poderão aprender*

**CORTE
COSTURA
CHAPÉUS
FLORES
e RENDAS**

6.000 senhoras

portuguesas já aprenderam na
Escola Normal de Corte «Luc».

Para melhor servir o Algarve e
o Alentejo projecta-se abrir uma

FILIAL EM FARO



Em qualquer terra onde viva e onde não exista uma pro-
fessora de Corte «Luc» pode aprender por correspondência

Peça hoje mesmo, num simples postal, à nossa Séde, o livro intitulado: «Dez anos
de Labor Aqui» e ficará maravilhada.

SÉDE:

Rua do Alecrim, 59 - 61
LISBOA



FILIAL:

R. de S. António, 190-2.º
PORTO



O POVO ALGARVIO SEUS HÁBITOS E SUAS PREDILECÇÕES

PELO DR. VERGÍLIO A. PASSOS

NO inverno o povo tem o hábito de «matar o bicho» pela manhã, isto é, beber um cálice de uma bebida alcoólica, em geral, àguardente. Nos domingos e dias de festa, os camponeses dirigem-se à freguesia, ou vila, para ouvir missa e fazer as compras para a semana.

Os homens, nesses dias, passam uma grande parte do tempo nas tabernas, onde encontram os amigos, e beberricam copos de vinho, para festejar o dia. Entretêm-se os mais novos a jogar à malha até chegar a hora do baile.

Principalmente nas noites luarentas, em que a luz da lua, beija com lábios de veludo os rostos e os corações, os habitantes têm o costume de se sentar às portas e aí, embevecidos por essa luz de magia, tocar instrumentos em que predominam a guitarra, a viola e o harmónio.

Os bailes, são uma das predilecções dos algarvios. Todos os domingos, há bailes no campo. As raparigas vão umas com as outras, porque se as acompanham as mãis, em certas regiões, são muito criticadas pela rapaziada.

O corridinho, a dança predilecta dos algarvios, dança-se com mais frequência no campo, onde rapazes e raparigas, cheias de volúpia, se con-

torcem em movimentos rápidos e rítmicos ao som das notas langorosas do harmónio e ao compasso excitante dos ferrinhos. Os sons vibrantes do metal, põem um frémito maior nos corpos voluptuosos dos rapazes e das raparigas que, nos sapateados, baloçam os seios túrgidos.

O mocetão agarra a moçoila, entre os seus braços vigorosos, e umas vezes une-a mais, outras separa-a, para de novo se tornarem a unir e executarem rodopios de constantes voltas e reviravoltas, em que todos os pares se movimentam, sempre no capricho de melhor dançar.

Este povo, perde-se pela música e pela dança. A falta de melhor, alguns bailes realizam-se apenas ao som de gaita.

Os bailes de roda são também muito animados. Aí improvisam-se poetas de ambos os sexos, que dirigem o baile e que tomam o nome de mandadores. A animação destes bailes, nasce da originalidade e da graça, por vezes cheia de malícia, das suas quadras como as que se seguem :

*Palminhas, mãos ao ar,
para o baile acertar !*

*A uma velha, muito velha,
mais velha que a saraçoça,
fui falar o casamento
e a velha tornou-se em moça.*

*Ninguém dobre sem mandar
e adiante segue o par !*

*Semiej, no meu quintal,
uma semente de repólho,
nasceu uma velha careca
com uma batata num ôlho !*

*Faça frente cá comigo !
Aguardente não é vinho...
Já morreu a minha gata,
que era mãe do meu gatinho,*

.....

Os bailes começam, habitualmente, á tarde.

As feiras, romarias, vigílias, cavallhadas, festas e mercados são bastante concorridos, havendo alguns de grande nomeada.

Há dias que têm um significado especial para os habitantes de certas regiões. Assim, o de 29 de Agosto, dia de «S. João de Degola», tem uma virtude excepcional para os «serrenhos» dos pontos mais próximos de Cacela, que têm por hábito ir banhar-se á praia da Manta-Rôta. Acampam na praia, em grande festa, e banham-se três vezes nêsse dia: de manhã, ao meio dia e á tarde. Acreditam valerem êsses 3 banhos por vinte e nove.

Várias barracas de «comes e bebes» servem para fartar a gulodice dos imprevidentes, que não levaram farnel.

Os serranos, vestidos sempre de preto, formam grupos tristes e monótonos, tão tristes e monótonos como as suas agrestes serranias. A tarde chegam as camponesas dos arredores com os seus vestidos de côres fortes, mas sem gôsto, que no entanto dão uma nota álaere ao acampamento. Vêm disfrutar os «nús artísticos» dos homens e mulheres, que, tapando-se apenas com um lençol, ao ar livre, enquanto se vestem, deixam ver, sem saber, as partes mais escondidas dos seus corpos.

Acampam um pouco fora do recinto do banho e aí, os homens que envergam apenas as ceroulas e as mulheres a camisa banham se e banham também os animais que trazem.

Um outro dia há, bastante significativo e de fama no concelho de

Loulé. E' o de S. João. Os banhos, nessa noite, na praia de Quarteira, têm virtude muito particular.

Os dias mais festejados em todo o Algarve são: Natal, Ano Bom, Reis, Carnaval, Páscoa, Dia de Maio, Dia da Espiga, S. António, S. João e S. Pedro.

Aproxima-se o Natal e a alegria invade todos os lares. Pessoas da família que chegam; boas festas dum amigo ausente; uma carta de um outro que evoca memórias dos tempos idos; mil coisas que fazem sentir profundamente a vida, ora revivendo o passado, ora compartilhando da satisfação no seio da família, que nessa data se reúne por um dever que a tradição impõe.

Chega a noite do Natal, depois de um jantar de festa em que houve brindes e a alegria abundou. Se chove, e a noite está fria, na povoação, os homens, não saiem de casa e formam com o resto da família, uma grande roda em volta do madeiro em brasa — o chamado «madeiro do Natal». Mas soa a hora da missa, e então tudo «embandeira» para a igreja. A gente dos arrabaldes invade a povoação. São rapazes, raparigas, velhos e velhas, solteiros e casados, que ali chegam de todos os sítios, ainda dos mais distantes, para ouvir a missa do «galo», trocando entre si ditos de esfusiante alegria: — E'h prima! Oh Bia! B'lé!...

O «Ano Novo» é anunciado, na véspera, assim que anoitece, pelas pandeiretas e vozes que cantam ás portas. Os cantares dessa noite são conhecidos pela denominação de «janeiras». E repetem-se na véspera do «Dia de Reis».

As procissões da Semana Santa são imponentes, em algumas terras do Algarve. As centenas de velas acesas, lembram um cortejo de estrêlas. Há uma procissão, chamada da aleluia, no domingo de Páscoa, em S. Braz de Alportel, e única em tôda a província. E' cheia de luz e côr. Tem um sabor pagão desde as tochas ornamentadas com as flores, mais variadas, e até frutos, à gritaria estridente do «ressuscitou como disse». «Aleluia! Aleluia!...»

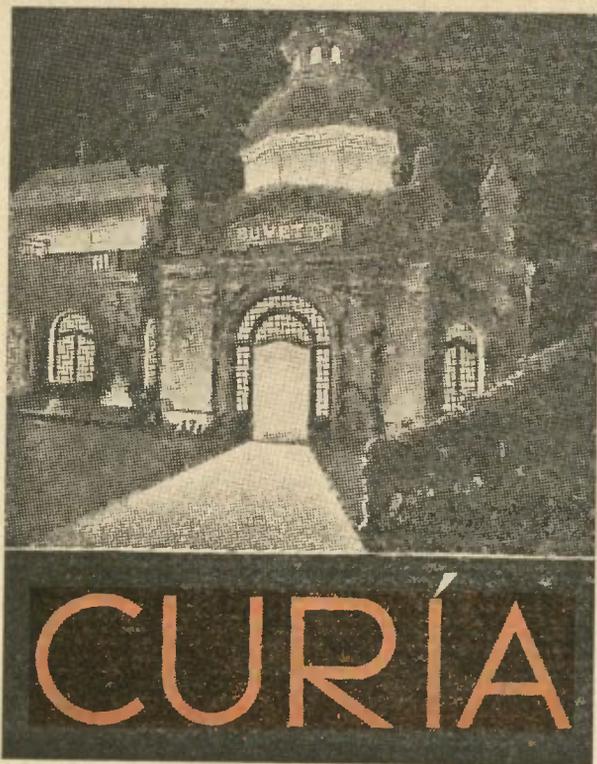
O caracter do povo algarvio, muda bastante de povoação para povoação. Assim entre S. Braz e Loulé, que distam apenas doze quilómetros, existem características bastantes acentuadas. Os sambrazenses têm um carácter cosmopolita, ao passo que os louletanos têm um feitio pronunciadamente regionalista. O sambrazense não procura elevar os seus conterrâneos, pelo contrário, por vezes, tenta desprestigiá-los. No louletano nota-se, precisamente, o contrário; não só procura elevar os valores da sua terra como até o valor dos seus amigos e orgulha-se disso.

Do Algarve, na classe culta, encontram-se intellectuais dos mais representativos da Nação.

A vida, nesta província, é essencialmente agrícola e marítima; havendo, no entanto, entre os algarvios tôdas as profissões e um mínimo de improdutos.

O algarvio é facilmente adaptável aos hábitos estranhos e bastante sóbrio. E' cordato e interesseiro. Têm grande intuição para o negócio,

(Continua na página 121)



ESTÂNCIA MODELAR NO CENTRO DO PAÍS CLIMA TEMPERADO

A mais formosa estância de águas de Portugal

Água minero-medicinal com aplicações terapêuticas bem defendidas. — Doenças dos rins e bexiga. — Calculose renal úrica, oxálica e fosfática. — Pielonefrites, cistites crónicas. — Gôta, reumatismo crónico — Hipertensão arterial. — Doenças anafiláticas. — Água diurética, desintoxicante e dessensibilizante.

Abertura de 1 de Julho a 15 de Outubro

DIRECÇÃO CLÍNICA DO
Prof. Dr. Tristão Ribeiro

MÉDICO ADJUNTO:
Dr. Manuel Pires

Balneário completo (banhos carbogazosos, bolhas de ar, duches escocезes e sub-aquáticos, etc.) Massagens por técnicos diplomados. Laboratório de análises clínicas sob a

DIRECÇÃO DO
Prof. Dr. Meliço Silvestre

MÉDICO ANALISTA:
Dr. Henrique de Oliveira

Hoteis com regime dietético, abertos todo o ano

DEPÓSITOS:

LISBOA
Pestana, Branco & Fernandes, L.da
Rua dos Sapateiros, 39, 1.º

PORTO
ALFREDO RIBEIRO
Rua dos Caldeireiros, 109



MOCIDADE! eis uma das mais lindas palavras que tantas vezes proferimos ao recordarmos o passado... Quando falamos da mocidade faz-nos lembrar o GLYCOL, produto ideal para a pele, que dá a tôdas as pessoas que o usam, o raro encanto da juventude. Senhoras e cavalheiros preferem-no porque é um preparado de confiança e para todos um amigo.



Sementes de hortaliças
Sementes de flores
Sementes de pastos
Sementes de árvores
Sementes de plantas melíferas
Sementes para alimentação de aves
Adubos para hortas e jardins
Bolbos e raízes de flores
Insecticidas
Livros agrícolas

Soares & Rebelo, L.^{da}

Rua dos Correeiros, 295 a 299

Rua do Amparo, 110

LISBOA

Telefone 23882 End. Telegráfico: **SEMENTES**

Catálogos grátis — Para revenda, preços especiais



Infante D. Henrique

ESCUTANDO A HISTÓRIA NO PROMONTÓRIO DE SAGRES

INGLÊSES tomaram parte na Tomada de Lisboa, ao lado de D. Afonso Henriques, Inglêses tomaram parte na Batalha de Aljubarrota, ao lado do Mestre de Aviz, D. João I. Nas horas mais graves da nossa História, Portugal e Inglaterra estiveram sempre unidos, sempre solidários, sempre combatendo lado a lado.

E já que falamos em D. João I, vem a propósito registrar aqui o seu casamento com D. Filipa de Lencastre, filha de João de Caunt, Duque de Lancaster, e neta de Eduardo III de Inglaterra.

O casamento realizou-se a 2 de Fevereiro de 1387, na Catedral do Pôrto, e revestiu-se da maior imponência.

Filipa de Lencastre, foi, na opinião do grande Frei Luís de Sousa «modêlo e regra de virtude conjugal para casados, guia e ensino para donzelas, meio e ocasião de honestidade para todo o reino, e, para que não faltasse nada, tiveram nela, os que a serviam, mestre muito discreto e grave da galantaria do paço e de tôda a política cortezã.»

E Schaeffer, o insuspeito historiador alemão que nos deu uma das nossas melhores Histórias de Portugal, afirmou que ela «soube dar às suas faculdades maior desenvolvimento do que era então costume nas côrtes cristãs da Península, e essa cultura intelectual, unida à castidade da Rainha, apresentava às damas elevadas um exemplo admirável e que não foi estéril.»

Dêste casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre resultou, como frisa Oliveira Martins, «uma idade nova para a Côrte portuguesa».

O mesmo historiador chama-lhe «a cândida açucena», «o exemplo raro de uma encarnação imaculada da virtude forte», «boa, suave, loura, grave e serena, como os ingleses são, embora tenham dentro de si uma de duas cousas, ambas fortes: ou o sentimento arreigado do dever, ou a violência indomável da paixão.»

Foi esta Rainha, filha de ingleses, que deu a D. João I «a mais bela geração de filhos», e a Portugal «a ínclita geração do Infante» e que transformou, no simples decurso dum reinado, os costumes depravados da Côrte, introduzindo nela «idéias morais novas».

E foi aquela inglesa formosíssima, branca e loira, de olhos azues e porte modesto, sem ironia e sem malícia, a mãe exemplaríssima de D. Duarte, de D. Pedro, de D. Henrique, de D. João, de D. Fernando, e de D. Isabel, mulher de Filipe, o Bom, duque de Borgonha, essa que tão notável papel devia desempenhar na política europeia do seu tempo.

Já no leito da agonia, em Odivelas, onde se acolhera, atacada pela peste que, ao tempo, grassava em Portugal, foi ainda essa animosa Mulher, e Rainha exemplaríssima, que encorajou os filhos à conquista de Ceuta.

— «De que lado sopra o vento tão rijo, que faz estremecer as paredes do quarto?» — perguntava a Rainha, já então moribunda.

— «Do Norte» — responderam-lhe os filhos, que lhe rodeavam o leito.

— «Parece-me que é o mais favorável para a vossa partida, que se deve realizar no dia de S. Tiago.»

A Rainha morreu a 19 de Julho de 1415; e a 25, dia do Apóstolo S. Tiago, a esquadra levantava ferro, e ia ao seu destino, como ela vaticinara.

Mais uma vez a influência da Inglaterra se fazia sentir nos destinos da nossa grei, e para maior glória do nome português.

E na armada lá seguiram também — e sempre! — os ingleses com portugueses.

O nosso cronista Azurara, no-lo diz, e Oliveira Martins o repete: — «Só um rico cidadão inglês trouxera, à sua parte, cinco naus e muita chusma de frecheiros.»

Foi sempre assim, através de tôda a nossa História. — A. S.

AVERN & BUCKNALL (CORKS) LTD.

CORK MERCHANTS & MANUFACTURERS

18/20 Withes Grounds — Bermondsey

LONDON S. E. 1 — Portugal-Algarve — SILVES

Adresse Telegráfico: BARRIS

Telefone n.º 17

MUSA ALGARVIA

Algarve em flor

*QUE pintor algarvio êste Janeiro!
Venham ver o Algarve todo em festa
e digam se há paisagem como esta,
se há cenário mais lindo e prazenteiro.*

*Caminho largo ou ingreme carreiro,
prado opulento ou mato de giesta,
quanta alegria tudo manifesta,
quanta alegria no Algarve inteiro.*

*O campo está em boda auspiciosa
e cada amendoeira é um amor,
noiva empoada a branco e côr de rosa.*

*Que volúpia de som, de luz e de côr
e que orgia de vida venturosa
na maravilha dêste Algarve em flôr!*

ANTÓNIO SANTOS

(Antonito)

A guerra mais curta da História

NO mês de Agosto de 1896, o sultão de Zanzibar, dando provas de um grande temperamento guerreiro, declarou guerra ao rei da Grã-Bretanha. Mal a declaração de guerra foi transmitida a Londres, um cruzador britânico que se encontrava perto, recebeu ordem de bombardear o palácio do sultão. A ordem foi executada sem perda de tempo e o palácio quasi destruído em poucos instantes. O cruzador afundou também o único navio de guerra que o belicoso monarca possuía no próprio pôrto de Zanzibar, onde se encontrava ancorado.

Trinta e sete minutos depois da declaração de guerra, o sultão fugia e uma bandeira branca era içada nas ruínas do palácio. Terminara a guerra, sem dúvida, a mais curta de que tem conhecido a História.

Quem não termina é o Rei das Meias, Largo da Abegoaria, 32, em Lisboa, que continua a servir optimamente a sua clientela tanto de Lisboa como da província.

OSMIA

a caneta de tinta permanente para os exigentes!

Enchimento pelo vácuo ultra-moderno.

Aparo de ouro com pontas de iridium

Linda! Elegante! Prática!

*Não tem
imitações!*



Vendas a pronto e a prestações,
nas casas da especialidade do
— Alentejo e do Algarve —

Distribuidores exclusivos para Portugal e para as Ilhas:

A. FRANCERI & C.^A

Artigos de Papelaria, Desenho, Escritório,
Tipos, Tintas, Máquinas, Papéis

Artigos para escritório da marca « EL CASCO »

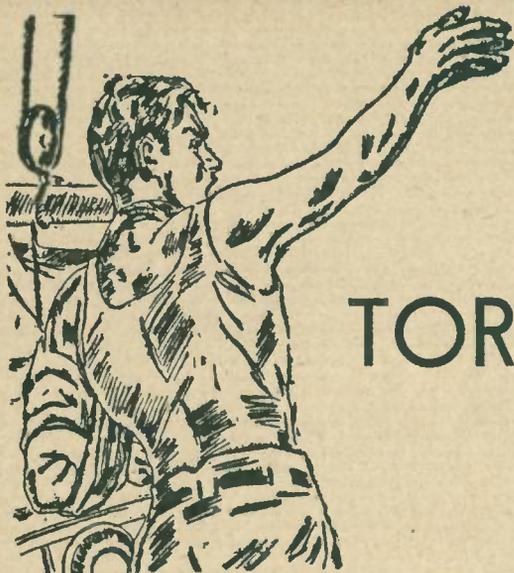
JOGOS, BRINQUEDOS E NOVIDADES

Rua Barros Queiros, 47, 2.º — Telef. 2 0645 — LISBOA



*Flores garridas, capriciosas e perfumadas e
frutas apetitosas, doces e succulentas! O regalo
dos olhos e do olfacto! O regalo do paladar
e dos estômagos!*

Foto dos Serviços Agronômicos do Nitrato do Chile



TORMENTA ...

CONTO ALGARVIO por
RUI DE CHELB



LA!...

E os homens que soltaram êste grito, retesaram os músculos e empurraram o barco para a água, saltando em seguida para êle, quando já se encontrava a flutuar. Entretanto, para fugirem à rebentação, vogaram apressadamente, até alcançarem o ponto em que o mar começava a estar mais chão.

Armaram, depois, a vela e, postados cada um deles, já, nos lugares onde tinham que exercer a sua actividade, os cinco homens que constituíam a companhia daquela embarcação pesqueira puxaram o tabaco das suas blusas grossas e fizeram cigarros, que logo acenderam.

A tarde ia em mais de meio. Um vento brando e de feição impelia o barco docemente, fazendo-o deslizar com uma suavidade embaledora, propícia às grandes meditações, e aqueles homens, afeitos à rude lida do mar, sentiram-se como que penetrados de tão estranho sortilégio. Dir-se-ia que a imponente majestade das coisas mudas infundia neles um vago e misterioso sentimento, que os levava a recolhêrem-se em si próprios, numa atitude estática. E os seus pensamentos dirigiram-se para as suas famílias, envolvidos num misto de saúde e ternura.

Zé Murta, trinta anos saudáveis e robustos, deu-se, porém, a rememorar a sua vida. Via-se, desde muito novo, em luta com o mar, para angariar o sustento, pois seu pai e um irmão mais velho haviam sido tragados por êsse gigante enorme, que tanto dá a abundância e a alegria, como a desolação e a morte.

Via-se, depois, já homem feito, namorando a Rosa, também duma família de pescadores — que naquela praia poucas havia que o não fôssem.

Na vida de Zé Murta, tão cheia de trágicos acidentes, esse tempo marcava um período de acalmia, uma como clareira no emaranhado e funesto conjunto de factos que constituíam o seu destino.

O namôro durara três anos, durante os quais Rosa se mostrara sempre cheia de um affecto promissor. Até que casaram, num dia de Maio, na pequena igreja que a devoção de gente humilde fizera erguer sob a invocação de São Pedro.

Fôra esse um grande acontecimento na praia. Nesse sábadô os barcos não saíram, para os seus tripulantes poderem tomar parte na boda, que durou até à segunda-feira seguinte. Viera um tocador de harmónio, dos de mais fama no Algarve e, durante aqueles três dias — podia dizer-se — tôda a gente da praia esteve em festa.

Os homens que haviam sido, prôpriamente, convidados para o casamento envergaram os seus melhores trajos; as raparigas, os vestidos garridos que tinham mandado fazer para estrear em nesse dia.

Tanto os padrinhos do noivo como os da noiva capricharam em apresentar as melhores ofertas e, sobretudo, as mais variadas e abundantes comidas. Êles próprios saíram à rua, com grandes bandejas de bolos, que iam oferecendo a quem encontravam, chegando a entrar nalgumas casas para obsequiar os doentes e os velhos que não podiam sair.

Mas para o rapazio é que isso havia constituído forte gáudio. Eram aos magotes, rodeando as bandejas que êsses não se contentavam com os que lhe ofereciam. Comido um bolo, logo se punham a jeito de apanhar outro, para o que acompanhavam os padrinhos desde que estes saíam até que regressavam. Aí, então, é que era vê-los a arrebanhar os restos das bandejas, que iam metendo na bôca e guardando nos sebentos bolsos das suas andrajosas vestes. E ficavam, ainda, qual enxame que pressente gulodice, em frente da porta, à espera do que viesse, pois lá dentro comia-se e bebia-se sem descanso.

No maior compartimento da casa — ainda assim bastante exíguo para conter tanta gente — dansava-se sem cessar, ao som do harmónio e dos ferrinhos. Ao terceiro dia de boda, ainda alguns pares rodopiavam, mas já exaustos e transfigurados pela fadiga e



Casaram num dia de Maio...

OIÇA TODOS
OS DIAS A



fala
e o mundo acredita

pelo ar saturado de poeira, de fumo e do fartum que os corpos exalavam.

Aquilo sim, é que havia sido boda! Ao fim de muito tempo ainda se falava dela pois estas coisas não podem esquecer facilmente.

E as recordações sucediam-se sem interrupção. Agora, acudia-lhe à mente os primeiros meses de casado, que foram para êle uma espécie de sonho. Mas logo lhe vinha, em turbilhão, a idea daqueles outros meses em que sua companheira estivera doente.

Foi pelo Natal que ela começou a sentir-se incomodada. Fastio, vômitos, cansaço, havia já quem dissesse serem aqueles os sintomas precursores da maternidade. A natureza, todavia, encarregava-se de demonstrar o êrro de quem assim pensava...

Por último, já se rosnava que aquilo era bruxedo que faziam à Rosa, com inveja da sua boa vivença com o marido. E não faltou quem supuzesse ser a *Antóina* a causadora do feitiço, pois sabiam que ela não levava a bem aquele casamento, tendo, como sempre tivera, o pensamento no Zé Murta.

O definhamento de Rosa ia-se acentuando aos poucos e no fim do inverno Zé Murta tinha gasto tôdas as suas economias, sem conseguir ver a sua companheira com saúde.

Um dia, uma vizinha chamou-o e disse-lhe:

— Ó Zé, alguém quer mal à tua Rosa! Porque não vais falar com aquele homem das Sarnadas? Olha que êle tem curado muita gente!

Dois dias depois, Zé Murta, pretextando uma ida a Faro, para

Mercadorias e bagagens podem segurar-se em tôdas as estações na C.^a Europêa de Seguros

consultar um médico, dirigia-se com a mulher para o sítio que a vizinha lhe indicara, em plena serra e a quatro léguas do litoral.

Ficaram surpresos, um e outro, com o que o homem lhes disse, e mais ainda com o tratamento por êle ensinado — tão simples lhes parecia para doença tão complicada.

Havia quem fazia mal à Rosa, mas tomasse ela o chá daquelas ervas que lhe dava e fizesse os defumadouros ao mesmo tempo que pronunciasse as palavras ensinadas — e tudo passaria.

Voltaram para casa, confiantes, e o mais curioso é que passados três semanas, Rosa começa a recuperar a saúde e, ao fim de mês e meio, sentia-se completamente boa.

Foi logo a seguir a essa crise que ela sentiu que ia ser mãe e isso causou grande alegria ao casal. Efectivamente, passado algum tempo, nasceu um menino.

Zé Murta revia esta fase da sua vida com enlêvo, mas sentindo o coração oprimido por uma saudade inconsolável. Era a lembrança do filho, e das suas traquinices, uma lembrança pungente, porque a Morte lho roubara, quando êle tinha seis anos. Via-o, ainda, durante a doença, ardendo em febre; depois, no caixãozinho branco, coberto de flores, levado por quatro rapazinhos, a caminho do cemitério. As mulheres saíam à estrada para ver o seu corpinho inerte e balbuciar umas orações...

E os olhos de Zé Murta marejaram-se de lágrimas.

*

*

*

O barco ia já distante de terra.

Anoitecera mais cedo porque grandes nuvens encobriram o Sol muito antes dêle transpor a linha do horizonte.

O homem do leme arrancou Zé Murta àquele tropel de recordações e apontou para as nuvens, em cujo fundo negro se destacavam, por vezes, alguns relâmpagos.

A tripulação não teve aquilo como bom prenúncio, tanto mais que os relâmpagos se iam notando já noutros lados e tudo parecia preparar-se para a borrasca.

Por mais de uma vez tinham aqueles homens sido surpreendidos no mar, pelo mau tempo; porém, nunca o tinham sido de noite — e essa circunstância é que os intimidava agora, porque, no dizer de Zé Murta, «com o escuro, não vê um homem onde põe os pés».

Ainda quiseram aproximar-se mais de terra, mas também pensaram que, no caso de lhes sobrevir a tormenta pela noite fora, tanto lhes valeria estar a duas milhas como a uma.

— Seja o que Deus quiser! — acabaram todos por convir.

Resignaram-se, fizeram as suas orações, e logo em seguida arreararam a vela, para se pôem a salvo de qualquer refrega de vento que podesse, traiçoeiramente, voltar-lhes o barco.

Mais animosos pelas orações que tinham feito e pela providência que haviam tomado, acenderam, ainda, a lanterna e voltaram a puxar pelo tabaco. E por ali foram ficando, com o barco a balouçar ao sabor das águas, à espera de que o tempo amainasse. Mas já se ouviam, ao longe, rumores de trovoada e os relâmpagos continuavam riscando a noite, que se apresentava terrivelmente caliginosa.

O vento começara a assobiar e a soprar mais forte, acompanhado duma chuva fustigante, e o mar ia-se mostrando encrespado.

Tinha decorrido já muito tempo — nem se sabia quanto — e não brilhava outra luz, no mar, além da do barco. Ao dilúculo, o vendaval tornou-se medonho e a embarcação não era mais do que uma frágil casquinha no mar encapelado. Foi, então, que a acção conjugada dos elementos fez aquilo que tanto tinham receado e que os levara a arrear a vela. A coisa foi rápida e de maneira quasi inesperada. Só sabiam que tinham visto o barco subir até à crista de uma onda, cuspindo os homens para o mar e voltando-se em seguida.

Nos primeiros momentos, foi grande a confusão. Cada um por seu lado, todos se esforçavam por alcançar o barco, que ficara a flutuar, de quilha para cima.

Os gritos de aflição e de chamamento eram, para aqueles homens, ao mesmo tempo que a exteriorização da sua angústia, um como que incentivo à coragem, bastante necessária em tal emergência.

Zé Murta não tinha sido atirado a grande distância, mas, vendo um companheiro bracejando, desesperadamente, o seu primeiro cuidado foi acudir-lhe. Porém, ainda não tinha dado três braçadas e já via o camarada sumir-se, redemoïnhando, pelas águas. Apenas teve tempo de ver que era o *Ti' Joaquim*.

Voltou-se, rápido, para o lado do barco e notou dois vultos agarrados à querená. Foi para lá que dirigiu os seus esforços e, quando alcançou o barco — não sem custo — é que conheceu os homens que ali se encontravam. Faltava o Chico Paixão.

Quando era já dia claro, ainda aqueles três naufragos se seguravam às saliências do barco; os outros dois haviam desaparecido. Mas os sobreviventes começavam a sentir-se enregelados e receavam que as fôrças lhes faltassem.

Entretanto, ia grande alarido na praia. Aglomerara-se muita gente diante do mar enfurecido, que não deixava sair o salva-vidas. Neste despêro, os homens soltavam imprecações e as mulheres gritavam, patéticas, abraçadas, algumas, aos filhos, que choravam clamorosamente.

A Biblia Sagrada

Sem a BÍBLIA a melhor biblioteca
fica incompleta

Várias traduções — Preços accessíveis

SOCIEDADE BÍBLICA — Praça Luís da Camões, 20 — LISBOA

Antes de effectuar qualquer seguro consulte a Comp.^ª Europêa de Seguros



O vendaval tornou-se medonho e a embarcação não era mais do que uma frágil casquinha no mar encapelado

No horizonte não se divisava qualquer sinal de embarcação, o que fazia aumentar o desalento de tôda aquela gente.

Só passadas algumas horas é que puderam sair para o mar, em busca dos náufragos. Mas voltaram, ao fim de muito tempo, dizendo que não tinham encontrado o mais ligeiro vestígio do barco nem dos homens, o que tornou maior a aflição dos que se encontravam na praia.

Redobrou o côro das lamentações — e foram tantas as cenas lancinantes que pode bem dizer-se que a Dor teve uma verdadeira apoteose naquele dia.

Lá longe, continuavam ainda os três homens agarrados ao barco, em parte já desmantelado. Tinham os corpos dormentes, do muito que estiveram dentro de água, parecendo que a vida se lhes havia concentrado nos braços, pela ânsia com que se agarravam, e nos olhos, pelo pavor que reflectiam.

Foi assim que a tripulação de um barco de carga os encontrou. Recolheram-nos e, imediatamente, lhes foram prestados socorros, seguindo viagem até ao primeiro porto, onde os desembarcaram.

*

*

*

Quando Zé Murta voltou à praia, com os companheiros, ia satisfeito, pensando na alegria que a presença dos três devia causar àquela gente. Mas quem o observasse bem, notava-lhe o rosto ensombrado por uma mágoa. E' que Zé Murta lembrava-se dos camaradas que tinham perecido — e aquele bracejar desesperado do *Ti' Joaquim* não se lhe tirava da mente...

Rui de Chelb

NÃO HÁ

melhor...



CHA

CELESTE

Preto e verde uma... delicia!

FOTOLINEA.

DEPOSITÁRIOS:

VILLARINHO & RICARDO, L.^{DA}

RUA DA PRATA, 230

L I S B O A



Praia da Rocha é considerada a rainha das praias algarvias e uma das melhores de Portugal. Esta praia cuja beleza ultrapassa, com facilidade, tudo quanto no género possa imaginar a mais rica fantasia, é de fama muito recente, mas o seu nome cresce a olhos vistos.

Dotada de um clima que a acredita como uma das melhores estações de Inverno do Europa, com uma temperatura média de $13^{\circ},5$, e uma máxima de oscilações de $11^{\circ},5$, talhada no sopé de «falaises» de ouro em brasa, que ora se abrem em anfractuosidades, ora se arrojam pelo mar dentro, nas mais caprichosas formas, a linda Praia da Rocha constituída por uma admirável sucessão de praias do mais formoso recorte, é já hoje extraordinariamente freqüentada e dispõe do melhor Hotel do Sul do país e de outros atractivos interessantes.

Percorrê-la sôbre a finíssima areia, desde o Forte de Santa Catarina até João de Arcia, observando de perto os curiosíssimos «Três Ursos», o caprichoso «Arco do Triunfo», a flagrante «Cabeça do Simio», o «Buraco da Avó», os arrojados «Castelos» que uma esplanada sobrepuja, as «Mesas», o leixão das «Gaiotas», a extensa praia do «Vau» e outros formosos recantos, constitue um dos mais belos passeios que o Algarve pode, com facilidade, proporcionar ao turista, passeio que só encontra rival no percurso sôbre as altíssimas «falaises» em que se talha tudo aquilo e por onde corre uma avenida.

Se como praia de banhos é formosa e incomparável, como estância de Inverno é verdadeiramente maravilhosa. São os estrangeiros que a procuram e, melhor talvez do que nós, a apreciam.

Aspectos da Praia da Rocha

Os panoramas da Praia da Rocha estasiam-nos e empolgam-nos, tanto pelas suas extravagantes e caprichosas grutas, como pelos seus fantásticos rochedos, ora em pirâmides colossais, ora em preciosíssimos e rendilhados arcos, que projectam, em todos os sentidos, sombras deliciosas de frescura. Reproduzimos, nesta página, dois interessantes aspectos da formosíssima praia, cuja areia, duma finura extrema, basta ser ligeiramente molhada para nela se andar tendo a sensação de se caminhar sobre uma alcatifa de feltro.

A gravura que publicamos em baixo, à direita, mostra um lindo aspecto do «Hall» do Hotel Bela-Vista, da Praia da Rocha, considerado o melhor estabelecimento hoteleiro da província do Algarve.



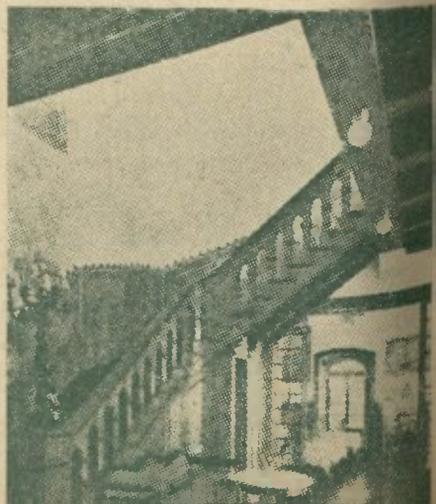
HOTEL BELA-VISTA

Praia da Rocha (Portimão)

Instalações maravilhosas num sumptuoso edifício. Situação esplêndida, comunicando directamente com a formosíssima praia.

Alojamentos magníficos - Quartos com casa de banho privativa - Água quente e fria em todos os quartos - Aquecimento.

Grande Salão de festas e uma bela esplanada sobre a praia. O mais esmerado serviço de mesa.





O SABER não ocupa lugar

DENTRE os principais estabelecimentos de ensino que ocupam uma posição de notória evidência em Portugal, destaca-se a Escola Normal de Corte «Luc», importante organização que tem realizado uma obra a todos os títulos interessante, digna da maior simpatia e de todos os aplausos:

Na Escola Normal de Corte «Luc» preparam-se, praticamente, senhoras aptas a desempenhar o seu papel na vida, a vencer todos os obstáculos na luta pela existência, ensinando-se-lhes a executar corte, costura, chapéus, flores e rendas, profissão a todos os títulos honrosa e dignificadora.

Esta Escola, que tem dez anos de existência, desde a sua fundação já ensinou 6.000 senhoras portuguesas, desempenhando muitas centenas delas as funções de professoras «Luc».

As alunas, ali, aprendem com facilidade e entusiasmam-se de tal modo no início das lições, que não descançam enquanto não acabam o curso.

A gravura que ilustra esta página mostra-nos um grupo de alunas de Lisboa que obtiveram a aprovação.

As alunas da Escola Normal de Corte «Luc» encontram-se espalhadas em todo o País, Ilhas e Colónias e são elas próprias que fazem as melhores referências à forma como aprendem com tão simples métodos de ensino.

«O Saber não ocupa lugar», diz um velho ditado. Rica, remediada ou pobre que uma senhora seja deve saber cortar e fazer os seus vestidos e a roupa dos seus. Além de poupar dinheiro, terá conhecimentos duma profissão que, numa hora difícil da vida, lhe possa ser bastante proveitosa.

A Escola Normal de Corte «Luc», que é considerada a melhor, no género, existente em Portugal, projecta abrir uma filial em Faro a fim de melhor servir às províncias do Algarve e do Alentejo. O facto deve, certamente, encher de regosijo o público feminino daquelas importantes regiões do país.

VERSOS DE JOÃO DE DEUS

A VIDA

*Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tûmulo descendo.*

*Em se ela anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de todo anuveava;
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.*

*Alma gémea da minha, e ingénua e pura
Como os anjos do Céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura!*

*Não sei se me voou, se ma levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...*

MAL SABES

*Mal sabes o que sofro num momento
De dúvida ou ciume; se soubesses,
Tão bem formado coração pareces
Que me não davas nunca êsse tormento.*

*Despedi-me de ti, os lábios rindo,
Mas estalando o coração, que em suma
Deus me livrasse a mim por forma alguma
De te nublar um dia o gesto lindo!*

*Que eu sofra, muito embora; o meu destino
Qual é senão sofrer a vida inteira?
Causa da tua lágrima primeira
E' que nunca serei: não te amofino.*

*Quiz converter a terra em paraíso;
Vendo uma luz no Céu, ergui o braço
A ver se a apanhava nesse espaço...
Como faz a criança sem juízo!*

PRODUTOS V. A. P. — PORTUGAL

(Fórmulas inéditas)

GLYCOL

O IDEAL DA PELE

O **Glycol** amacia a pele — O **Glycol** dá aos lábios a maior frescura — O **Glycol** é o ideal fixador do pó de arroz — O **Glycol** evita o cieiro — O **Glycol** dá a tôdas as peles o raro encanto da mocidade — O **Glycol** cura o «crestado» do Sol e o «queimado» da praia — O **Glycol** cura tôdas as impurezas e estragos da pele, tais como : erupções borbulhas, espinhas, impingens, rugas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, etc.

Remete-se uma amostra a quem enviar
3\$50 em sêlos do correlo, nome e morada

V Á P

ELIXIR DENTÍFRICO CONCENTRADO

Um sonho realizado:
aroma sedutor, frescura
inexcedível e higiene
máxima.

Êstes dois produtos encontram-se nas
principais farmácias e nas melhores
casas da especialidade

Depositários gerais :

Ventura d'Almeida & Pena

Rua do Guarda Mór, 20, 3.º, E. — LISBOA

ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO, Á COBRANÇA

Agentes Depositários nos Distritos de
Pôrto, Braga, Viana do Castelo: Ber-
nardino Pereira da Rocha, Bairro do
Ameal, n.º 118 — Pôrto

Agente Depositário nos Distritos de Lei-
ria, Coimbra, Aveiro, Vizeu, Guarda e
Castelo Branco: A. Gomes dos Santos,
Rua Visconde da Luz, n.º 50 — Coimbra,

Agente Depositário no Algarve: Gaspar Fêria M. Domingues — LOULÉ



Garland, Laidley & C.º, Limited



ESTABELECIDOS
HÁ MAIS
DE UM SÉCULO

AGENTES DE
NAVEGAÇÃO E TRANSITÁRIOS

REPRESENTANDO AS
SEGUINTE COMPANHIAS

Blue Star Line

///

Brocklebank Line

///

Furness, Withy & C.º Ltd.

///

United Fruit C.º

□ Booth Line

///

Cunard White Star Line

///

Lampart & Holt Line

///

□ Yeoward Line

LISBOA

Tr. do Corpo Santo, 10, 2.º

23311 - 15

PORTO

Rua Infante D. Henrique, 131

TELEFONES

3 4 8 - 9

TRATAMENTO DE INVERNO DAS ÁRVORES DE FRUTO

Não é possível obter frutos sãos e de boa qualidade sem empreender a aplicação metódica dos tratamentos químicos com produtos destinados a combater a acção dos insectos e das doenças criptogâmicas.

Esses tratamentos compreendem: Tratamentos de Inverno — Tratamentos de Primavera e Tratamentos de Verão. Dentre todos êles os mais importantes são os tratamentos de Inverno porque constituem o que se poderá chamar — a grande limpeza.

A sua aplicação faz-se no período de repouso das árvores (Novembro-Fevereiro) quando estas estão completamente despidas de fôlhas e tem por fim:

1.º — A destruição dos ovos de insectos e dos próprios insectos que em diferentes fases, durante o Inverno, se refugiam debaixo das cascas, dos troncos e dos ramos.

Os lepidopteros encontram-se no estado de lagartas protegidas por casulos ou crisalidas; os percevejos e os pulgões no estado de adultos ou ovos de Inverno; as cochonilhas no estado de adultos e de ovos.

Estes insectos encontram-se nesta época em número muito reduzido, o que os torna quasi invisíveis para a maioria das pessoas, mas, apenas começa a rebentação, na Primavera, estes parasitas multiplicam-se rapidamente e causam grandes estragos. Isto explica a importância que se deve dar à aplicação dos tratamentos de inverno.

2.º — A destruição dos musgos, lichens e cascas que constituem o refúgio dos diferentes parasitas.

3.º — A destruição dos esporos dos fungos causadores das doenças criptogâmicas.

I — NATUREZA E ACÇÃO DOS TRATAMENTOS — Nos tratamentos de Inverno têm-se utilizado vários produtos: lexivias, corantes orgânicos, petróleos, óleos lubrificantes, óleos vegetaes, caldas sulfocálcicas e caldas mixtas.

De todos êstes só falaremos daquele cuja aplicação se tem mostrado mais eficaz e económico no nosso País.

a) — CALDAS SULFOCÁLCICAS: — Estas caldas são sobretudo constituídas por misturas de polisulfuretos de cálcio de côr amarelo-esverdeado e exalando um odor característico de hidrogénio sulfurado (ovos pô-

dros). As caldas sulfocálcicas devem ter uma concentração constante (30.º-Bé) para evitar erros de dosagem que podem traduzir-se por queimaduras. É o que acontece com as caldas de fabricação caseira e por consequência de concentração irregular.

Estes produtos ocupam um lugar muito importante no arsenal da luta contra os inimigos das árvores de fruto.

Com efeito ela tem uma óptima acção contra os musgos e os lichens e assegura uma limpeza perfeita das cascas velhas dos troncos e dos ramos.

Tem uma acção insecticida que não é para desprezar, combate os germens das doenças fungoidas e actua até certo ponto, não só como desinfectante do solo mas também como fertilizante fornecendo às plantas certos elementos que entram na sua composição e que tornam a vegetação mais vigorosa.

Não há qualquer inconveniente ou receio de queimaduras com o emprego da Calda-Sulfocálcica nos tratamentos de Inverno se o produto fôr de concentração conhecida e constante como é a Sulfocica. A sua acção porém é muito diminuída nesta época do ano devido às chuvas.

Este inconveniente pode ser hoje absolutamente eliminado adicionando Aderol, à Calda Sulfocálcica que lhe aumenta o poder insecticida.

Com efeito, há hoje certos molhantes constituídos por produtos até há pouco desconhecidos na farmacopeia agrícola e que uma vez adicionadas às caldas insecticidas e fungicidas, estas ficam transformadas em produtos inteiramente novos e muito mais eficazes. O Aderol é dentre êsses o mais perfeito, pois actua não só como molhante (*Fig. 1*) fazendo as caldas penetrar profundamente a través dos casulos, dos ovos e das cascas, mas também como aderente formando uma película contínua e uniforme que cobre inteiramente o vegetal o que permite uma distribuição perfeita e duradoira dos princípios activos das caldas.

Os resultados obtidos com a edição deste Molhante à Calda Sulfocálcica são de tal maneira surpreendentes que não se justifica hoje o seu emprego sem êle.

As percentagens de calda sulfocálcica concentrada a empregar no Inverno dependem do seu grau de concentração. Devem diluir-se 14 litros de Sulfocica concentrada a 30. Bé em 100 litros de água aos quais se adiciona 1 decilitro de Aderol.

B) — OLEOS LUBRIFICANTES: Os óleos derivados dos petróleos foram utilizados primeiramente nos Estados Unidos para combater as cochonilhas, mas hoje são utilizados em todos os tratamentos de inverno das árvores de fruto com optimos resultados.

Estes oleos não podem ser empregados sem serem préviamente emulsionados pois de contrário causariam graves danos às árvores com êles tratadas.

Embora não seja sempre necessário que os óleos utilizados nos tratamentos de Inverno sejam muito refinados, é indispensável que êles possuam certas propriedades e que a emulsão seja perfeita e estável.

Para que uma emulsão oleosa seja eficaz, é necessário que possua determinadas propriedades fundamentais.

As emulsões oleosas devem sobretudo ser suficientemente estáveis para



Fig. 1

Folha de nespereira (1) depois de mergulhada numa Calda Sulfocalcica apresenta-se irregularmente coberta de pequenas gotas deste liquido. (2), depois de mergulhada numa Calda Sulfocalcica com Aderol não se formam gotas e a parte imergida fica imediata e completamente molhada.

não esdobrarem um excesso de óleo que, acumulando-se sobre a planta, a podem prejudicar, mas devem por outro lado não possuírem uma estabilidade demasiada para podermos no momento da pulverização esdobrarem a quantidade de óleo suficiente para formar uma delgada película impermeável que cobrindo os insectos e os seus estigmas os mata por asfixia. Quere isto dizer que uma boa emulsão oleosa deve ser do tipo *quick-break*, como dizem os americanos. A fig. n.º 2 explica o mecanismo do esdobramento e da aderência do óleo de três tipos de emulsão.

A) — Duma emulsão muito estável. B) — Duma emulsão tipo *quick-break* mas onde o óleo fica muito mal distribuído. C) — Duma emulsão do tipo *quick-break* cujo óleo se espalha e adere bem, formando a película de óleo à superfície do vegetal a que acima nos referimos.

São só de primeira qualidade as emulsões deste último tipo, como o Soluvol.

Por outro lado, uma emulsão bem feita deve apresentar ao microscópio uma repartição de gotas de óleo tão homogéneas quanto possível. O Soluvol que foi cientificamente estudado apresenta um máximo de qualidades para que possa ser utilizado com toda a segurança e eficácia. A dose a empre-

gar é de 1,5 a 3%. Os óleos lubrificantes têm uma grande acção insecticida e constituem o tratamento ideal contra as cochonilhas, pelo contrário o poder anti-criptogâmico é nulo. Este inconveniente é completamente removido com o emprêgo das caldas mixtas.

c) — CALDAS MIXTAS: Chamam-se assim as caldas constituídas; uma com acção insecticida outra com acção anti-criptogâmica.

Assim a mistura duma emulsão oleosa com calda Bordaleza constitue uma calda mixta de grande utilidade em fitoterapeutica.

Mas nem tôdas as emulsões oleosas se podem misturar com a calda Bordaleza, pois esta pode causar a libertação do óleo da emulsão que nestas condições provoca queimaduras. Só as emulsões de primeira qualidade com o Soluvol se misturam sem qualquer receio, com a calda Bordaleza. Esta ultima substitui-se com vantagem, pelo Micropal que não mancha e é mais económico.

A percentagem de Sulfato de Cobre da Calda Bordaleza de inverno, deve ser de 2%. O Micropal emprega-se à razão de 400 a 800 gramas para 100 litros de água.

II — APLICAÇÃO DOS TRATAMENTOS — a) — MODO DE APLICAÇÃO: As caldas sulfocálcicas, emulsões oleosas e caldas mixtas, devem ser applicadas com pulverisadores de forte pressão. (*Fig. 3*) Com effeito é necessário que o líquido penetre nas fendas e por debaixo das cascas da árvore para atingir todos os parasitas. A pulverisação deve ser efectuada debaixo para cima, começando pelo tronco e terminado nas pontas dos ramos afim de molhar completamente a árvore.

Os aparelhos devem ser munidos de reservatórios de latão ou madeira e de bombas de bronze ou com camisas de porcelana para poderem ser utilizadas com a calda sulfocálcica. Pelo contrário com as caldas oleosas ou mixtas podem utilizar-se pulverisadores fabricados com qualquer material.

Em vista da calda sulfocálcica ser cáustica os operários devem proteger as mãos e a cara com vaselina antes de começarem a pulverisar e os olhos devem ser protegidos com óculos.

b) — ÉPOCA DE APLICAÇÃO: Os tratamentos devem ser sempre feitos durante o repouso da vegetação, isto é, durante o período que vai da queda das fôlhas à rebentação.

O período mais favorável para a applicação destes tratamentos é o que vai de Dezembro a fins de Janeiro.

c) — ESCOLHA E ROTAÇÃO DOS TRATAMENTOS: Qualquer das caldas atrás mencionadas, são boas para aplicar como tratamentos de inverno, nas árvores de fruto, quer se trate de Pomoidas, Prunoidas, Videira, etc.

No entanto, os tratamentos com caldas oleosas ou com caldas mixtas estão mais indicados nas árvores que sofrem de ataques de cochonilhas (*Aonidiella pernicios* Com. = Piolho de S. José; *Diaspis Leperii* Sign., *Pseudococcus citri*. Risso etc.) e pulgões (*Eriosoma lanigerum* Hausm., *Anuraphis persicae*. Fonse; *Myzodes persicae*, Sulz, etc.).

Nos tratamentos de Inverno das Prunoidas (Pecegueiros, Damasqueiros Ameixieira, Cerejeira) com caldas oleosas é preferível substituir o «Soluvol

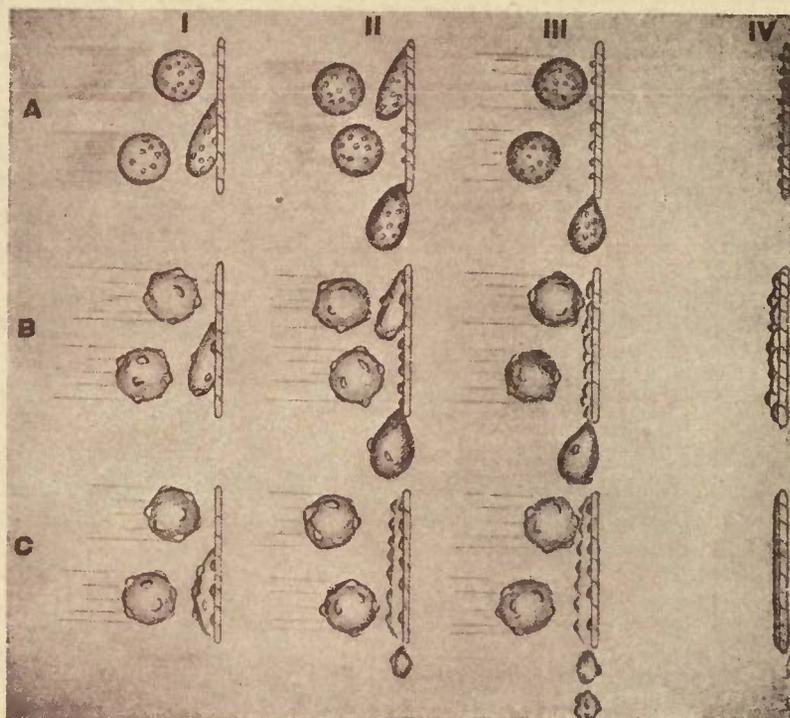


Fig. 2

Inverno» pelo «Soluvol Médio» em vista destas plantas serem duma grande sensibilidade.

Para o tratamento das Citraceas que será objecto dum folheto especial, os produtos mais indicados são o Soluvol Médio ou as caldas mixtas, muito eficazes no combate às cochonilhas (*Chrxsomphalus dictyospermi* Morg., *Coccus hesperidum* L. *Saissetia oleae* Costa, *Pseudococcus citri* Risso, etc.) que constituem os principais inimigos daquelas plantas no nosso País.

No tratamento das oliveiras quando êste visa ao combate da cochonilha preta (*Saissetia oleae*, Costa) ou do algodão da oliveira (*Euphyllura olivina*, Costa) é preferível utilizar as caldas oleosas ou as caldas mixtas. No entanto, quando se trate de combater a «brusca» ou «cresta» da oliveira, é preferível pulverisar com calda sulfocálcica ou calda bordaleza adicionada de Aderol.

No tratamento contra o *Pseudococcus* da videira é de tôda a conveniência descascar e descavar as cepas para pôr a descoberto as cochonilhas que ali passam o Inverno.

De qualquer forma é bom não repetir os mesmos tratamentos todos os anos, isto é, deve fazer-se uma rotação de tratamentos.

No caso de se tratar de árvores de fruto que tenham sido abandonadas

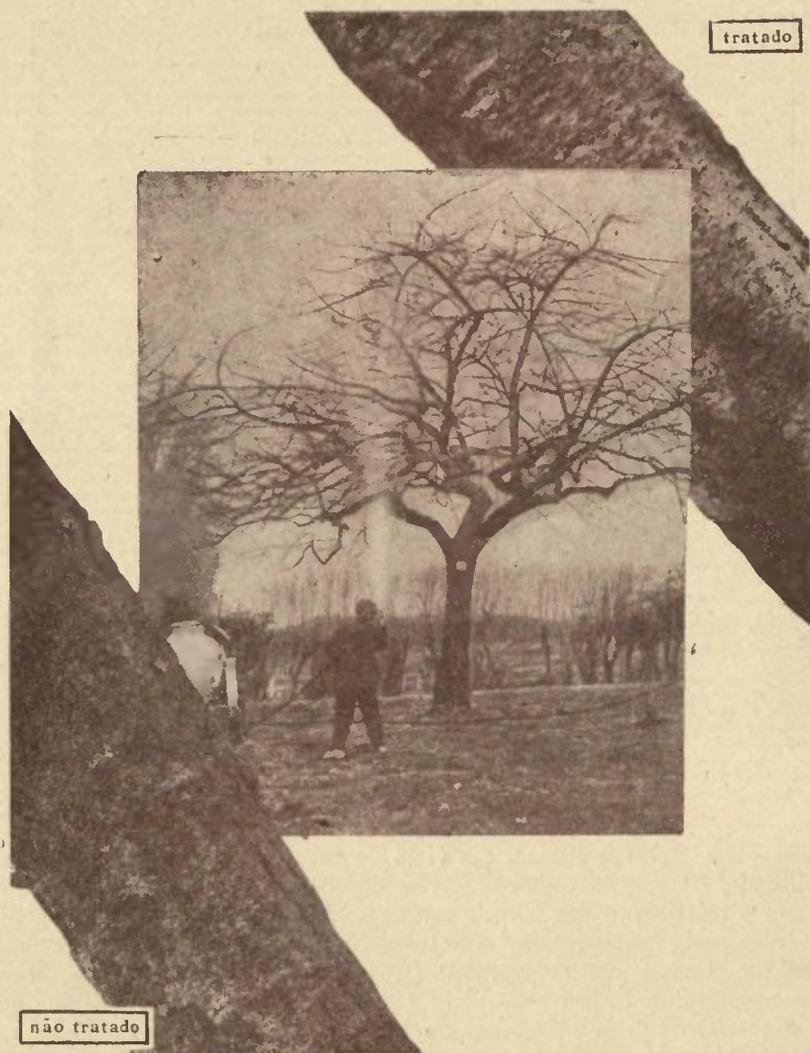


Fig. 3

das, os tratamentos devem efectuar-se pelo menos durante dois ou três anos seguidos para poder pôr as árvores em perfeito estado. Depois bastará fazer uma pulverização de dois em dois anos. Contudo, se por exemplo, o ataque dos piolhos fôr muito importante durante o ano, é conveniente fazer um tratamento de Inverno para evitar a reinfecção na Primavera seguinte.

FORMIGA ARGENTINA — Estas instruções não ficariam completas se não acrescentássemos que é de toda a necessidade combater a Formiga

Argentina. Com efeito de outra forma não seria possível a destruição de certos parasitas como por exemplo a *Pseudococcus citri* (cochonilha branca da videira), *Eriosoma lanigerum* (pulgão lanigero), etc. Este combate no Inverno com ninhos artificiais completa perfeitamente o emprêgo do Formitox no Verão. Aconselhamos a leitura da publicação «A Formiga Argentina — métodos para a combater», pela Dr.^a Matilde Bensaude e Miguel Neves.

Para a aquisição dos produtos citados nas instruções acima, chamamos a atenção dos leitores para o anúncio da firma Abecassis (Irmãos) & C.^a que publicamos nesta página.



ADUBOS

para tôdas as culturas

INSECTICIDAS

especiais para plantas, casas de habitação e animais domésticas

PÓ EUREKA

para desinfecção a sêca das sementes de pargana

DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS

Abecassis (Irmãos) & C.^a

Praça do Município, 32
LISBOA

Rua de St.^o António, 15
PORTO



Produção máxima e lucrativa.
Qualidade inegalável — grão pesado, vulumoso, de composição uniforme, bom aspecto, conservação perfeita e maior valor comercial.

Resistência à acama, às doenças e às irregularidades do clima só se pode obter aplicando, juntamente com SUPERFOSFATOS e ADUBOS AZOTADOS, doses adequadas de

A dubos Potássicos

— o —
Propaganda e Informações

L I S B O A

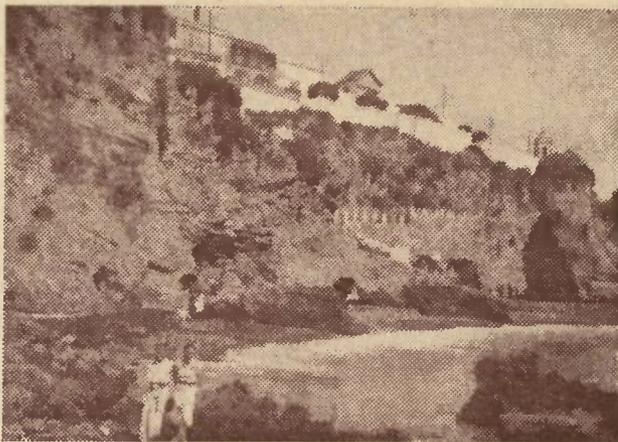
Avenida da Liberdade, 3, 2.º

Telefone 2 0813

Delegações no PORTO

R. Rodrigues Sampaio, 194, 2.º

Telefone 1 166



Um aspecto da praia de Albufeira - (Foto de *Adelino Judice Franco*)

ALBUFEIRA

PRAIA DAS MAIS FORMOSAS E PROGRESSIVAS DO ALGARVE



Um dos maiores atractivos de Albufeira é a sua linda e movimentada praia.

Situada precisamente no centro do Algarve, a Praia de Albufeira é considerada sem exagêro, uma das mais formosas e progressivas desta província. Atapetada com areias finíssimas e dispondo de magníficos rochedos que proporcionam deliciosas sombras no Verão, permite ao banhista repouso e conforto durante o dia.

Das esplanadas que lhe ficam sobranceiras e do passeio marginal, há anos construído, assiste-se a todo o movimento da praia, disfruta-se um vasto horizonte sôbre o Atlântico e avista-se um dos mais soberbos trechos da costa portuguesa, toda recortada de graciosas enseadas dos mais fantásticos rochedos, cheios de misteriosas furnas, onde se vão caçar pássaros marinhos.

O mar da praia de Albufeira, sempre tranqüilo, oferece ao banhista uma segurança absoluta. A doçura do seu clima, sem ventos fortes que fustiguem ou calores excessivos que molestem, fazem desta praia uma das mais completas e saudáveis estações de cura pelos agentes físicos. Dá-lhe acesso o túnel, arrojada obra há tempos levada a efeito, que a veiu pôr em comunicação directa com a parte mais importante e central da vila.

Albufeira dispõe de um casino com magníficas salas, onde se faz ouvir uma das melhores orquestras do País e se realiza, durante a época balnear, um vasto programa de festas elegantes.

No mês de Setembro realizam-se as afamadas e tradicionais festas da vila, que atraem milhares de forasteiros.

A cêrca de um quilómetro de Albufeira existe o Miradouro do Bem Parece, donde se admira um maravilhoso conjunto panorâmico dos mais surpreendentes do Algarve.

O GLYCOL cura o «queimado» da praia

MORTO AO SERVIÇO DA PÁTRIA

ENG. DUARTE PACHECO

O HOMEM E A SUA OBRA



eng. Duarte Pacheco que a morte roubou em pleno sonho, quando o seu talento criador, a sua energia espantosa, a sua vontade de ferro, iam dar a Portugal revigorado mais obras de protecção intensa na vida do povo, mais pontes e mais estradas, mais portos e mais edifícios — foi o dinamismo em pessoa. A morte escondera-se atrás dum sobreiro, numa curva duma estrada do Alentejo; estendera o seu manto úmido, escorregadio pela faixa negra da descida; endurecera e tornara mais íngreme a ribanceira — e matou-o.

O eng. Duarte Pacheco, quando palmilhava as ruas de Loulé, onde nascera a 19 de Abril de 1899, já sonhava partir para Lisboa frequentar a Universidade, formar-se — ser homem. Era decidido, valente, mas o seu coração, embora o corpo fôsse crescendo, ficou sempre como o de uma criança. No alto das serras, nos seus passeios da manhã, com os rapazes amigos e vizinhos, Duarte Pacheco ficava, às vezes, a olhar os horizontes. Nos seus olhos havia um brilho, uma luz que queria dizer — sonho.

Um dia, em Outubro de 1917, o seu nome aparece, pela primeira vez, nos registos de matrícula do Instituto Superior Técnico. Rápidamente o prestígio do seu nome como estudante de méritos excepcionais se espalha por tôdas as turmas e classes. No quarto de pensão onde vive sobem de número os companheiros que o procuram para receber as explicações das matérias do curso. E' com isso que se mantém em Lisboa e consegue satisfazer as suas exigências de cultura. Faz o curso de engenheiro electrotécnico, prestando sempre provas brillantíssimas. Do apreço que merecia aos mestres dá a idéia o facto de, ao concluir o curso, receber convite do Instituto para reger a cadeira de matemáticas gerais. Tem então, 23 anos. A sua forte personalidade de homem de acção desabrocha com exteriorizações admiráveis. Um dia, chamaram às armas os republicanos. Sempre sonhador e idealista, Duarte Pacheco agarrou numa espingarda e foi para Monsanto defender a República. Voltou sem dizer palavra, sem alar-



ENGENHEIRO DUARTE PACHECO



des, sem gritos de vitória ou de ódio. Meteu-se no seu quarto e agarrou-se aos livros. Rápida e a sua carreira de professor evoluciona. Toma posse do cargo de Director do Instituto Superior Técnico. Mas Duarte Pacheco, a-pesar-de ter conseguido por virtude das suas extraordinárias qualidades tão alto posto no nosso ensino superior, não limitava a êsse campo as suas preocupações de homem autenticamente do seu tempo. Havia nele a agitada curiosidade dos assuntos políticos, a paixão pelo estudo das questões sociais, pelos problemas do Direito, da Economia, das Finanças. No seu espírito alvoraçado de ímpetos construtivos a excitação da vida pública modelava as mais legítimas aspirações duma vocação e dum talento que esperavam a oportunidade decisiva. Em 1928, apenas com 29 anos, é ministro da Instrução. Em 1931, toma a direcção do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, ano em que o problema do desemprego se agravou duma maneira espantosa. Havia em Portugal alguns milhares de homens sem trabalho e sem pão. Pedia-se ao Estado que desse aos desempregados subsídios em dinheiro, como se fazia em Inglaterra, nos Estados Unidos e na Alemanha. Milhares de mães e de crianças não tinham que comer. Ao ministro foi posto o problema com tóda a clareza, e com tóda a brutalidade e sugeriu-se o exemplo estrangeiro. Duarte Pacheco não concordou. O Estado não deve dar esmolas e operários sem trabalho não são vagabundos ou pedintes de estrada. O impôsto de desemprego, dever de solidariedade, não foi aplicado em esmolas — foi aplicado em trabalho. Aos desempregados — disse o ministro — deve dar-se salário em troca de trabalho e pelo País fora há muito que fazer. Estabeleceu-se um plano de obras públicas em todo o continente e ilhas. Em todos os concelhos de Portugal começaram as obras onde trabalhavam desempregados. Aos operários sem trabalho dava-se trabalho — não se davam esmolas.

No seu gabinete de trabalho, quási estendido sôbre uma larga mesa pejada de mapas, de plantas, de orçamentos, em frente de um busto da República, Duarte Pacheco trabalhava sempre, até altas horas da madrugada. A guerra não o amedrontou: «Eu arranjo ferro, arranjo carvão, seja lá onde fôr, mas isto não pára!» Isto era o sonho — as obras. A construção da auto-estrada esteve em riscos de suspender, por falta de materiais, mas o ministro, combatente da grande reconstrução nacional, resolveu tudo. Chegaram combóios de ferro, navios de carvão, de pneus, do que era preciso.

Duarte Pacheco falava do povo, especialmente dos operários, com a ternura e a amizade de um operário, sem frases comicieiras, sem palavriado vazio — com a solidariedade de um homem de trabalho. «O povo é a grande energia da Nação — é a nossa riqueza. Sabe trabalhar como poucos do Mundo».

Sempre insatisfeito, sempre a architectar sonho sôbre sonho, realização sôbre realização, sempre a visionar uma Pátria mais rica e mais próspera, sem transigir, sem se vergar, sem se deixar vencer, sem dormir sôbre as vitórias alcançadas e procurando, dia a dia, noite a noite, mais lutas e mais batalhas, Duarte Pacheco era insaciável nas

realizações. Lisboa apaixonava-o e jurara a si próprio legar-nos uma Lisboa nova — uma Lisboa século XX. Todos os lisboetas se recordam de que a capital sofria, no Verão, os horrores da sêde, que a água faltava em muitas casas particulares. Até escasseava para a extinção de incêndios. E foi mercê da sua acção, que êste drama, que se arrastava há dezenas de anos e ameaçava eternizar-se, acabou. Nunca mais a água faltou na cidade depois das providências que tomou, uma delas as das grandes obras de captação. Deve-lhe ainda Lisboa alguns dos seus mais belos edifícios: o do Instituto Superior Técnico, modelar instalação dum estabelecimento de ensino superior, digno de sofrer, sem desaire, comparação com os dos mais progressivos países europeus; a Casa da Moeda, edifício admirável de linhas harmoniosas e belas, num estilo moderno, sem a nudez um pouco arripiante que afeia, por vezes, construções dêste género. Perto dela, outro edifício se destaca: o do Instituto da Estatística, de monumental aspecto.

A's Casas Económicas para os trabalhadores, às escolas e aos estabelecimentos de Estado, há a acrescentar o Estádio Nacional, digno dos maiores encómios pela sua bela concepção architectónica, praticamente concluído, que satisfaz as aspirações dos desportistas e que atende completamente às possibilidades presentes e futuras do desporto nacional. A sua actividade fez-se sentir poderosamente no novo Arsenal do Alfeite no Aeroporto de Sacavém, obra admirável e perfeita, a que não faltaram sequer as excelentes estradas e vias de acesso. Sob a sua direcção muitas pontes foram construídas, algumas delas monumentais. A última a ser inaugurada foi a de Angeja. A sua interferência em obras de carácter militar, ou destinadas a fins militares, fica ainda ligada à construção da base naval de Lisboa e da base aérea de Montijo,

O que a seu respeito acima afirmamos sôbre Lisboa tem aplicação a todo o País: a par das estradas, das pontes, dos portos, dos edificios escolares para acudir às necessidades da vida moderna, o eng. Duarte Pacheco prodigalisou-se nas obras de salvação e restauro dos monumentos nacionais. Mercê da sua acção, podemos hoje admirar e as gerações futuras a architectura nova da nossa época. Sem êle muitos projectos nunca chegariam a ser elaborados e outros de projectos nunca passariam.

O último grande sonho do grande algarvio de Loulé, que seria realizado mais tarde ou mais cedo, era o colar de pérolas de Lisboa. Prolongar a avenida marginal até Moscavide, ligá-la com a nova estrada de circunvalação e esta, por sua vez, à auto-estrada de Cascais. Esta via que abraçava Lisboa, seria feéricamente iluminada — era o colar de pérolas. Imagine-se o que seria visto do Tejo ou do mar, de Almada ou do Alto de Azeitão êsse magnífico colar de luz a abraçar Lisboa! Mas o sonho não acabava nunca: dentro de algum tempo, o hospital Escolar, primeiro grandioso edificio da futura cidade universitária, surgiria esplendoroso, imenso, esmagador.

Em todas as suas obras nunca Duarte Pacheco pôs a sua «vaidade». Na sua pertinácia a obra revestia-se de modéstia. Preferiria, se



fosse possível, e se isso não contrariasse o justo pensamento de pôr em relêvo a acção do Governo — não comparecer, não ouvir elogios. Não porque fôsse insensível a êles, porque êle trazia o estímulo em si próprio. Uma vez havia que inaugurar uma nova ponte já concluída. Passou por lá — êste homem que corria o país de automóvel todas as semanas — e via-se obrigado a tomar um desvio.

— Porque não atravessamos a ponte?

— Não está inaugurada.

Mandou imediatamente tirar as correntes, passou o seu carro e declarou:

— Ficou inaugurada a ponte.

O eng. Duarte Pacheco morreu com quarenta e quatro anos. Estuante de mocidade e de energia, dinâmico ao máximo — e nunca esta qualificação foi com justeza aplicada a alguém da nossa terra — o homem morto a 16 de Novembro de 1943 em condições trágicas, era, êle próprio, que concebia e realizava, uma afirmação da vitalidade portuguesa, uma formidável organização humana. Mas, dada a sua relativa pouca idade, e ante a sua obra enorme de uma vasta e complexa penetração intelectual e técnica imagine-se quanto êsse homem ainda poderia fazer pelo seu País, com a sua experiência sólida, a sua visão, a sua predestinada pertinácia de estadista prático, que eliminara da «coisa pública a palavra impossível».

A obra do eng. Duarte Pacheco, durante cêrca de dez anos de acção ministerial — durante a qual soube proceder de modo que nunca lhe faltasse o apoio e a confiança do Chefe do Governo, é das que ficam pertencendo à História.

União Industrial, Limitada

Fábricas de: AZEITES em Azinhaga

» de: CONSERVAS em Olhão e Portimão

Administração em Lisboa:

Rua dos Sapateiros, 62, 2.º

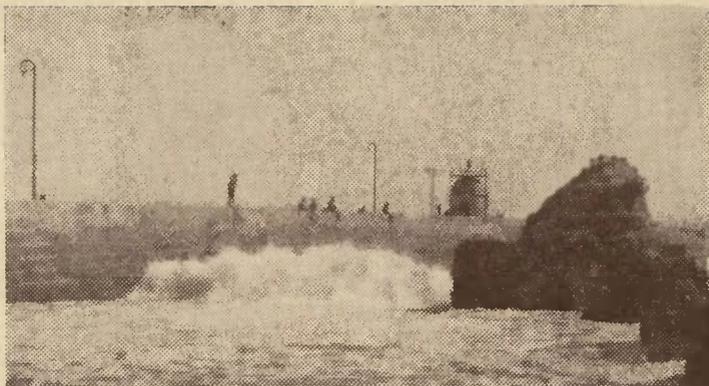
Caixa - Postal 246

Telefone: 2 5435

Telegramas: Lisdouro

Códigos: Ribeiro — Mascote

Filial em Luanda: Caixa Postal 409



Uma vista de Solaria (Lagos) — (Foto de *Adelino Judice Franco*)

LAGOS, A COSTA DE OIRO

LAGOS é uma cidade antiqüíssima — tão antiga que alguns historiadores, entre os quais o padre Carvalho e Rodrigues Mendes da Silva, atribuem a sua fundação a Brigo, 4.º rei de Espanha, 1899 anos antes de Cristo.

O seu primeiro nome foi Lacóbriga, e tendo caído em ruínas, mercê de várias guerras, foi reedificada por Boodes, célebre capitão cartaginês, amigo dos povos que então habitavam o Algarve.

Da antiguidade aos nossos dias, Lagos foi teatro de várias lutas e passaram sôbre as suas muralhas as mais variadas raças desde os cartagineses aos romanos e árabes. D. Sancho I conquistou a êstes últimos em 1190, mas como os islamitas a tivessem reconquistado foi a cidade tomada pelo rei de Castela D. Afonso, que a doou a D. Frei Roberto, bispo de Silves, por carta passada em Sevilha, em Agosto de 1253. Com as guerras contínuas Lagos perdeu algo da sua importância, até a sua própria categoria de cidade. Em 1573, quando D. Sebastião juntou na sua espaçosa baía a armada com que partiu para a África, deu-lhe novamente êste título, que durante séculos não pudera usar, mas que tem sabido merecer. Lagos, mercê das suas excepcionais condições geográficas, teve grande importância na nossa história marítima. Dali partiram alguns dos grandes navegadores portugueses que tomaram parte nos descobrimentos; e, segundo diversas versões, ali foram presentes e vendidos os primeiros escravos negros que vieram para Portugal, depois da conquista da Guiné.

Possui uma das mais formosas e mais amplas baías do Mundo, pois vai da Ponta do Facho até à da Piedade, com uma abertura de 2.200 metros e uma flecha de 1,6 milhas, extraordinária enseada que grandes esquadras estrangeiras, em tempo de paz, por mais de uma vez aproveitaram para manobras. Os rochedos, as praias, as grutas que bordam o seu litoral, é do melhor que conhecemos na arquitetura erguida e trabalhada pela Natureza.

Costa de Oiro se chama a essa região marítima de Lagos, nome bonito e bem escolhido pela côr fantástica dos imponentes rochedos.

MAIS grave do que qualquer assalto, moléstias ou perturbação atmosférica mais perigoso e devastador do que as cheias ou o ciclone, o fogo é o inimigo mais temível das searas, o destruidor mais implacável dos bens do lavrador. As faulhas que saltam das locomotivas, uma ponta de cigarro ou um lume de cosinhado mal apagado, tudo isto pode ocasionar um fogo devastador, impossível de extinguir, causando assim a ruína total do lavrador e levando à miséria e ao desespero

uma ou mais famílias. Um único meio existe para contrapor a esse risco iminente: o seguro agrícola, que é o remédio eficaz para permitir o socêgo de espírito para quem tem ao Sol searas, arvoredos e maquinismos agrícolas. O seguro, duma maneira geral, é um acto indispensável à vida das sociedades, não se compreendendo que a imprevidência dum lavrador o coloque na situação irremediável de perder em pou-



cas horas aquilo que era a sua riqueza e o seu bem-estar, o fruto de muitas semanas de trabalho e de sacrifício, e, enfim, a garantia da sua existência. Infelizmente, ainda há quem prefira arriscar os seus bens e se esqueça de os guardar à sombra duma simples apólice e com uma despesa insignificante em relação aos valores segurados.

O FOGO, EIS O INIMIGO MAIS TEMIVEL DOS BENS DO LAVRADOR!

Tal desleixo chega a ser criminoso se atendermos aos prejuizos que também acarreta para a economia geral da Nação. A Companhia de Seguros Commércio e Indústria, que tem a sua séde em Lisboa e agências em tôdas as terras do Continente é, sem dúvida, uma das maiores companhias seguradoras portuguesas; pelo seu prestígio, pelo disvêlo que lhe merece os interesses dos seus segurados, liquidando com a maior brevidade os sinistros, obriga-nos a fazer uma recomendação especial para salvaguarda dos interesses inestimáveis de todos os lavradores.



*De sorriso nos lábios, cabeças airo-
sas, com teições distintas, estas duas
raparigas contemplam, extasiadas, as
árvores floridas, essas árvores lindas
e magníficas, que dão riqueza, alegria
e frescura a todos os algarvios.*

ROTEIRO DA VILA BRANCA DE OLHÃO

POR JOÃO TRIGUEIROS



INDO dos lados de Faro, o turista entra em Olhão pelas *Quatro Estradas*.

Dêste ponto, divisa para o Norte os edifícios dos Asilos, obra de um heróico batalhador, em rudes lutas em prol da assistência.

São espaçosas instalações aonde, numa bela realização de puros sentimentos, de solidariedade humana, se recolhem velhos e crianças em afectivo conforto.

Na vizinhança está o moderno Bairro Económico, com suas sessenta moradias retangulares, em estilo architectónico local: — duas fileiras simétricas de cubos brancos de cujos terraços se disfruta um panorama levantino.

O turista segue a estrada nacional para leste, deixa à esquerda o Stadim Padinha, onde se treina e bate em *foot-ball* o glorioso Sporting Club Olhanense e à direita o Campo de Joaquim Êmaus, de ténis e basket, do Grupo de Ténis, recinto facultado aos Escoteiros de Portugal, e Mocidade Portuguesa que o enchem de vida.

Deixando a estrada, entra na espaçosa Avenida Bernardino Silva — à qual um médico altruista deu o nome.

E' a ante-câmara de Olhão.

Nela, o edifício mais notável é o do Hospital, instituição que carece — e bem merece — da protecção do Estado, do Município e dos particulares.

Transporta a linha férrea, o turista encontra, no topo da Avenida da República, cêrca da estação, o *Jardim João Serra*, «soldado mártir da Grande Guerra» e, ali, apreciará os bancos artísticos, da autoria de Mestre Jorge Colaço. São quadros em azulejos, históricos, alegóricos e descritivos das *pescas* algarvias.

A Avenida da República é a sala de visitas da localidade.

Aquí, convivem francamente e ruídosamente, em dias de descanso ou em noites de estio, centenas e centenas de pessoas num conjunto simpático e festivo, próprio do carácter dêste povo — espectáculo movimentado que não é trivial em terras provincianas.

Localizadas na Avenida da República estão as Sociedades Recrea-



OLHÃO — Aspecto da igreja. As casas encimadas por varandas, espécie de minaretes caiados de branco, emprestam à vila um aspecto da África Setentrional

tivas Olhanense e Progresso: — duas portadas abertas para acolher o visitante; o Cinema-Teatro — velho barracão, arruinado, agora sentenciado pela Inspecção Geral dos Espectáculos a modernização condigna.

Na Avenida estão também as escolas e um jardimzinho onde, sôbre pesado e inestético plinto, colocaram um busto em bronze: o monumento do Poeta João Lúcio, nascido em Olhão.

Levemos agora o forasteiro ao largo da Restauração.

No adro da Igreja Matriz, falemos-lhe do coronel José Lopes de Sousa, que naquele lugar, em 16 de Junho de 1808, rodeado de plebe, delirante de ânsia de liberdade, soltou o primeiro grito de revolta contra o vexatório domínio napoleónico — facto histórico memorado por um pequeno e singelo monumento em granito.

Neste largo está o edifício da secular associação de socorros mútuos «Compromisso Marítimo», fundada em 1767, desde então mantida pelos valorosos pescadores e mareantes olhanenses.

Seguimos em direcção ao cais da *Ria Formosa*, rua do Comércio abaixo.

Passamos no largo da Alfândega e encontramos-nos nos Mercados Municipais, muito vastos e, em épocas normais, abundantíssimos de tudo quanto é necessário para a alimentação dos catorze mil habitantes desta vila.

A leste dos mercados temos a lota grande e os estaleiros.

Nos estaleiros são construídos barcos pesqueiros de todos os calados.

Na lota grande efectuam-se as transacções do pescado destinado às fábricas e às estivas.

Francisco Martins

///

Armazém de Caixotaria
Exportação de Peixe e
Seca de Polvos

///

FÁBRICA DE GELO

///

Avenida 5 de Outubro, 178

OLHÃO

///

Telegramas: PESCADO
TELEFONE 24

J. DE MOURA VEIGA



Aparelhos de Rádio
Máquinas de escrever
Instalações de luz e
fôrça motriz, etc.

III

Consulte os Nossos Preços

III

AVENIDA DA REPÚBLICA

OLHÃO

Essas transacções, em 1940, atingiram o valor de quinze mil contos.

Ao cais acostam os barcos de pesca e as embarcações de pequena cabotagem que percorrem as costas do país e navegam para Gibraltar e Marrocos, em golpes de audácia bem próprios dos conterrâneos de Joaquim Lopes, o salvador de vidas, e daqueles humildes pescadores que, num frágil caïque, saíram ali pela *Barra velha* e foram ao Rio de Janeiro, onde estava o rei D. João VI, para lhe darem a notícia da expulsão dos franceses.

As *pescas* mais importantes são as dos *cêrcos americanos* e as das *lanchas das sacadas*.

Nos *cêrcos* trabalham mais de mil homens. Nas *sacadas* empregam-se mil e duzentos pescadores.

Além desta grei, outra se ocupa das *pescas* chamadas *tresmalhos*, *murjonas*, *covos*, *carrinhos*, *caçadas*, *tapa esteiros*, *fisgas*, além da pesca do alto, e na apanha da ameijoa, saboroso e afamado marisco, criado em nada menos de sessenta e cinco viveiros.

De todo êste tráfego marítimo e piscatório na *Baixa-mar*, pode o viajante recolher aspectos imprevistos, inéditos, interessantes.

Não existe ainda em Olhão um miradoiro, aspiração bem justa, a que me referi, no ano passado, em artigo publicado numa revista.

Assim, o visitante contentar-se-á em subir à tôrre da Igreja Matriz

Mercadorias e bagagens podem segurar-se em todas as estações, na C.^a Europêa de Seguros

donde apreciará o que de melhor os habitantes têm para mostrar-lhe: a vista geral.

Depois de ter escrito quatro ou cinco artigos sôbre o panorama olhanense, é já bem difficil encontrar novas côres para pintar do natural um quadro tão raro; no entanto, aposentando-me de vulgar literato, arvorado, desta vez, em simples cicerone do meu imaginário forasteiro, com êle subirei ao campanário para satisfazer, ràpidamente, grosso modo, a sua natural curiosidade.

Estamos olhando o Sul.

Beijando o Atlântico, num eterno abraço, em terno murmúrio, vemos ao longe a Ilha de Santa Maria, com seu farol, hoje cortada pela *Barra nova*, a que as entidades officiais denominam o porto comum Faro-Olhão.

A barra foi inaugurada em 15 de Setembro de 1929.

Apesar das más condições de navegação, ali têm passado, nos melhores anos, mais de duas mil embarcações.

Nêsses períodos áureos do comércio e da indústria, a importação atingiu dezóito mil contos e a exportação quarenta e sete mil.

Os *espirituosos de café*, sempre mordazes, mas chistosos, chamam ao porto comum Faro-Olhão, o *canal de Santa Engrácia*.

Olhemos, agora, para Poente. Vemos a vasta zona das salinas, as ilhotas verdejando na ria e, muito além, Santo António do Alto, a sentinela fronteiriça do concelho de Faro.

Para Levante, temos a *Ilha da Armona*, onde será instalada a praia de Olhão, de conformidade com o pedido recentemente feito ao Município por uma comissão de entusiastas; do lado de terra divisamos a mancha verde do *Pinhal de Marim*, lendário pousio das moiras encantadas.

Voltando-nos para o Norte vemos, em frente, o *Sêrro de São Miguel*, ou Monte Figo, colossal biombo que a Natureza dispôs entre esta região de clima abençoado e as terras acossadas pelos desagradáveis ventos, e martirizadas pelos frios nortenhos.

Do Nordeste, ao longe, espreita nos o *Sêrro da Cabeça*, caprichosamente toucado de rochas e minado de furnas rendilhadas, onde a água das chuvas, de inverno, canta sinfonias selvagens.

Aos pés dos sêrros altivos jazem os campos rasteiros: — *fazendas de sequeiro*, e hortas fertilíssimas, lindos pomares, campos onde florescem em Janeiro as amendoeiras.

Guardado o binóculo, o nosso forasteiro espriará a vista sôbre a casaria, alvinitente de cal, maravilhosa, deslumbrante, ouriçada de terraços e mirantes, açoteias esguias e chaminés caseiras de recorte gracioso.

Em redor da povoação — uma ou outra emergindo da casaria — ascendem para o alto as chaminés das fábricas, das quarenta fábricas dêste centro industrial conserveiro, que emprega cêrca de três mil obreiros, aos quais foram pagos, num só ano (1939) mais de quatro mil contos.

Êsses pacíficos trabalhadores produziram, de 1937 a 39, 1.144.781

caixas de conservas de peixe, no valor aproximado de noventa mil contos.

Nas açoteias, banhadas de luz vivíssima — algarvia; sob a cúpula azul brilhante dêste céu — algarvio; brincam crianças e lidam mulheres — e algumas, muitas, são formosas morenas, de olhos negros — lidam na labuta doméstica.

Procura-se a açoteia para cozinhar, nos clássicos fogareiros, para estender a roupa em secadoiros, para conversas de vizinhança e, ainda para inspeccionar o mar, com ansiosa curiosidade, na espreita da vela branca da lanchinha que traz os homens, e o produto da faina pesqueira: o amor e o pão.

A vila branca cubista é um *País de Sonho*...

Decerto terei de acordar o nosso visitante do seu êxtase.

Olhão é terra perigosa para quem não pense em fixar-se!

De alguém sei eu que, tendo sido forasteiro há um quarto de século, ficou por aqui encantado e ainda não se cançou de subir quotidianamente «à sua açoteia para ver o mar, os cerros altaneiros, a mancha branca da casaria em caos, sob o céu de tom inigualável!...»

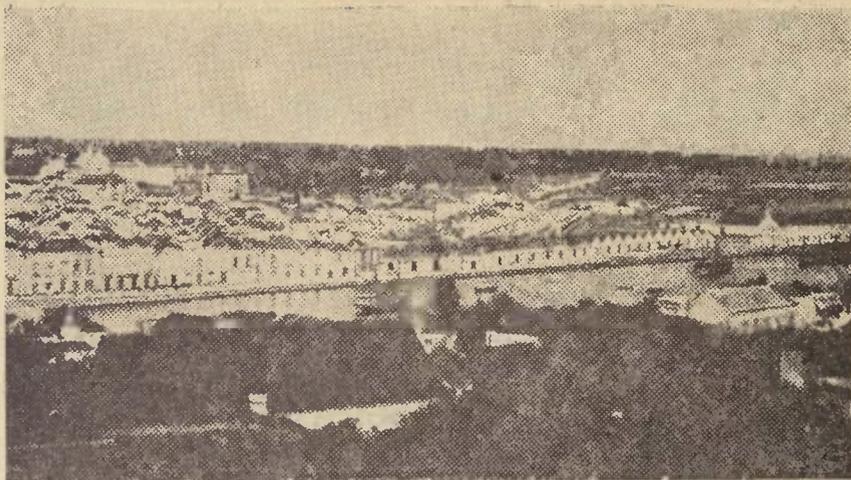
Mas não quero que o meu imaginário forasteiro se deixe aguilhoar pelo fatalismo moirisco que paira no ambiente.

Ele partirá.

Deslumbrado, olhos cheios de luz, coração transbordando alegria que a paisagem ridente lhe oferece, descerá da tôrre campanária levando na retina o quadro luminoso que se lhe impôs fortemente e que o tempo não conseguirá facilmente esmaecer.



Ermida Algarvia



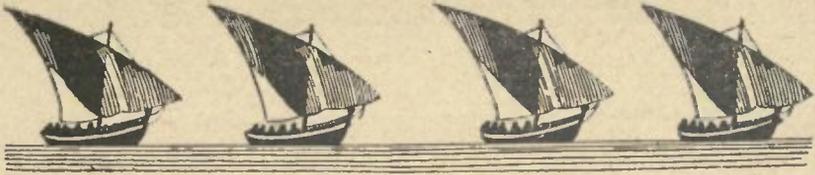
TAVIRA, ADMIRÁVEL CIDADE DO ALGARVE ONDE TUDO NOS ENCANTA E SEDUZ

TEBRUÇADA, românticamente, sobre o Mar, como a maioria das cidades e vilas do Algarve, Tavira tem, contudo, uma beleza que lhe vem da personalidade e que a torna diferente. E' um ambiente acolhedor, calmo, onde a doçura da paisagem parece reflectir-se nas pessoas — tipos morenos vinca-damente algarvios — destacando-se a formosura das mulheres com inegáveis reminiscências árabes. E' das cidades de província mais bonitas. E mesmo que não tivesse o seu rio bucólico nem o encanto das salinas, onde o Sol põe revérberos de diamante, e o sortilégio do Mar, continuava a interessar o viajante ávido de beleza, pela pujança e variedade pictural dos seus campos.

Elevada à categoria de cidade, mercê do espírito empreendedor dos seus habitantes e da fertilidade do seu solo, Tavira ocupa lugar económico de relêvo na vida da província. Possui várias fábricas de conservas e produz, com grande abundância, amêndoa, figos, alfaroba, legumes e hortaliças de excelente qualidade.

Sob o aspecto turístico não lhe faltam atractivos. Além do espectáculo admirável da paisagem, onde se destacam lugares recomendáveis, como o «Pêgo do Inferno» e a «Mata da Conceição», esta sobretudo, quando as acácias estão em flôr; tem belos monumentos dignos de visita, tais como: as igrejas de Santa Maria do Castelo, S. Paulo, S. Francisco, Misericórdia e a Capela de Santo António, onde se podem admirar os passos da vida do santo.

Tavira encontra-se ligada às outras cidades e vilas algarvias por caminho de ferro e carreiras de camionetas, possuindo excelentes estradas próprias para automobilismo, devido ao seu belo estado de conservação. O turista não perderá o seu tempo se visitar Tavira. E se o fizer de Junho a Agosto, deve procurar assistir à pesca do atum — a célebre tourada do Mar — espectáculo que só poderá observar nas águas desta região.



PESCADORES

POR LEÃO PENEDO



QUANDO, há anos passados, eu freqüentava a escola primária, tinha a impressão de que o Oceano Atlântico era português e que unicamente banhava as nossas costas, do Minho ao Algarve. Essa impressão nasceu-me pelo facto de, no mapa da classe, só se desenhar a porção de Portugal e um naco de Espanha, na parte que lhe é fronteira.

Sobre os pescadores, tinha também a «minha idéia»:— julgava que somente se pescava no Algarve. Dividia o mundo em duas partes: bacalhau, na Terra Nova (um nome que decorei, sem saber qual o seu poiso na carta); o resto do peixe, no Algarve.

Dos pescadores e do mar, conservo ainda outras recordações... Bem boas tarefas apanhei da minha mãe por gastar o meu tempo em alegres brincadeiras no cais, a saltitar de bote para bote, a desamarrá-los das lanchas, e a vaguear, deliciado, pela doca de Faro.

Apanhava tarefas de minha mãe e dos donos dos botes, que não gostavam de ver crianças brincar com as «suas coisas»... Todavia, quem me queria ver era no cais, a baloiçar-me nos pequenos barcos, sonhando ir mar fora em busca de outras terras...

Só aos domingos saciava «legalmente» os meus desejos de marinho. Por dois ou três escudos alugava um bote e refastelava-me à minha vontade. A incertas remadas lá ultrapassava a ponte e, depois, a grande rota consistia em navegar até às «quatro águas», onde estacionavam umas canhoneiras.

*

* *

Sempre gostei dos pescadores — êsses homens fortes que se arriscam ao mar para me oferecer peixe ao almoço. Sobre êles eu tive, também, várias impressões.

A primeira, foi a de aventura. Via-os partir e ansiava partir com êles, sentir-me embalado pela cadência das ondas, perder a terra de vista e gozar o sublime prazer de estar longe.

Depois, veio-me outra impressão: — a de turismo. E descobri que os homens do mar emprestavam ao Algarve ricas pinceladas de côr. Gostava de ver, ao lusco-fusco, as silhuetas dos barcos, o perfil más-



Homens do Mar

Desenho de ROBERTO NOBRE

culo dos pescadores, com as suas caras bronzeadas, acorados na praia, a coser as rêdes. Mal luzia a madrugada, lá iam para o mar, sobraçando garrações de vinho e embrulhos de comida para a jornada.

Eu dizia de mim para mim: os pescadores são de grande riqueza turística, caramba! (lamentava unicamente, que todos êles não fumassem de cachimbo nem tivessem o peito e os braços tatuados com âncoras ou corações a sangrar, porque assim seria muito mais «chic»...)

A literatura não se referia aos pescadores e a poesia cantava-os em versos mornos: falava em ondas, no doce murmúrio do mar manso, nos «homens humildes que abalam para o mar com um sorriso nos lábios e o nome da Virgem nos corações». E eu acreditava ser encantadora e fácil a vida dos pescadores.

*

* *

Agonizava a tarde e o céu estava encarvoado por nuvens pardacentas e carrancudas. Eu vagueava pela beira do rio, em Portimão. Súbito, aos meus ouvidos chegou o gemer estranho de uma toada estranha. Olhei. Que seria?... Nunca em minha vida tinha escutado cantar assim. Era uma música arrastada, queixosa, repetida, como o carpir das ondas e o barulhar do vento.

Aproximei-me. Um grupo de pescadores puxava a rêde, do cais para o barco, e ajudavam-se naquele brutal cansamento, entoando a magoada canção — nostálgica, dolorida, monótona e bárbara como as canções árabes.

Alé — alé -- arribólé

E o côro repetia como éco ou como vento:

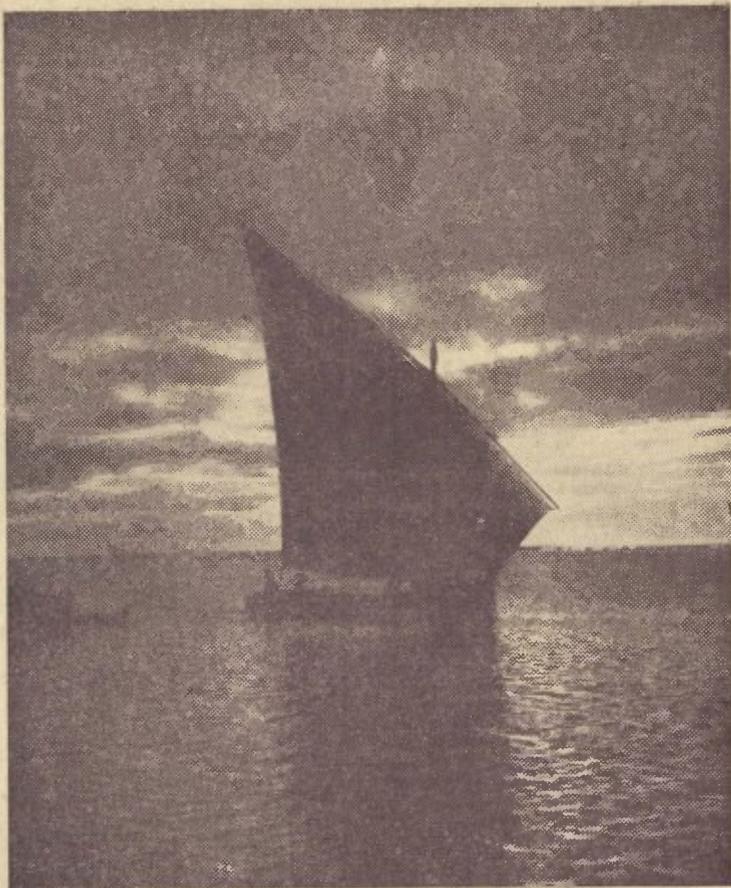
Arribólé — arribólé

A montanha de rêde ia passando, aos poucos e poucos, para o galeão. Retezavam-se músculos, peitos arfavam em respirações difíceis e irregulares, bagas de suor lucilavam nas testas e nos peitos tismados dos homens — mas a cantilena não cessava de ecoar como um incentivo ou como um chicote.

Arribólé — arribólé

Alé — alé — arribólé

E desde aí, depois de ter ouvido a «Faiana», os pescadores passaram a ter, para mim, um novo valor. Hoje sorrio tristemente para êsse rapazinho que eu fui...



A SAÛDADE DO MAR

*Qual de vós não senfiu ainda bem vibrante,
Oh corações do Sul, que adormenta o luar,
Quando vos encontrais do oceano distante,
Palpitar dentro em vós a Saüdade do Mar.*

*Oh mar! longe de ti, uma impressão amarga
Perturba os corações que ensinas a bater,
Porque onde te não vê a vista, não se alarga,
Nem pode abrir um vôo enorme p'ra correr.*

.....

JOÃO LÚCIO

O GLYCOL é um amigo certo

Casa Verde

FARO

TELEFONE 33

O mais importante
estabelecimento do sul
do País em fazendas
de lã, algodão e seda.

SORTIDO COMPLETO EM
MALHAS, LÃS EM FIO,
GRAVATARIA E CAMISARIA

Compras directas
ao fabricante

Estabelecimentos

CHELB

Novidades,
chapéus
e calçado

Modas e Confecções

RUA DO COMÉRCIO

OLHÃO

CAMISA

FAROL

A camisa que se impõe pela sua qualidade e preços
PREFERI SEMPRE AS MARCAS

POPULAR
ÚTIL
ECONÓMICA
IMPÉRIO
EXTRA

São creações do



VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

José da Trindade Coelho

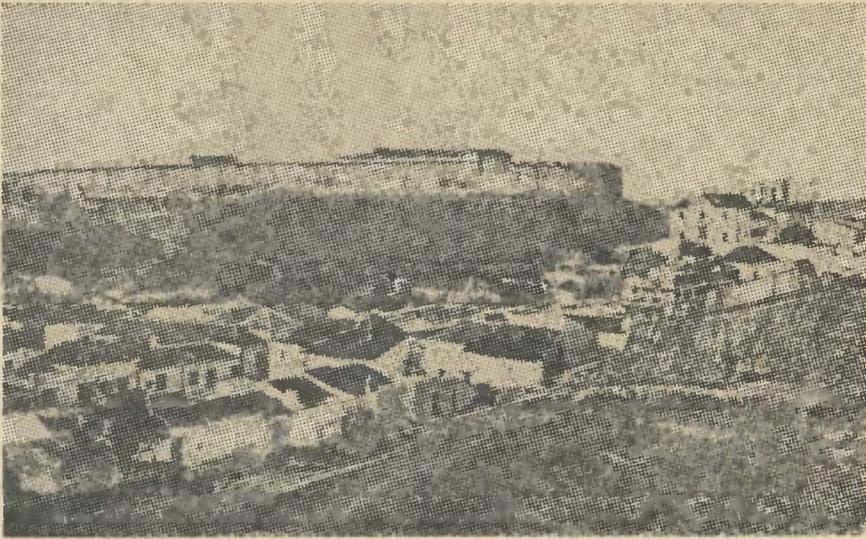
Estabelecimento de fazendas
de algodão, lãs e sêdas



Chapéus
Camisas
Gravatas

Telefone n.º 8

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Vista parcial do Castro Marim — Ao fundo, a velha fortaleza

IMPRESSÕES DE ALCOUTIM, CASTRO MARIM E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

POR JOSÉ BARÃO

A FLORANDO, borbulhante, numa bravia serra de Espanha, precipitando-se em cachoeiras ou deslizando suavemente entre fragedos umas vezes, outras espraçando-se em campinas, o Guadiana, o grande rio peninsular, vem finalmente lançar-se nas águas oceânicas no extremo barlavento do Algarve. Fertilizando lavouras de Espanha, suavizando com a sua frescura as terras marginais alentejanas, êle entra triunfalmente, apertado entre colinas, nos domínios que foram do velho reino do Algarve. E' a partir de então, até a sua junção com o mar, que o Guadiana nos interessa, considerando-o na sua parte algarvia, ou melhor, no seu curso por terras do Algarve. Despedindo-se do Alentejo por alturas de Pomarão, êle desce por entre serras serpenteando, fertilizando as suas margens e delimitando dois países — à direita o Algarve, da outra banda a Andaluzia. As margens oferecem um con-

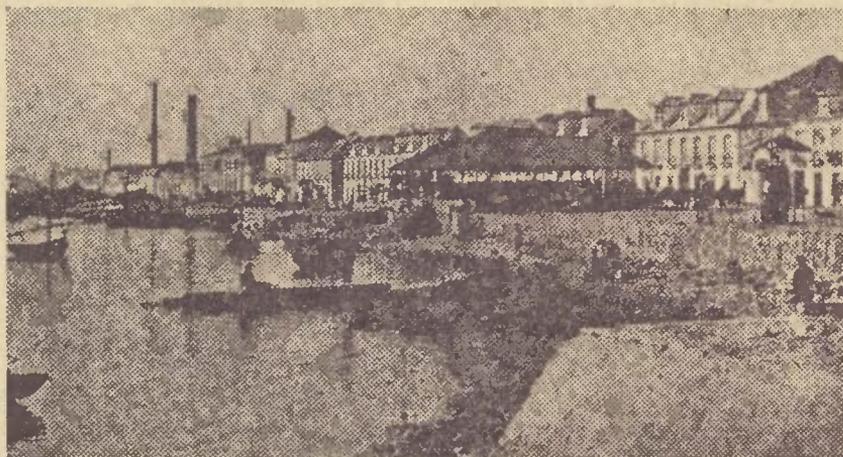
traste singular. Da nossa banda, os montes, de barro vermelho, desentranham-se em arvoredos ou escondem a sua epiderme terrosa num tapete verdejante de trigais. Da outra banda, a paisagem é mais triste. As árvores rareiam e por isso mesmo o pormenor da sua tortura — as pernas retorcidas, os galhos negros — é mais nítido do que da nossa banda, onde o número de espécies disfarça a eterna tortura do sobreiro e da azinheira. Os campos, que outrora, certamente, verdejaram como os nossos, hibernam ainda sob o manto áspero do matagal de estevas, tojos e carrascos...

Do nosso lado, os «montes» são frequentes: não há altura ou encosta que nos não mostre a casinha branca, quasi sempre vigiada por esguios eucaliptos, que preside a um trato de terra — pequenino reino de um «rei» serrenho.

E descendo o rio chega-se por fim à primeira terra importante da provincia — Alcoutim estirada numa colina que faz parte da cordilheira que vai de lés a lés do Algarve e que esmorece à beira do Oceano, depois de atingir o seu maior relêvo na Foia e na Picota — em Monchique.

Alcoutim, cabeça de um concelho agricolamente importante e no subsolo do qual há riquezas inexploradas, é terra muito antiga e dizem os historiadores que já existia no tempo dos romanos. Os sarracenos, que foram dali expulsos em 1240 por D. Sancho II, chamavam-lhe Alcatia. Do que foi uma das melhores fortalezas de Portugal resta hoje um monte de ruínas e uns paredões bronzados. No século passado ainda era considerada praça forte de segunda classe. D. Deniz, o soberano revolucionário, mandou-a povoar e reedificou o castelo e muralhas, pondo-a em condições de acalmar brios alheios danosos à segurança e prosperidade da gente algarvia. Mas o tempo, o desprêzo e a provada inutilidade das velhas obras militares, deixaram que se perdesse um documento interessante da arquitectura da Idade Média. Foi dentro das austeras muralhas de Alcoutim, vigiadas da outra banda do rio pelas ameias arrogantes de S. Lucar do Guadiana, que D. Fernando de Portugal e Henrique II de Castela, ajustaram pazes, em Março de 1371.

Deixando Alcoutim com as suas casinhas alvadias, que dão bem a nota do delírio branco do Algarve, descemos o rio cuja margem portuguesa, à medida que navegamos para a foz, nos aparece mais engalanada de arvoredos e de flores. Os «montes» são mais frequentes e aqui e além uns embarcadouros rústicos fazem-nos pressentir a aproximação de uma aldeia ou de algum insignificante lugarejo. E assim é — pequenas povoações vão desfilando por aí abaixo até que se avista ao longe o arcoaboiço pétreo do castelo de Castro Marim, velha praça de guerra desmantelada também e onde ocorreram alguns factos decisivos da história de Portugal. O castelo, um dos maiores do País, foi construído por D. Afonso III ou D. Denis e a povoação estava resguardada por uma forte cintura de muralha. Foi na pequena vila, hoje tão esquecida, que se fundou a Ordem de Cristo, depois transferida para Tomar. Faz precisamente agora 700 anos que a antiga

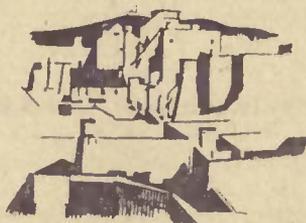


Um trecho de Vila Real de Santo António

vila foi conquistada aos mouros e entrou no património português. D. Afonso III mandou-a povoar e diversos reis concederam-lhe honrosas distinções. Foi também aqui, dentro das suas austeras muralhas levantadas com o suor de gerações para defender a Nação, que se verificou a desgraçada renúncia à soberania nacional. Em 7 de Julho de 1580, os três governadores do reino nomeados pelo cardeal D. Henrique tornaram público em Castro Marim a sentença que tinha sido assinada ali defronte, em Ayamonte, adjudicando a corôa de Portugal a Filipe II.

E pode considerar-se terminada a descida do Guadiana. Um pouco mais abaixo da planície arenosa, com as suas chaminés apontadas ao céu, estende-se Vila Real de Santo António, a mais nova das terras do Algarve que a vontade indômita do Marquês de Pombal ali mandou erguer não só como padrão de soberania mas também com a finalidade utilitária de criar um grande centro de pesca e de comércio no sul de Portugal.

E finda aqui, junto à muralha do maior pôrto algarvio, numa tarde soalheira de Inverno que pronuncia os primeiros eflúvios da Primavera, a excursão através das sinuosidades e belezas do Guadiana.



Soc. An. Angelo Parodi Fu Bmeo.

GENOVA (Itália)

Casa fundada em 1879

Conservas de peixe em azeite
e salmoura

Com fábricas em PORTUGAL:

Olhão e Vila Real de Santo
António (Sucursal)

ESPAÑA — ITÁLIA
MARROCOS — TUNÍSIA

TELEGRAMAS:

PARO — Genova

PARODI - V. Real de St.º António

Empr. Mercantil de Pesca, L. da

FÁBRICA DE CONSERVAS
DE PEIXE

MARCAS REGISTRADAS:

«CHARLESTON»

«RUBI» — «POLA»

Telefone: 127

Telegramas: EMPRÊSA MERCANTIL

PRAÇA JOÃO DE DEUS
(LARGO DA FEIRA)

OLHÃO

(PORTUGAL)

José Rasco Domingues

CONSERVAS
IMPORTAÇÃO & EXPORTAÇÃO

72, Rua Teófilo Braga, 74

Telefone 126

Enderêço telegráfico: JOSÉ RASCO

OLHÃO

(PORTUGAL)

O POVO ALGARVIO

Seus hábitos e suas predilecções

Continuação da pág. 71

havendo pontos onde mostra mesmo uma agudeza comercial. Os habitantes de sotavento, mais do que os de barlavento, emigram para qualquer parte do globo sem mesmo recear divergências de idioma.

Adaptam-se sem custo ao meio e pela sua diligência, chegam a ocupar lugares importantes, em diversos ramos de negócio no estrangeiro e nisto se distinguem especialmente os sambranzenses.

São muito eumprimentadores e gostam de agradar, mais aos estranhos, que aos conterrâneos.

Os habitantes do campo, e em especial os da serra, são pouco verbosos assim como os da classe culta, não succedendo o mesmo aos do litoral, o que deu origem a dizerem que todos os algarvios são muito faladores.

Os camponeses são tão dóceis que ao oferecerem alguma coisa, pedem sempre desculpa, por lhes parecer pouco, e apesar de serem muito soffredores, mantêm uma certa alegria que lhe é transmitida pela paisagem, sempre risonha. Na serra falta a alegria dos matizes variados da campina e essa monotonia de côr e dureza do terreno, refletem-se nos habitantes, que, sendo semelhantemente soffredores, apresentam um aspecto macambúcio e triste que se traduz até nas suas habitações escuras, onde a cal falta e a luz só entra pelos postigos da porta ou das janelas sem vidros. A timidez, nestes habitantes, por se sentirem de tal forma desprotegidos da sorte, vai ao ponto de se encherem de medo, logo que avistam qualquer autoridade.

O algarvio ineulto tem tendência para as côres escuras, principalmente para o preto, apesar de ter o céu mais lindo de Portugal e as diferentes tonalidades do campo. É muito activo, principalmente fora do meio onde nasceu. O do litoral tem um feitio impetuoso, falho de ordem e de método. É muito aventureiro e nos negócios procura sempre enriquecer depressa; detesta os meios termos. Gosta de aprender à sua própria custa e não sendo demasiado hospitaleiro, é contudo muito acolhedor e amigo de prestar esclarecimentos. Apesar disso, não se nota nele servilismo, mas um grande desejo de agradar às pessoas estranhas, que visitam a sua terra.

Os marítimos, quando endinheirados, gastam sem olhar a bagatelas. Não são poupados. Os industriais, de conservas de peixe, gostam de dar grande bem estar às famílias. Compram tudo o que é moderno e aparatoso.

Em todo o povo, a superstição ainda se faz sentir muito.

Os camponeses cultivam a terra com grande esmero e adoram o seu torrão natal como nenhum outro. Vão aos confins do mundo para ampliar a nesga de terreno que, os seus antepassados, lhes deixaram. Dos rochedos fazem jardins, gastando tôdas as economias e muito mais do que a terra virá a valer, só pelo amor ao torrão que os viu nascer. Preferem enterrar

dinheiro, no Algarve, desbravando penedos, a empregá-lo numa boa propriedade do Alentejo. A propriedade está muito dividida.

Os horizontes largos, que se disfrutam desde sotavento a barlavento, dão ao algarvio um espírito sonhador e de forte imaginação. É essencialmente amoroso e amigo do lar, o que o torna interesseiro, pensando sempre no bem da família, que estima acima de tudo. O clima, a paisagem, o Sol, o Mar, e o Céu sempre azuis, têm uma influência decisiva sobre a índole, o espírito amoroso dos algarvios. A mulher, para êle, não é uma escrava mas um ente que nasceu para o fazer feliz e por isso a trata com o maior carinho e respeito. A esposa é ouvida em todos os actos da sua vida, e, por vezes, os seus conselhos, são seguidos sem os mínimos comentários. A mulher do povo cheia de virtudes domésticas, ajuda o homem, não só na labuta diária do campo, como na vida comercial, em que substitui o marido, muitas vezes, mostrando o maior zêlo e apêgo ao desenvolvimento do negócio. Na economia e na limpeza da habitação, é duma diligência que verdadeiramente encanta. O cuidado que ela revela no arranjo do lar, traduz-se na alvura dos casais, que de paredes e até de telhados caiados, vibram de imaculada brancura debaixo dum céu azul, umas vezes sob os vigorosos raios de Sol, outras sob a doçura do luar, que, no Algarve, tem um não sei quê de inebriante. A alegria do lar revela-se, pela brancura da cal, como um grito imorredoiro que jamais se perde.

A noção de limpeza e arranjo, são fundamentais no espírito jovial da algarvia, que tem uma graça azougada a enchê-la de vida e encanto. Gosta de fazer pirraças, em que a malícia lhe dá maior engenho. A paisagem variada de côres e de luz rubra incendeia o azul do Céu, reflecte-se na alegria, no encanto que afflora aos lábios das raparigas e que ilumina os seus olhos escuros sonhadores.

As algarvias ambicionam um lar feliz nêsse torrão querido, em que as flôres das amendoeiras não deixam sentir a desolação dos campos no Inverno. Esta vida exterior, de côr e luz, reflecte-se nos habitantes do litoral que se agitam em permanentes gracejos e num garrulhar constante. A população é viva e corre-lhe no sangue a alegria da mocidade.

No litoral o carácter do algarvio é acentuadamente expansivo, alegre e vivo, mais no sotavento do que no barlavento, o que se traduz nitidamente, na sua música popular e tão conhecida «o corridinho», que define bem o seu espírito, na ânsia perpétua de movimento, que representa uma das necessidades mais imperiosas da sua vida. É raro encontrar-se um algarvio desocupado. Dedicar-se a todos os ramos de negócio e a maior parte da população, entrega-se à agricultura ou à vida marítima, desde a pesca costeira à do bacalhau na «Terra Nova». O peixe raramente falta no Algarve, devido à bravura e pertinácia dos seus pescadores, que, tôdas as tardes, ou pela noite fora, saiem para o mar, a-fim-de ganharem o pão de cada dia.

O Algarve apresenta uma superioridade, e bem nítida, de nupcialidade em relação à máxima do País, sendo talvez a maior da Europa. A média da família algarvia é ainda considerada mais elevada do que a média de Portugal, sendo a natalidade proporcionalmente superior a tôda a natalidade portuguesa. E facto interessante é verificar que dentre essa natalidade, o

número de filhos ilegítimos é mínimo em relação a outras províncias do País, facto êste que mostra a moralidade do povo algarvio. O excesso de natalidade é tanto maior quanto mais nos apróximamos do litoral.

Tanto o marítimo como o camponês sentem no casamento uma necessidade imperiosa da sua vida.

O povo algarvio exprime-se freqüentemente por comparações onde abundam imagens pitorescas e sensuais, dum sabor malicioso, que faz aflorar um sorriso aos lábios e que se traduz nos olhos que se semi-cerram. A voluptuosidade corre-lhe nas veias e apercebe-se no brilho dos olhos.

A psicologia do marítimo difere profundamente da do homem do campo e em especial da do serrano.

O marítimo tem uma fé religiosa mais sincera e menos aparatosa. As suas orações são filhas do perigo vindo nos elementos as forças divinas em tôda a sua amplitude quando a tempestade rugir. O serrano tem uma vida menos perigosa e de menor grandiosidade. Vive agarrado à terra como se fôra ela a única razão da sua existência. E' uma vida exclusivamente material. Os animais são por êle altamente considerados, por serem os auxiliares preciosos no amanho das suas terras.

Excerto dum trabalho do autor intitulado: "O povo Algarvio — o seu vestuário, o seu viver, as suas predilecções, o seu carácter, etc." que era destinado à Grande Monografia do Algarve organizada, em 1965, pela "Casa do Algarve", em Lisboa.

V.^A de JOSÉ MIGUEL PINTO, L.^{DA}
 IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

Palma e esparto em rama e obra
FRUTOS SECOS
LOULÉ - Portugal

Telefone 22
 Teleg. — "PINTOS"

COD. USD
 A. B. C. 5 th. e 6 th.
 Bentley's e Private



Bernardo de Passos

BERNARDO DE PASSOS

e o aspecto social
da sua poesia

PELO DR. VERGILIO A. PASSOS



poeta, lembrando a sua meninice, recorda a sua aldeia, S. Braz de Alportel, onde nasceu:

*«Como a urze das tuas serranias,
poeta aqui nasci, sem que o soubesse...
E aqui, — visão de estrêlas e de prece, —
vi meu primeiro amor, quando me vias!»*

Os seus primeiros versos fê-los quando tinha apenas nove anos, na Feiteira, a uma boeirinha.

No seu último livro póstumo, «Refúgio», mostra-se desiludido depois de muitos anos de luta por não encontrar a felicidade que tanto desejava para a Humanidade.

O poeta julga o amor do homem pelo seu semelhante, no «Caminheiro», uma miragem da sua alma, uma sombra que não pode alcançar.

Viu a maldade vencer, a injustiça mandar, a grandeza impor-se, almas a sangrar em mares de pranto e só o Bem não pode descobrir.

Cansado do Mundo e cansado de sonhar pede a fé que dantes tinha, a fé que ao partir lhe punha auroras no olhar! Pede à sua aldeia branca, à beira serra, que lhe dê a paz e o esquecimento, visto não lhe poder dar o amor que no Mundo não pode encontrar. No soneto « regresso » diz:

*• Minha aldeia, voltei! Avé Marias...
Teu crepúsculo de oiro até parece
que me canta, e me embala, e me adormece,
a florir a amargura dos meus dias »*

Recorda com saudade os cantos das aves, as fontes, os rios, as árvores, as serras e o amor da natureza por tudo o que nela há de perfeito e

belo, mas desiludido pela maldade dos homens e pelo sofrimento da humanidade que êle julgava atenuar-se em Portugal com o novo regime, refugia-se na sua aldeia, longe do Mundo :

*«Minha aldeia, voltei! — Anoiteceu...
Sôbre o meu coração, como num ninho,
estendes a asa d'ouro do teu Céu...»*

Após a implantação da República, Bernardo de Passos foi o primeiro administrador do concelho de Faro e Comissário de Polícia no Algarve.

A sua alma pura e duma bondade evangélica, não se adaptava ao rigor da justiça para castigar a maldade humana. Por isso, sucedeu algumas vezes, enquanto desempenhava êstes cargos, pagar dívidas de culpados, que tinham roubado para comer, a-fim-de os queixosos retirarem as suas queixas. O desejo de consolar a fome e dar confôrto à dor, são bem claros no «Grão de Trigo».

No soneto «O Muro» revolta-se contra as injustiças sociais cujos preconceitos fazem odiarem-se os homens para quem a natureza é pródiga, estendendo os seus frutos sem distinção de categorias ou graus de riqueza ou pobreza. Neste soneto, como em tôda a sua poesia, solidariza-se com tôda essa pobre gente que agonisa numa morte lenta olhando a abundância em sua volta :

*«Era um muro antigo, que se erguia»
Em quinta solarenga, que cercava.
.....
Pêla estrada, que o sol esbraseava,
Uma turba famélica seguia,
Que olhando o fruto na alta ramaria,
«Tinha êsse ar com que Cristo agonizava...»*

O fruto já maduro, desejoso de ser colhido, e, sofrendo por deixar passar as bôças sôfregas do seu aroma, consolando a fome, grita-lhes :

«Sou da fome; comei-me em liberdade...»

Mas o muro que representava a autoridade, zelando pelas convenções sociais, afasta a turba chamando-lhes «Ladrões».

E... a turba famélica segue, vendo trigais e pomares, em sua volta, sem ter um abrigo, o mais pequeno affecto que diminua os seus sofrimentos e lhe mate a fome. Este soneto termina, mostrando que a desmedida ambição dos ricos escraviza o resto da Humanidade, fazendo nascer ódios e vinganças :

*«Este muro oprimindo a Natureza,
E' quem oprime aí tôda a Verdade,
Todo o Amor, separando os corações!»*

A obra de Bernardo de Passos, tem um aspecto universal e não um aspecto de puro lirismo acanhado e piogas; a sua alma voa desde a ternura duma árvore, muito velhinha e aos nós, pelos passarinhos que estão no ninho, ao sofrimento do nú mendigo, cheio de fome.



PRODUZIR E POUPAR



Princípios a que todos devem obedecer neste momento :

Cultivar e adubar com cuidado, aproveitando ao máximo tôdas as parcelas de terreno.

Semear, em devido tempo, pastos para alimentação de gado ; as sementes que dão melhor rendimento são as seguintes : azevem do Norte, bersim, beterrabas, erva do Sudão, gazão, girassol, luzerna, tojos, serradela e sôrgos.

Plantar batatas duas ou três vezes no ano ; é um grande alimento e substitui muitas vezes o pão.

Semear ervilhas, favas, feijões, grão de bico e tôdas as variedades de hortaliças. As principais são : agriões, alfaces, alhos, cebôlas, cenouras, couves de fôlhas, de grêlos, de repolho, lombardas, tronchudas, espinafres, melancias, melões, nabos, pepinos, tomates, etc.

No Outono pode efectuar-se, a par das sementeiras de trigo e centeio, as de pastos, nabos, favas e ervilhas que produzem alimento magnífico para pessoas e animais, durante as estações de Inverno e seguintes.

Nos terrenos de regadio e nas hortas podem efectuar-se, associada e continuamente, sementeiras de tôdas as variedades de hortaliças e legumes.

As casas de sementes que anunciam neste Almanaque distribuem, gratuitamente folhetos com indicações sôbre sementeiras, épocas de semear, etc.

Obedecendo ao que fica exposto, tereis cumprido um dever de solidariedade humana.



ENTARDECER

VERSOS DE BERNARDO DE PASSOS

*Vem amar! Vem viver! Depressa; a vida é breve!
 A vida dura um ai e é como uma espuma leve
 que, sôbre a onda inquieta, um momento brilhou!
 Vem amar! Vem sentir dois corações num só!
 Vem haurir êste mel de infinita doçura
 que há no coração de quem sofre e procura
 a doce paz do sonho e a embriaguez do amor!
 Há na vida uma aurora, e também um sol-pôr,
 e na minha começa, agora, a florecer
 uma tarde radiosa, um áureo entardecer,
 cuja luz é mais bela, ó Santa! O' Bem-Amada!
 do que o róseo esplendor da mais bela alvorada!
 Vem! E' a hora suave em que um crepúsculo de oiro
 nos corações acende um sonho imorredoiro!
 Em que a saúde põe, nas almas e nas cousas,
 uma névoa de encanto e um perfume de rosas!
 Em que há no coração um lindo Outono em flor!
 Em que um beijo é mais doce, e em que se ama melhor!
 E' a hora em que a vida é cheia de harmonias
 como se um sino em nós vibrasse Avé-Marias
 e sôbre a nossa fronte adejassem, cantando,
 tôdas brancas de Sol, pombas mansas, em bando!
 Não tardes, vem amar! Cada instante que corre
 é um céu que se perde, é um anseio que morre;
 é um sonho encantado a esfolhar-se em botão,
 e para o qual é o berço, e tûm'lo, o coração!
 Vem sentir o que há de misterioso e belo,
 Vem anseada eclosão do meu ardente anelo;
 e num beijo, o dulçor de mil beijos alados,
 — do beijo que se frue, e dos beijos sonhados!
 Vem!... No mundo onde tudo, excepto o amor, é pó,
 triste do que não ama, ou nunca um dia amou!
 Não tardes, meu amor! Não tardes, que me cansas!
 Vem sonhar junto a mim neste jardim de Esp'ranças!
 Vem doirar-te da luz deste imenso horizonte,
 onde estrêlas em flor te hão-de aureolar a fronte!
 Onde te há-de envolver, quando a noite chegar,
 o divino clarão dum eterno luar!*

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardências na pele.

À venda em tôdas as farmácias
e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

Rua da Prata, 237

LISBOA



JOGAR NO FELIZ

QUIOSQUE TIVOLI

é ter a certeza de ser sempre contemplado

Em 9 anos de existência
O QUIOSQUE TIVOLI
distribuiu, por Portugal inteiro,
uma verdadeira fortuna, ou sejam
31.024.050\$00, importância total
de prémios grandes vendidos pelo
Quiosque Tivoli e suas sucursais.
Atenção: No próprio dia da
extração ou em qualquer outro dia,
até à meia-noite, rebate-se todo o
jôgo, sem qualquer desconto.

Aceitam-se agentes em
tôdas as localidades onde
não esteja representado.

•
Grandes descontos
aos Revendedores.

•
Façam os seus pedidos ao
QUIOSQUE TIVOLI

171, Rua da Prata, 171

LISBOA

S. BRAZ DE ALPORTEL

TERRA DO POETA BERNARDO DE PASSOS



QUEM desejar conhecer S. Braz deve subir à «Pousada». Daí, olhando em volta, sente a grandeza da paisagem que se perde num longinquo círculo polvilhado de casinhas brancas, dispersas por entre a verdura dos campos, em amontoados como as flores das amendoeiras.

A vila, a seus pés, é uma grande amendoeira em flor e os sítios outras mais pequenas que a rodeiam, enchendo o terreno entre elas das pétalas que o vento dispersou.

Para o viajante que venha do Alentejo, S. Braz, é como uma fonte no meio do descampado em que a sua alma bebe a água abençoada dessa nascente deliciosa. As pérolas dispersas dum colar no tufo verde da paisagem não teriam maior beleza que o brilho das suas pequenas casas brancas como o jaspe. A alma do visitante ali sente a imensidade e no cismar profundo esquece-se de lutas, ambições e vaidades que dilaceram o mundo.

Foi neste cenário de beleza que nasceu Bernardo de Passos, astro de primeira grandeza duma família de artistas. Seu pai, também poeta e colaborador de vários jornais da época, viu realizada a sublimação de cultivador das musas no altíssimo poeta que foi seu filho e que deixou ao País uma herança imorredora — os seus versos cheios de elevados pensamentos de beleza e bondade.

A família do Poeta não querendo usufruir os bens que lhe ficaram, pela sua morte, pensou erguer-lhe um monumento que guardasse os seus restos mortais e perpetuasse, através dos tempos, a sua alma pura, pairando num plano superior à da vulgaridade. A sua irmã, D. Virginia



Dr. Vergilio A. Passos
autor do projecto do jazigo-monumento de Bernardo de Passos

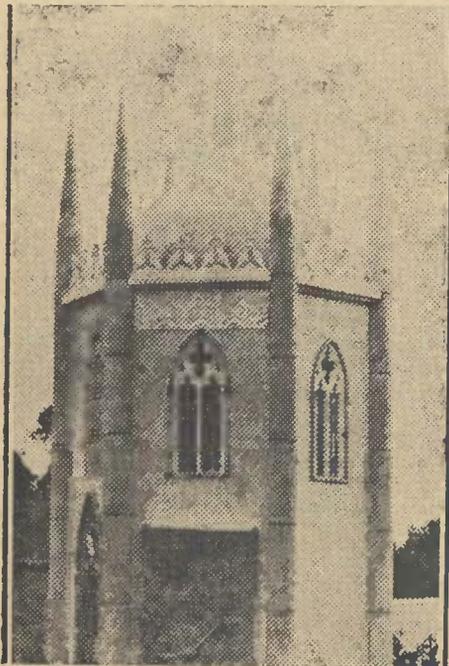
de Passos, foi a maior entusiasta de tal ideia; o sobrinho Dr. Vergílio Artur de Passos, o autor do projecto do monumento que hoje se levanta quasi imaterial, pela sua leveza, resplandecente de luz com as 5 grandes janelas ogivais cobertas de vitrais, erguido ao céu como prece duma alma virgem que se desprende da terra e se evola nos seus pináculos que sobem a doze metros, avistando-se de tôda a vila.

Além da sua concepção arrojada, pois ocupa uma área de cêrca de dezasseis metros quadrados, êste monumento tem a embelezá-lo dois grandes paineis, alusivos a poesias do poeta, esculturas da autoria dos seus sobrinhos Joaquim de Passos e Dr. Angelo de Passos, filhos da escultora D. Rosalina de Passos. Interiormente a urna do poeta assenta sobre o «Pegaso», cavalo alado, de surpreendente beleza, da autoria de Joaquim de Passos, que soube inculir-lhe, além da perfeição técnica da modelação, um sentimento imponente de tristeza. Bustos do Poeta, de seu irmão, o vigoroso prosador Boaventura de Passos e bustos dos seus pais, feitos pela grande escultora D. Rosalina de Passos, irmã do imortal lírico, completam o ambiente artístico do jazigo-monumento que se ergue na ridente vila de S. Braz.

Vários escritores, entre êles Julião Quintinha e Hugo Rocha, têm apelidado a família Passos de família de artistas e, de facto, o título jus-

tifica-se, pois além do Poeta autor do «Adeus», «Grão de Trigo», «Arvore e o Ninho» e «Refúgio» há o prosador admirável da «Aldeia em Festa» Boaventura de Passos; D. Rosalina de Passos, a única escultora algarvia com o seu vasto santuário de arte, das poucas escultoras portuguesas, que há pouco expuseram na 1.ª Exposição Feminina de Artes Plásticas na Sociedade Nacional de Belas Artes; D. Virginia de Passos, pintora e decoradora admirável que tem uma vasta obra de quadros a ornamentar-lhe as paredes da sua casa como se de um museu se tratasse; Henrique José de Passos, filho de Boaventura de Passos, é um desenhador de mérito como seu pai.

Pertencem à mesma família o talentoso escritor Dr. José Dias Sancho, que a morte tão cedo arrebatou, e o grande desenhador e ilustre crítico de cinema Roberto Nobre e seu



Jazigo-Monumento, em S. Braz de Alportel, onde repousam os restos mortais do poeta Bernardo de Passos

irmão Dr. João Dias Nobre, compositor bastante conhecido no meio teatral lisboeta.

Bernardo de Passos amou profundamente S. Braz, terra que o viu nascer :

*«Minha aldeia, voltei! Avé Marias...
Como a urze das tuas serranias,
poeta aqui nasci, sem que o soubesse...»*

E adiante :

*«Minha aldeia, voltei, Anoi-teceu...
Sôbre o meu coração, como um ninho,
estendes a asa d'oi-ro do teu céu...
E êle dorme e sorri, — o abandonado! —
Como dorme e sorri um passarinho,
sob a asa da mãe, agasalhado...»*

O Poeta, vendo as suas ilusões desfeitas, julga-se como folha morta dum Outono :

*«Nêstes ermos, ouvindo a voz das fontes,
de humildes alegrias fui pastor.
Meus rebanhos guardava com amor,
contemplando os longínquos horisontes...
— junto a vós semeei sonhos em flor,
que vestiram de rosas êstes montes...
Mas tudo, — riso e sonhos, — me levaram...
Perdi meu gado; meus jardins secaram,
— já nêles não há rosas, nem alfombras!»*

O Poeta, sentindo correr no sangue a juventude duma manhã de Primavera, conta-nos a glória da natureza no acordar dum bosque :

*«Contemplo-te... És um bosque anoitecido,
— bosque de rosas que uma noite embala...
Por entre as rendas trémulas, de opala,
ê o teu seio um cisne adormecido...
Mas foge a noite... Ê dia! — Amanhecido,
teu riso acorda, e acorda a tua fala,
Bosque em flor, acordou-te a madrugada!»*

Bernardo de Passos que faleceu, em Faro, a 2 de Junho de 1930, nasceu em S. Braz de Alportel a 29 de Outubro de 1876. Era filho de Bernardo Rodrigues de Passos e D. Maria Joaquina Dias de Passos.

Cêdo começou a escrever nos jornais, usando, geralmente, o pseudónimo de Braz Brazil ou Passos Junior.

Pugnou com paixão pela República e foi após a implantação do novo regime o primeiro administrador do Concelho de Faro e Comissário de Polícia no Algarve. Nomeado, depois, Chefe da Secretaria da Câmara de Faro, desempenhou êste lugar até aos últimos dias de vida.

J. FLORENTINO TOPA

CONSERVAS DE PEIXE



Materials para as
indústrias de
pesca e conserva



Seguros em todos os ramos



Telefone 150 ————— OLHÃO

**JOSÉ
TOMÁS
DA
GRAÇA**

FERRAGENS, DROGAS E TINTAS

Agente das tintas

D U L U X

Sub-Agente das tintas

**BERKLEY E
SPREEDSPRAY**

Rua do Comércio, 138 a 142

Telefone 67 ————— OLHÃO

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de fa-
rinhas espoadas e ramas



Panificação mecânica



Os produtos das fábricas
J. A. Pacheco têm a garan-
tia de esmerada fabricação



Telefone 13 ————— TAVIRA

Espingardaria

ALGARVE

Importação directa



Especialidade em
espingardas de luxo



José Viegas Mausinho



Telefone 40 ————— TAVIRA



Um algarvio, de 12 anos de idade, que quer ser um grande homem



ESTE algarvio, de olhos brilhantes, doze anos apenas, expressão gaiata, que faz sorrir sem querer, muito cedo começou a sentar-se nos bancos da escola, obtendo nos exames as mais altas classificações. Os livros absorvem-no tanto, que não pode viver sem eles. Pode dizer-se que apenas vive para o estudo, pensando, talvez, como os homens, que a vida, sempre tranquila ou sempre intensa, lago de águas mortas ou torrente impetuosa, é qualquer coisa de grande e de sublime. É natural de Faro e já frequenta o liceu, com excelentes resultados.

Alvaro Delfim—êste é o seu nome—é filho de pessoas muito conceituadas na capital do Algarve, e promete vir a ser, no futuro, um grande homem. Na gravura que publicamos, a ilustrar estas linhas, vê-mo-lo de samarra, sorridente, enfrentando a objectiva, ao lado de «RAF», um lindo «lobo de Alsácia», pertencente ao distinto escritor e jornalista argentino Sr. Luc Ximenes, individualidade ilustre que há dez anos vive em Portugal.

Alvaro Delfim, a-pesar-da sua pouca idade, honra a província do Algarve. É, com efeito, um homensinho decidido, cheio de vida, com vontade de ferro, rico de inteligência, que já olha os horizontes, já sonha, já pensa em grandes feitos...



Um formoso trecho da cidade de Lagos

O ALGARVE VISTO POR ALGUNS ESCRITORES E JORNALISTAS

O pendor austral das serras do Algarve e a tacha ou tapete de jardins sôbre que pousa a sua base o trono desses montes, formam uma última e como que excepcional província geográfica. — *Oliveira Martins* («História de Portugal»).

PARA quem, como eu, se orgulha de ter nascido no Algarve, é sempre um motivo de desvanecimento poder exaltar as glórias da sua província — Héllade doirada de vinhedos e beijada pelo mar, a que nem mesmo falta a voz sagrada dos poetas. — *Júlio Dantas* («In Memoriam» de João Lúcio, 1921).

TERRA da amendoeira e das figueiras anãs; das serras lavradas como jardins; das praias rochosas como montanhas; terra dos vinhedos e dos laranjais; terra de guerreiros e navegantes; terra de moiras encantadas e de poetas encantadores: paraíso de Portugal, como lhe chama um historiador dos árabes! — *Ruy Chianca* (Trecho duma conferência pronunciada no Brasil em 1925).

DIVERSÃO deliciosa, uma das mais aprazíveis no Algarve, é um passeio fluvial até ao Cabo de Santa Maria em tarde de verão, ou ainda melhor pela manhã em um destes meigos dias de avançado Outono, que são uma das mais primorosas dádivas de que tão prodíga foi a natureza para esta privilegiada região. — *Júlio Lourenço Pinto* («O Algarve», 1894).

O Algarve florido é qualquer coisa de infinitamente sedutor, para que em meia dúzia de linhas se possa dar uma ideia exacta de tão grande maravilha. — *Adelino Mendes* (Trecho da conferência «A Terra Portuguesa»).

NÃO há luz mais amorosa, fluida, húmida, vibrante e pincelante que essa que cai do céu algarvio, monte-gordino, nas manhãs plácidas, duma tão vasta pureza opalina, em que o íodo nos entra no peito, às golfadas, como os hinos a Dionisio, na apagada mudez do santuário! — *Joaquim Manso* («Diário de Lisboa», 1931).

SE não fosse alentejano, desejava ser algarvio; mas consola-me o facto de ter nascido perto daqui, a curta distância da convencional fronteira entre as duas províncias, porque o Algarve, para nós, homens do Alentejo, é uma varanda corrida, ornada das mais lindas flôres, em que a gente se debruça para ver o Mar. — *Brito Camacho* («Jornadas», 1927).

TODAS as palavras entusiásticas proferidas por poetas inspirados pela nossa paisagem, tôdas as apreciações do encanto sentido no privilegiado rincão português são mesquinhas quando nelas se quer adivinhar o Algarve, êsse magestoso cenário das mais variegadas côres que se sucedem e deixam na nossa retina a sua super-abundância de matizes e de efeitos de luz. — *Geraldino Brites* («Clima do Algarve — O Inverno», 1916).



Uma caprichosa gruta duma praia do Algarve

RAMIREZ & C.^A, LIMITADA

E

RAMIREZ & C.^A (FILHOS), LIMITADA

SUCESORES DE S. RAMIREZ

CASA FUNDADA EM 1863

Rua Augusta, 27-2.º — LISBOA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Fábricas de Conservas de Sardinhas, Atum e Cavala
em Azeite de Oliveira e Tomate

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO / OLHÃO
SETÚBAL E MATOZINHOS



Recompensas obtidas :

Grand-Prix — Londres, 1904 — Panamá

Pacific, 1915 — Rio de Janeiro, 1922

Sevilha, 1929 — Lisboa, 1932

MEDALHAS DE OURO

Saint Louis, 1904 — Rio de Janeiro, 1908

Lisboa, 1888 — Pôrto, 1903

MARCAS REGISTRADAS :

«S. RAMIREZ», «NON PLUS ULTRA», «COCAGNE»,
«LES SUBLIMES», «GABRIEL BRANB»



Um campo de amendoeiras em flor

GRÉMIO DOS EXPORTADORES DE FRUTOS E PRODUTOS HORTÍCOLAS DO ALGARVE

ORGANISMO CORPORATIVO CRIADO PELO DECRETO N.º 23791



provincia do Algarve, no extremo sul de Portugal, é uma região de clima privilegiado, onde o Inverno decorre tédido e suave, sem grandes oscilações de temperatura.

Banhada ao sul e poente pelo Oceano Atlântico, tódta a sua costa é um rendilhado caprichoso de rochas vermelhas, a cujos pés se estendem numerosas praias de areia fina e de mar calmo e bonançoso, destacando-se entre elas a Praia da Rocha, onde numerosas famílias procuram, até no Inverno, a amenidade do seu clima e as carícias dum Sol maravilhoso.

Os campos do Algarve, matizados de tódta a gama do verde — o verde escuro das alfarrobeiras e das oliveiras, o verde vibrante das figueiras e o verde claro das amendoeiras — e pintalgados de casinhas muito brancas oferecem à vista um espectáculo de rara beleza. Esta atinge o seu auge quando, em Janeiro e Fevereiro, as amendoeiras se revestem de flôres brancas ou rosas, estendendo por sôbre os campos um manto da mais encantadora fantasia, espectáculo que, nessa época, chama ao Algarve muitos turistas. E' neste quadro, que vai desde as margens do rio Guadiana, nossa fronteira com a Espanha, até ao cenário grandioso de Sagres, onde o Infante D. Henrique, Príncipe dos Descobrimentos, estudou e executou o plano das viagens que levaram as caravelas de Portugal às cinco partes do Mundo, que crescem e se desenvolvem as árvores de fruto, base da riqueza do Algarve, proporcionando uma produção considerável de amêndoas, figos e alfarrobas, cujo valor de exportação constitue um apreciável factor no plano económico de Portugal.

As amêndoas do Algarve, quer as que são exportadas em casca, denominadas «côcas», quer as que saem do país já sem miolo, poderão não ser as mais uniformes em tamanho, mas são, sem contestação séria, as mais saborosas do Mundo. Em todos os mercados estrangeiros êste facto está largamente comprovado.

O mesmo se dá com os figos, de delicioso sabor e de incomparável macieza, que hoje se apresentam em cuidadas e atraentes embalagens de fantasia.

Devido à nova Organização Corporativa do Estado, existe em Portugal uma entidade oficial de coordenação económica, a Junta Nacional de Frutas, à qual cabe a importante missão de fiscalizar e verificar o estado e qualidades dos frutos, sua calibragem, etc., que só podem ser exportadas depois dum exame meticoloso e mediante a sua autorização. Em colaboração com a Junta Nacional de Frutas, cabe ao Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve a disciplina e orientação do comércio de exportação de frutos da província, exercendo uma rigorosa acção de «controle» sôbre as firmas que o compõem, as quais têm obrigatoriamente que estar inscritas no Grémio para que possam exercer êsse comércio.

Publicamos a seguir a lista geral dessas firmas :

A. Briz Garcia & C. ^a — Av. 24 de Julho, 13-1. ^o	Lisboa
A. Teixeira Gomes	Portimão
Adriano Baptista dos Santos	Tavira
Agostinho Gonçalves	Boliqueime
Alvaro Pinto & C. ^a L. ^{da} — R. Arameiros, 11-2. ^o D.	Lisboa
Antonio Alvoeiro & C. ^a — Calçada do Combro, 28	Lisboa
Antonio Carvalho Rocha Mascarenhas — Rua Vi- riato, 6	Lisboa
Antonio Duarte	Montes d'Alvôr
Antonio José Sequeira	Silves
Antonio Luiz	Portimão
Antonio Martins Roque	Faro
Antonio Neves Pires	Faro
Antonio Taquelim da Cruz	Portimão
Araujo Sanchez & C. ^a — Calçada do Cardal, 1	Lisboa
Bastos, Fernandes & Magalhães, L. ^{da} — Travessa Fernandes Tomaz, 108	Porto
Benito & Benito (Irmãos) — Av. 24 de Julho, 78	Lisboa
C. A. Rodrigues — R. dos Luziadas, 64-1. ^o Dt. ^o	Lisboa
Cipriano Sanchez & C. ^a — R. da Padaria, 15-1. ^o	Lisboa
Empreza Algarvia Exportadora	Faro
Empreza Comercial A. J. Cabrita	Albufeira
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho — Rua Garrett, 13	Lisboa
Federação dos Sindicatos Agrícolas do Algarve	Faro
Francisco Benito & C. ^a L. ^{da} — R. Douradores, 88	Lisboa

Francisco Correia Modesto Junior	Albufeira
Francisco Joaquim Bota	Loulé
Francisco Marreiros Leite	Algôz
Francisco Martins Pereira	Tavira
Francisco de Sousa Ramos Junior	Albufeira
Grémio da Lavoura de Lagos	Lagos
Henrique Barbosa & C. ^a — R. da Prata, 81-3.º	Lisboa
Herdeiros de Frederico Ramirez	Vila Real S. ^{to} Antonio
J. F. Guerreiro, Sucessores, L. ^{da}	Faro
J. Garcia, L. ^{da} — Calçada do Combro, 30	Lisboa
J. Sanchez Hernandez — Arco Escuro, 17-2.º	Lisboa
João Baptista Brito	Vila Real S. ^{to} Antonio
João Bernardino Pires	Vila Real S. ^{to} Antonio
João da Costa	Olhão
João Marques Martins	Portimão
João Martins Trindade	Lagos
João Mascarenhas de Mendonça	Moncarapacho
João da Silva Francês	Lagôa
Joaquim Correia Mascarenhas	Messines
Joaquim Guerreiro Dionisio	Loulé
Joaquim do Nascimento Rocha Junior	Tavira
Joaquim Soares Franco — R. de S. Paulo, 100-1.º	Lisboa
José de Brito da Mana	Loulé
José Ferreira Botelho & C. ^a L. ^{da} — Rua Jardim do Tabaco, 31	Lisboa
José Mendes Rosa	Loulé
José Pedro Algarvio & Filho	Loulé
Luiz Gonçalves Nunes	Portimão
M. Rocha & C. ^a — R. dos Sapateiros, 54-2.º	Lisboa
M. Saldanha & C. ^a L. ^{da} — R. Augusta, 177-1.º E.	Lisboa
Manuel Guerreiro Cecília	Vale Judeu-Loulé
Manuel Guerreiro Pereira	Loulé
Manuel Vieira Cabrita	Tavagueira-Guia
Marques Pinto & C. ^a L. ^{da}	Albufeira
Máximo Teixeira Faria Alboim	Albufeira
Nunes (Irmãos), L. ^{da}	Alte
Pedro Bento d'Azevedo, Sucessores, L. ^{da}	Portimão
Severo Ramos, L. ^{da}	Portimão
Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca	Faro
Sociedade Peninsular de Importação e Exporta- ção L. ^{da}	Portimão
Sociedade Reguengo, Boina & Arge, L. ^{da}	Faro
Sociedade Zickermann — Rocio, 3	Lisboa
Sousa & Brito da Mana, L. ^{da}	Faro
União dos Exportadores do Sul	Faro
Victor Guedes & C. ^a — R. dos Remolares, 7-1.º	Lisboa
Vieira & Cristina, L. ^{da}	Tavagueira-Guia
Viuva de José Miguel Pinto, L. ^{da}	Loulé

ARMAZÉM DE FAZENDAS
MATOS & C.^{IA}, L.^{DA}

Séde: _____

Rua Candido dos Reis

Telefone: 3689

Sucursal: _____

Av. da Republica, 402

Telefone: 3798

VILA NOVA DE GAIA



Contribuí para a vossa economia, comprando no nosso armazém. Somos os únicos intermediários entre as fábricas e os consumidores, razão porque **ninguém pode igualar os nossos preços**. Os nossos sortidos são feitos nas principais fábricas do País.

Especialidade em todos os tecidos de Lã, Algodão e Seda; Colchas, Cobertores, Atoalhados, Meias e Peugas.

As mais lindas novidades em tecidos finos para vestidos de senhora.

CASIMIRAS: as melhores qualidades nas mais finas côres.

A's Ex.^{mas} Noivas recomendamos para o seu ENXOVAL as magníficas qualidades dos nossos panos famílias para lençóis e abretanhados finos.

Na impossibilidade de nos visitarem -- Peçam amostras

RAMOS & MATEUS

O maior sor-
tido de tôda
a Província

OURIVESARIA

JOALHARIA

e

RELOJOARIA

Exclusivo das
principais mar-
cas de relógios

“RÁDIO PHILIPS”

Material eléctrico e artigos fotográficos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

António dos Santos Rita

FÁBRICA DE CONSERVAS
DE PEIXE EM SALMOURA

TELEGRAMAS:
ANTÓNIO RITA

TELEFONE 83

RUA CÂNDIDO DOS REIS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



— Porque está ela pensativa?

— Ora, porque não sabe onde encontrar meias de confiança. Mas tem uma solução. Basta ir ao **Rei das Meias**, Largo da Abegoaria, 32, Lisboa.

GALERIA DE ARTE

Conhecida por possuir a melhor colecção de tecidos de ESTOFOS do País, líquida com abatimentos que vão até 50% alguns fins de série, cuja fabricação não se pode continuar devido às actuais circunstâncias internacionais

RUA NOVA DA TRINDADE, 3-A

Telefone 2 9680

LISBOA



ESTANCIAS DE PORTUGAL

ESTORIL

COSTA DO SOL

ESTORIL é, simultaneamente, uma das mais admiráveis estâncias de prazer e repouso.

Possui uma estância hidrológica de água mineral, quente (natural) de belos resultados no tratamento de doenças do aparelho circulatório e do digestivo, do reumatismo, da gôta, etc, havendo também instalações de tratamentos fisioterápicos, laboratório de análises clínicas, bem como uma bela piscina de natação, com água tépida.

O Estoril possui também um amplo e luxuoso Casino donde se avista um esplêndido panorama. Tem salas próprias para festas e exposições, teatro, cinema e jogos regulamentados.

Junto à praia, que é freqüentada na época balnear por milhares de pessoas, está situado o Tamariz, a mais bela esplanada da Costa do Sol, com um óptimo serviço de restaurante e bar.

O parque do Estoril, situado em frente da Estação, é um dos mais aprazíveis recintos para passear, graças às suas alamedas e à exuberante e variada flora que as guarnece.

O Estoril é, pois, uma estância privilegiada para uma estadia de recreio, ou para uma cura de repouso em clima ameno, tanto durante o Verão como no Inverno.

E, de entre as facilidades de viagem para os leitores, basta lembrar que toda a região da Costa do Sol onde fica situado o Estoril, é servida por um esplêndido serviço de combóios eléctricos, que partem da estação do Cais de Sodré (Lisboa) e que fazem o percurso em cerca de meia hora, sendo também um soberbo passeio de automóvel, pela estrada marginal.

O GLYCOL torna a pele encantadora

**Senhores
Lavradores**



**Conservas
"LA ROSE"**

Quereis melhorar os vossos exemplares e obter um maior rendimento:

Alimentai o vosso gado com

FARINHA DE PEIXE

Uma pequena quantidade adicionada ao alimento geral produz os mais surpreendentes resultados.

Peçom preços e indicações aos fabricantes

**Feu Hermanos
PORTIMÃO**

Não tendes uma provisão de conservas de sardinha, atum, filletes de cavala e anchovas na vossa despensa ?

Escrevei aos depositários em Lisboa: *Vilarinho & Ricardo L.da* — *Rua da Prata, 230*

Fabricantes

**Feu Hermanos
PORTIMÃO**

Empreza Fabril do Algarve, L.^{da}



FÁBRICA DE MOSAICOS

REPRESENTANTES NO ALGARVE DO CIMENTO «LIZ»

Telefone 41

F A R O

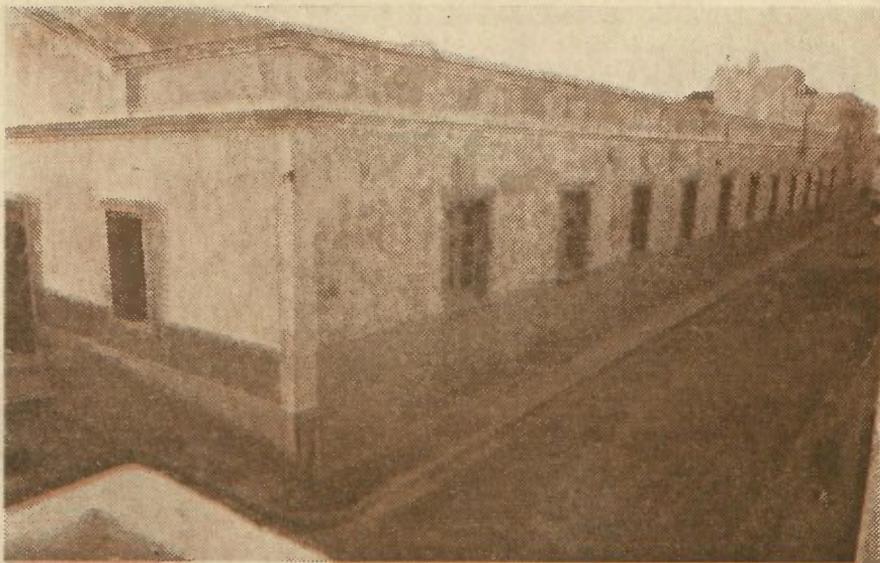
OLHÃO INDUSTRIAL



José Henrique Botelho

A actividade progressiva
do sr. José Henrique Botelho

ACOMPANHANDO a cada passo os progressos da indústria de carpintaria mecânica e civil, o conhecido industrial olhanense sr. José Henrique Botelho tem magníficas condições para engrandecer esta actividade: estão as suas novas oficinas montadas com todos os requisitos modernos, sendo dignas de referências as suas modelares instalações num amplo edifício onde possui oficinas manuais e mecânicas, tôdas apetrechadas com maquinismos de primeira ordem e ocupando pessoal habilitadíssimo, que realiza, com incomparável esmero, sob a sua



*Aspecto da fachada do edificio das novas instalações da Carpintaria
de José Henrique Botelho*

Antes de efectuar qualquer seguro consulte a Companhia Europêa de Seguros



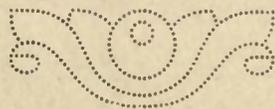
Um trecho da fachada, conformando para as ruas da Liberdade e de António José de Almeida.

inteligente direcção, todos os trabalhos de carpintaria, tanoaria, pintura e ferraria, podendo afirmar-se que, neste género, é o primeiro estabelecimento industrial da especialidade existente na província do Algarve. Todos os seus trabalhos são os mais perfeitos, concorrendo em execução com as casas congéneres.

Timbrando na correcção com que trata todos os seus negócios, e industrial exímio na verdadeira acepção da palavra, o sr. José Henrique Botelho tem conquistado para a sua casa, através dum constante esforço progressivo, um bom nome que honra e dignifica o trabalho nacional e lhe granjeia as simpatias gerais. Tudo ali é feito com o melhor sentido artístico e industrial e com o mais completo cuidado, olhando-se sempre aos interesses dos clientes.

A iniciativa do sr. José Henrique Botelho, é, na verdade, notável. Ele merece bem estas referências pelo seu arrojo industrial, pela sua vontade de valorizar Olhão, de servir a economia do país, e ainda pelo seu trabalho dignificante e patriota.

Basta visitar as modernas instalações das suas oficinas para se verificar quanta verdade encerram estas palavras.



*Uma vista das oficinas.
Ao fundo:
o escritório.*



LOUÇA DE
ALUMÍNIO

...a mais higiénica

LOUÇA DE
ALUMÍNIO

“**TREVO**”

...A MELHOR

À venda em tôdas as boas casas

A ALUMÍNIA, L.^{DA}

Fundada em 1902

Rua da Pasteleira, 219

Telefone: Foz 21 — PORTO

**VERGILIO
MARTINS
CORREIA**

Praça do Município, 32, 2.º

L I S B O A

Armador de Navios e agente de Navegação,
exportador de conservas, óleos de peixe, farinhas
de peixe, sucatas de ferro e fôlha de Flandres
e frutos do Algarve, e também importador

Fábricas de estanho em:

FARO e LISBOA (Ginjal)

Escritórios em:

PORTIMÃO, FARO e LISBOA

**ARMAZÉM DE
DROGAS E TINTAS
DE**

João d'Almeida J^{or}., L.^{da}

Fundado em 1896

FABRICANTES DO
ALVAIADE EM
MASSA, MARCA

F. E N I Z

22, Rua do Corpo Santo, 30

Telefone 2.0706

L I S B O A

**M A N U E L
LOURENÇO
R I B E I R O**

com oficina mecânica de vassouras,
escovas, pinceis e
cabos para tôdas as
aplicações do mes-
mo ramo, etc.

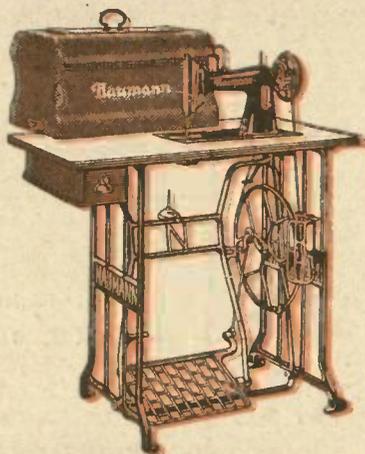
Calçada de D. Gastão, 9

Telefone: 38-296

L I S B O A

Naumann

as mais aperfeiçoadas máquinas de costura



APARELHOS DE PONTO AJOUR
DE ZIGUE-ZAGUE E DE CAZEAR

Óleos — Acessórios e Peças sobresselentes

Stand **Naumann**

LISBOA :

R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 171

PORTO :

RUA FERNANDES TOMAZ, 674

Agentes nos concelhos de :

Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Alportel, Castro Marim, Faro,
Lagôa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Portimão, Silves,
Tavira, Vila do Bispo e Vila Real de Santo António

MÁQUINAS DE ESCREVER

Erika
TRAUMANN



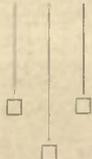
Ideal
TRAUMANN



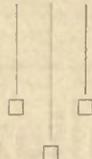
BICICLETAS

para HOMEM e SENHORA

WANDERER



GAZELA



Óleos — Acessórios e Peças sobresselentes
para Máquinas de Escrever e Bicicletas

Antes de comprar consulte o nosso agente local

Stand Naumann

LISBOA :

R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 171

PORTO :

RUA FERNANDES TOMAZ, 674

Agentes nos concelhos de:

Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Alportel, Castro Marim, Faro,
Lagôa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Portimão, Silves,
Tavira, Vila do Bispo e Vila Real de Santo António

BARREIRA & C.^A
(Irmãos)

●
CORTIÇAS
●

ESCRITÓRIOS:
Rua do Ouro, 170, 3.º
LISBOA **Portugal**

BARREIRAS
& SANCHO

●
Fabricantes de cortiças
e seus derivados
●

Telefone 41
Rua 28 de Maio
MONTIJO

Baltazar da Silva & C.^A L.^{DA}

FABRICANTES DE CORTIÇA
E SEUS DERIVADOS

●
PRAÇA DE DAVID LEANDRO DA SILVA, 20
POÇO DO BISPO

Telefone 38-007

LISBOA
PORTUGAL

ALMANAQUE DO ALGARVE

VOL. III — 1944

Índice dos nomes dos autores por ordem alfabética

Adelino Mendes	135	João de Deus.	88
António Santos (Antonito).	75	Joaquim Manso	135
A. S.	73	Julião Quintinha.	57
Bernardo de Passos.	127	Júlio Dantas	134
Brito Camacho	135	Júlio Lourenço Pinto	134
Cândido Guerreiro	62	Ruy Chianca	134
César dos Santos.	63	Ruy de Chelb.	78
Geraldino Brites	135	Oliveira Martins	134
		Vergílio A. Passos	69-124

Sumário da 1.ª Parte

Calendários

Calendário comercial	7
» dos meses	8 a 19
» agrícola	21 a 32
» Israelita	36

Dados Astronómicos

Eclipses	37
Fases da lua	37
Visibilidade dos planetas	39
Nascimentos e ocasos do Sol	39
Marés	39

Indicações úteis

Grandes feiras	8 a 19
Agenda do caçador	8 a 19
Feriados Municipais.	8 a 19
Contribuições e Impostos	8 a 19
O Tempo.	33
A hora das principais cidades do Mundo.	35
Eras cronológicas	35
Cômputo cronológico gregoriano	36
Imposto do sêlo	40
Serviços postais	40
» telegráficos.	43 e 44
Taxas ultramarinas.	45
Serviços de identificação civil	47
Principais praias de banho do país.	48
» serras do país e suas altitudes	48
» termas do país	49
Rádio — Estações Nacionais e algumas estrangeiras	53

Sumário da 2.ª Parte

Agricultura

Tratamento de Inverno das árvores de fruto	89
--	----

Caricaturas

Homens do Mar, desenho de Roberto Nobre.	113
--	-----

Contos

Tormenta, por Ruy de Chelb.	78
-------------------------------------	----

Diversos	
O saber não ocupa lugar	87
O fogo, eis o inimigo mais temível dos bens do lavrador	104
Um Algarvio, de 12 anos de idade, que quiere ser um grande homem.	133
Figuras do Algarve	
Eng. Duarte Pacheco — O Homem e a sua obra.	98
Bernardo de Passos e o aspecto social da sua obra, <i>pelo Dr. Vergilio A. Passos</i>	124
História	
Escutando a História no Promontório de Sagres, por A. S.	73
Poesia	
Batalha do Ocidente, <i>por Cândido Guerreiro</i>	62
Algarve em flor, <i>por António Santos (Antonilo)</i>	75
Versos de João de Deus	88
A Saudade do Mar, <i>por João Lúcio</i>	115
Entardecer, <i>por Bernardo de Passos</i>	127
Regionalismo e Turismo	
Algarve, provincia de encantos maravilhosos e inolvidáveis, <i>por Julião Quintinha</i>	57
Algarve florido, <i>por César dos Santos</i>	63
O Povo Algarvio, seus hábitos e suas predilecções, <i>por Vergilio A. Passos</i>	69
Praia da Rocha — O melhor clima da Europa	85
Aspectos da Praia da Rocha	86
Albufeira, praia das mais formosas e progressivas do Algarve	97
Lagos, a Costa de Oiro.	103
Roteiro da Vila Branca de Olhão, <i>por João Trigueiros</i>	106
Tavira, admirável cidade do Algarve, onde tudo nos encanta e seduz	111
Pescadores, <i>por Leão Penedo</i>	112
Impressões de Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António, <i>por José Barão</i>	117
S. Braz de Alportel, terra do poeta Bernardo de Passos	129
O Algarve visto por alguns escritores e jornalistas.	134
Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve	137



«ALMANAQUE DO ALGARVE» FOI IMPRESSO COM TINTAS DA CASA CH. LORILLEUX & C.^{IE} E É PROPRIEDADE DE FAUSTO GONÇALVES. AS GRAVURAS DA CAPA E OUTRAS, QUE ILUSTRAM O PRESENTE VOLUME, FORAM EXECUTADAS NAS OFICINAS BERTRAND (IRMÃOS)



João Batista Brito

HEAD OFFICE
VILA REAL DE
SANTO ANTÓNIO



DRIED FRUITS
ALMONDS
AND FIGS

Canned Fish

PORTUGAL

In brine and oliveoil
Sardines — Anchovies
and Chipchards

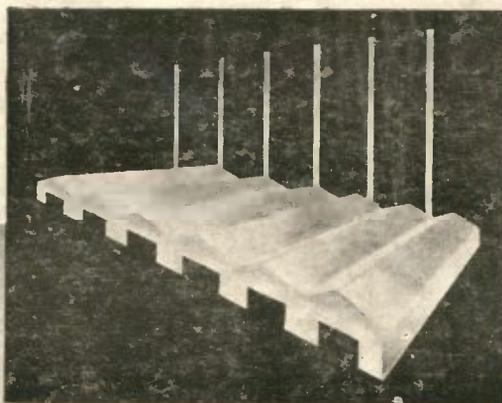


in Lisbon—Branches: 139, Rua dos Bacalhoeiros

Factories: in Vila Real de Santo António

AND OLHÃO

ALGARVE EXPORTADOR, L.^{DA}



SEDE
EM
LISBOA



 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

6 MARCAS PRINCIPAIS

NICE

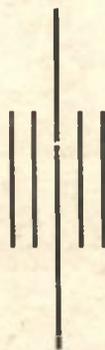
NICETTE

CINE

FLORA

CORAL

TRIADE



6 GRANDES FÁBRICAS EM PORTUGAL

LISBOA ● SETUBAL ● LAGOS ● PENICHE ● NAZARETH ● MATOZINHOS